



PPGL

Programa de Pós-Graduação
em Letras

Airton Pott

**O PAPEL DO LEITOR NA RECEPÇÃO DE *K.*: *RELATO DE
UMA BUSCA*, DE BERNARDO KUCINSKI:
PREENCHIMENTO DE LACUNAS E ATUALIZAÇÃO DO
TEXTO**

Passo Fundo, abril de 2020

Airton Pott

O PAPEL DO LEITOR NA RECEPÇÃO DE *K.*: *RELATO DE
UMA BUSCA*, DE BERNARDO KUCINSKI:
PREENCHIMENTO DE LACUNAS E ATUALIZAÇÃO DO
TEXTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) Ivânia Campigotto Aquino.

Passo Fundo

2020

CIP – Catalogação na Publicação

P865p Pott, Airton
O papel do leitor na recepção de K.: Relato de uma
busca, de Bernardo Kucinski: preenchimento de lacunas
e atualização do texto / Airton Pott. – 2020.
117 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de
Passo Fundo, 2020.

1. Análise do discurso narrativo. 2. Leitura. 3. Leitores.
4. Kucinski, Bernardo, 1937. 5. Redes sociais on-line.
I. Aquino, Ivânia Campigotto, orientadora. II. Título.

CDU: 82.09

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira - CRB 10/2427

AGRADECIMENTOS

Manifestar aqui meus agradecimentos
É, para mim, alegria e contento
Agradeço primeiramente a Deus
E depois à dona Lidia e ao seu Arlindo, pais meus
Que me ajudaram a escrever e estar na pista
E de minha vida ser protagonista
Papai e mamãe, minhas primeiras inspirações
Desde que nasci, temos moradas em nossos corações
Dessa forma, no plural, um mora no coração do outro, segurando juntos nossas mãos
Assim andam conosco também meus quatro irmãos.
Agradeço à Daiane, minha esposa
Que está ao meu lado
Eu amando-a, e também sendo amado
Voa como uma bela mariposa
Carregou em seu ventre nosso filho
Aquele que amo e nos meus olhos desperta brilho.
Gestado e que nasceu durante a escrita da dissertação
Arthur de mim já arranca lágrimas de emoção
Dá maior sentido à minha vida, muda as batidas do coração
Pai, mãe, irmão, esposa, filho são pessoas pelas quais tenho muito amor,
São aqueles com quem conto nos momentos de alegria e dor.
Agradeço ao Kucinski e sua família que viveu na ditadura
Sofreram, tiveram uma vida dura
Ainda bem que encontraram refúgio na literatura.
Aos receptores de *K.: relato de uma busca*, os leitores,
De informações propagadores,
Obrigado por se manifestarem a respeito dessa obra
Que a cada capítulo é uma revelação, uma manobra
Obrigado, *Skoob*, por ser essa rede social
Recurso de manifestação cultural.
Ao PPGL da UPF sou grato, e muito
Dois anos intensos, um grande circuito
Quatro professoras orientadoras, cada uma com sua formosura
Professora Fabiane Verardi, a primeira, e muito generosa
Professora Rejane Pivetta, a matriarca que me apresentou o autor e sua criatura
Ela muito me auxiliou, com bravura
Professora Márcia Helena Saldanha Barbosa
Merece muito mais que um “cheiro” e uma rosa
Professora que me acolheu com braços abertos e me deu amparo e proteção
Professora Ivânia Campigotto Aquino, da banca à orientação
Também a ela sou grato de coração
Por falar em banca, professores Francisco Fianco e Regina Kohlrausch, arguidores,
Mas a cada palavra proferida mostraram ser excelentes professores
Agradeço à colega Camila Bozza, pelo convívio e pelo coleguismo
Obrigado pelas conversas, saídas do nosso abismo
Que possamos todos sermos receptores de Dona “Culta” e suas memórias
À colega Luana Andretta, dedico muita glória, gratidão,
Pelo amparo e iluminação

Foram muitas lutas, mas não vãs, pois também há vitórias.
Obrigado ao passado, ao presente e ao futuro,
Caminhada de décadas que me tornaram mais maduro.
Obrigado a cada um que me dá esperança
E me ajuda em minha andança
Peregrino com alma de criança!
Que a vida seja de muitos textos e de leitura!
Que mesmo os com temática dura
Conquistem e emocionem leitores
De informações, disseminadores
A cada pessoa que torna o mundo melhor por meio de seu braço
Desejo sucesso e mando aquele abraço!

“Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu”.
Chico Buarque

RESUMO

K.: relato de uma busca, o livro; Bernardo Kucinski, o autor; *Skoob*, a rede social onde se manifestaram alguns leitores. Estes são os integrantes dos *corpora* de nossos estudos a respeito da recepção de um livro contemporâneo, publicado pela primeira vez em 2011, mas que ganhou relevância em 2014, quando foi publicado por uma editora mais conhecida. Tendo como temática de sua narrativa a história de um pai que busca por sua filha desaparecida durante a ditadura militar, *K.: relato de uma busca* guarda em suas páginas muitas informações reveladoras, inclusive baseadas em fatos reais. Muito há neste livro de Kucinski para ser identificado pelos seus leitores, e é isto que pretendemos averiguar por meio dos comentários de internautas da *Skoob* a respeito de *K.: relato de uma busca*. Ancoramos nossos estudos nas teorias da recepção de Jauss (1979, 1994), e da hermenêutica literária, aludidos por Zilberman (1989), e sobre o efeito estético, de Iser (1996a, 1996b, 1999a, 1999b). Também visitamos conceitos relacionados à teoria das mediações, principalmente de Martín-Barbero (1997), já que este aborda conceitos que julgamos fundamentais à nossa pesquisa e são, de certa forma, relacionados à estética da recepção. No capítulo de análises, porém, escalamos Gagnebin (2006), Seligmann-Silva (2000) e Figueiredo (2017) para nos auxiliarem na compreensão de palavras voltadas à história, já que não é escopo da estética da recepção abordá-los. Por tratar-se de um livro com cunho relacionado à ditadura militar, período histórico, estes estudiosos nos ajudam na compreensão inclusive de alguns termos empregados pelos internautas da *Skoob*, receptores do livro *K.: relato de uma busca*. Conceitos, palavras e afirmações como *esquecimento*, *memória*, *lembranças*, *ausência*, *trauma*, e tantos outros termos que ajudam na retratação e rememoração de acontecimentos relacionados ao sofrimento de vítimas de um período como a ditadura militar auxiliam os leitores a expressarem suas leituras e compreensões realizadas a respeito de um livro como *K.: relato de uma busca*. No entanto, também inúmeros conceitos das teorias da recepção, do efeito estético e das mediações culturais são aportes essenciais para a análise dos comentários registrados na rede *Skoob* a respeito do livro de Kucinski. Diante do fato de cada leitor possuir sua própria formação cultural, é natural que cada um enfatize aspectos diferentes do livro em questão, o que aconteceu com os comentários a respeito de *K.: relato de uma busca*. Por isso, separamos os comentários ou parte deles com

relação às características que mais nos chamaram a atenção e se sobressaíram em questão de quantidade e abordagem enfática. Houve certa unanimidade por parte dos leitores participantes da rede *Skoob*, receptores de *K.: relato de uma busca*, quanto à leitura da obra de Kucinski, destacando aspectos positivos a respeito dela. Aliás, muitos dos internautas nos surpreenderam com seus comentários, salientando com destreza e conhecimento a respeito do livro, do autor, e até mesmo realizar comparações destes com outros autores, obras e períodos históricos.

Palavras-chave: Recepção, leitura, *K.: relato de uma busca*, narrativa, *Skoob*.

ABSTRACT

K.: relato de uma busca, the book; Bernardo Kucinski, the author; *Skoob*, the social network where some readers expressed themselves. These are the members of the *corpora* of our studies regarding the reception of a contemporary book, first published in 2011, but which gained relevance in 2014, when it was published by a better known publisher. Taking as its narrative theme the story of a father searching for his missing daughter during the military dictatorship, *K.: relato de uma busca* keeps in his pages many revealing information, including based on real facts. There is much in this Kucinski book to be identified by its readers, and this is what we intend to ascertain through comments from *Skoob* Internet users about *K.: relato de uma busca*. We anchor our studies on the theories of reception by Jauss (1979, 1994), and literary hermeneutics, synthesized by Zilberman (1989), and on the aesthetic effect of Iser (1996a, 1996b, 1999a, 1999b). We also visited concepts related to the theory of mediations, especially by Martín-Barbero (1997), as it addresses concepts that we consider fundamental to our research and are, in a way related, to the aesthetics of reception. However, in the analysis chapter, we have scaled Gagnebin (2006), Seligmann-Silva (2000) and Figueiredo (2017) to help us understand words that are history oriented, since it is not the scope of reception aesthetics to address them. Because it is a book related to the military dictatorship, historical period, these scholars help us to understand even some terms used by the users of *Skoob*, recipients of the book *K.: relato de uma busca*. Concepts, words and statements such as *forgetfulness, memory, memories, absence, trauma*, and many other terms that help in retracting and recalling events related to the suffering of victims of a period such as the military dictatorship help readers express their readings and understandings. About a book like *K.: relato de uma busca* report of a search. However, countless concepts of reception theories, aesthetic effect and cultural mediations are also essential inputs for the analysis of comments recorded in the *Skoob* network about Kucinski's book. Given the fact that each reader has his or her own cultural background, it is natural for each reader to emphasize different aspects of the book in question, as happened with comments about *K.: relato de uma busca*. Therefore, we separated the comments or part of them regarding the features that caught our attention and stood out in terms of quantity and emphatic approach. There was a certain unanimity on the

part of readers participating in the *Skoob* network, recipients of *K.: relato de uma busca*, regarding the reading of Kucinski's work, highlighting positive aspects about it. In fact, many of the Internet users surprised us with their comments, emphasizing with dexterity and knowledge about the book, the author, and even when making comparisons with other authors, works and historical periods.

Keywords: Reception, reading, *K.: relato de uma busca*, narrative, *Skoob*.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a estrutura do livro.....	62
Figura 2 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a estrutura do livro.....	63
Figura 3 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a estrutura do livro.....	63
Figura 4 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a estrutura do livro.....	64
Figura 5 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a estrutura do livro.....	65
Figura 6 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a estrutura do livro.....	66
Figura 7 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a estrutura do livro.....	67
Figura 8 – Comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	69
Figura 9 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	69
Figura 10 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	70
Figura 11 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	71
Figura 12 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	72
Figura 13 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	73
Figura 14 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	74
Figura 15 – Comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	75
Figura 16 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	77
Figura 17 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a realidade e a ficção.....	78
Figura 18 – Comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de <i>K.: relato de uma busca</i>	79
Figura 19 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de <i>K.: relato de uma busca</i>	80
Figura 20 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de <i>K.: relato de uma busca</i>	80
Figura 21 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de <i>K.: relato de uma busca</i>	81

Figura 22 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de <i>K.: relato de uma busca</i>	83
Figura 23 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de <i>K.: relato de uma busca</i>	85
Figura 24 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de <i>K.: relato de uma busca</i>	86
Figura 25 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de <i>K.: relato de uma busca</i>	86
Figura 26 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	88
Figura 27 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	89
Figura 28 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	90
Figura 29 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	92
Figura 30 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	94
Figura 31 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	95
Figura 32 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	97
Figura 33 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	99
Figura 34 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre a busca do pai pela filha em <i>K.: relato de uma busca</i>	100
Figura 35 – Comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre os impactos causados pelo livro <i>K.: relato de uma busca</i>	101
Figura 36 – Comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre os impactos causados pelo livro <i>K.: relato de uma busca</i>	102
Figura 37 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre os impactos causados pelo livro <i>K.: relato de uma busca</i>	103
Figura 38 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre os impactos causados pelo livro <i>K.: relato de uma busca</i>	104

Figura 39 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre os impactos causados pelo livro <i>K.: relato de uma busca</i>	104
Figura 40 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre os impactos causados pelo livro <i>K.: relato de uma busca</i>	105
Figura 41 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre os impactos causados pelo livro <i>K.: relato de uma busca</i>	106
Figura 42 – Parte de comentário de internauta da <i>Skoob</i> sobre os impactos causados pelo livro <i>K.: relato de uma busca</i>	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sintetização dos principais resultados averiguados em comentários dos internautas da <i>Skoob</i> sobre a obra <i>K.: relato de uma busca</i>	108
--	-----

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
2 AS TEORIAS DA RECEPÇÃO, DO EFEITO ESTÉTICO E DA MEDIAÇÃO.....	20
2.1 O preenchimento de lacunas e a ação do texto ficcional.....	21
2.2 Os lugares vazios, a perspectivização e as potências de negação.....	24
2.3 As mediações e seu papel na recepção do texto.....	31
2.4 Hermenêutica literária e proposta metodológica.....	36
3 O AUTOR, O TEXTO E O PÚBLICO RECEPTOR: DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS.....	43
3.1 O autor: trajetória de Bernardo Kucinski.....	43
3.2 Composição da obra <i>K.: relato de uma busca</i>	49
3.3 Internautas da <i>Skoob: feedback</i> do público.....	59
4 RECEPÇÃO DE <i>K.: RELATO DE UMA BUSCA</i>: AS LACUNAS PREENCHIDAS PELOS LEITORES NA REDE SOCIAL <i>SKOOB</i>.....	61
4.1 Considerações dos leitores sobre a estrutura e a linguagem de <i>K.: relato de uma busca</i>	62
4.2 Realidade <i>versus</i> ficção.....	68
4.3 Relações (a)temporais entre passado, presente e futuro.....	79
4.4 A ditadura na obra <i>K.: relato de uma busca</i> : a busca do pai pela filha.....	89
4.5 O sofrimento por trás da obra: emoções e sensibilizações do autor e do leitor.....	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	116

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sejam todos bem-vindos e recepcionados confortavelmente! A literatura é um mundo de possibilidades, as quais são propiciadas por uma parceria estabelecida entre o autor e seus leitores. O texto, portanto, permite viagens sem que se saia do lugar, e nele são possíveis diferentes criações, representações e, inclusive, refúgios. Muitos autores recorrem à literatura, à ficção, para expressarem seus conflitos, seus medos, suas vivências, ou até de outros sujeitos – familiares, amigos e de pessoas que nem conheçam. E quando o leitor é convidado a ler um texto que representa as vozes silenciosas de consciências aniquiladas em determinado período histórico que encontraram espaço e resistência na literatura?

No período da ditadura militar, por exemplo, muitas vítimas tiveram suas vidas cessadas e seus gritos de socorro foram tortuosamente silenciados inclusive em porões. Contemporaneamente, deparamo-nos com inúmeros autores que registram, em seus textos ficcionais, histórias que representam a saga de pessoas que viveram experiências traumáticas naquelas décadas, conhecidas popularmente como anos de chumbo.

Diante disso, este trabalho justifica-se por trazer para o centro da pesquisa discussões a respeito de um desses autores, Bernardo Kucinski, mais especificamente acerca da recepção crítica de seu livro intitulado *K. relato de uma busca*, publicado pela primeira vez em 2011. Para analisar tal recepção, recorreremos à comunidade virtual *Skoob*, que contempla opiniões de uma vasta faixa de leitores, identificados por interesses e gostos em comum. Assim, pretendemos entender a percepção desse diversificado público acerca dessa obra, e o que lhes chamou atenção na recepção dela, seja quanto à linguagem adotada pelo autor, à estrutura da narrativa, à temática, à história, entre outras características.

Quanto à rede *Skoob*, sua escolha deve-se ao fato de ser a maior rede social destinada a leitores do Brasil, abarcando, portanto, um público bastante amplo que manifesta suas opiniões em resenhas e comentários sobre as obras lidas. O período considerado para a coleta das postagens de leitores na rede *Skoob* foi aquele compreendido entre o ano de publicação da obra em questão até o início de maio de 2019.

Um dos inúmeros motivos que nos levou à escolha de *K.: relato de uma busca* é o da sua considerável recepção por leitores que se manifestaram em veículos online a fim de registrarem impressões e comentários a respeito da leitura que realizaram da obra em questão.

Nessa perspectiva, também esse número satisfatório contribui para a compreensão da aceitação de *K.: relato de uma busca* pelos seus leitores.

Salientamos que foi selecionada a obra *K.: relato de uma busca* também devido às representações da ditadura civil-militar brasileira feitas nela, identificando os principais acontecimentos, personagens, posicionamentos políticos e estratégias narrativas. Além do mais, *K.: relato de uma busca* foi publicado em 2011, sendo que, em 2016, já estava em sua quarta edição, fato que garante visibilidade à obra junto à crítica e ao público em geral.

Bernardo Kucinski é um autor que parece ter ganho bastante destaque nas mídias nos últimos anos e, portanto, é aclamado pela crítica e por leitores em geral. Possivelmente a repercussão de suas obras deu-se, e ainda se dá, entre outros fatores, por causa das vivências e experiências do autor, inclusive as relacionadas à ditadura, como o caso do desaparecimento de sua irmã, Anna Rosa, naquele período.

Haja vista que há uma quantidade significativa de matéria a respeito de Bernardo Kucinski e de sua obra selecionada para a composição dos *corpora*, julgamos suficiente e considerável o material selecionado para uma análise minuciosa, dentro dos objetivos almejados. Tudo isso é resultante de sua trajetória como escritor, jornalista e romancista, sua posição e seu lugar no campo literário brasileiro.

Em linhas gerais, a nossa análise consistirá na identificação dos pressupostos críticos que orientam a recepção da obra selecionada de Kucinski em manifestações dos leitores na rede *Skoob*. A descrição e a análise da representação da ditadura na obra do autor também serão necessárias, tendo em vista sua contextualização face ao acontecimento histórico do passado e sua reflexão no presente.

Realizamos inicialmente a revisão da bibliografia teórica, relativa à estética da recepção e à teoria do efeito estético, desenvolvidas, respectivamente, por Jans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1996a, 1996b, 1999a, 1999b). Também ancoramos nossa abordagem nos estudos de Zilberman (1989), sobretudo a respeito da estética da recepção e da hermenêutica literária. Depois, procedemos a uma análise da obra supracitada de Kucinski, bem como da recepção dela por meio de manifestações de leitores na rede social *Skoob*. Dessa forma, a pesquisa também é bibliográfica e documental, de natureza descritiva e analítica.

Salientamos que os dados coletados são subsídios para o embasamento da proposta maior, que é analisar a recepção de *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, por meio das lacunas preenchidas pelos leitores participantes da rede social *Skoob*. Na análise de dados, nossos estudos seguem o método interpretativo hermenêutico, que possibilitam a interpretação

de textos produzidos por leitores de Kucinski, o que intensifica o caráter estético-recepcional aqui considerado nos estudos bibliográficos.

Nosso capítulo teórico, intitulado “As teorias da recepção, do efeito estético e da mediação”, é fundamentado principalmente nos estudiosos acima mencionados. Trazemos à baila conceitos próprios da estética da recepção, do efeito estético e sobre mediações, estas fundamentadas em Martín-Barbero (1997). No final deste capítulo, abordamos a hermenêutica literária, descrevendo o método de análise da recepção do texto analisado por Zilberman (1989).

O próximo capítulo, “O autor, o texto e o público receptor: descrição dos elementos” é destinado à descrição das partes constituintes do nosso corpus e coleta de dados. Traçamos algumas informações sobre a vida de Bernardo Kucinski, enfocando sobre sua trajetória como escritor. Na sequência, realizamos considerações sobre sua obra *K.: relato de uma busca*, a qual fundamenta nossa pesquisa. Por fim, descrevemos o público receptor dessa obra, que nos fornece o material de análise.

O capítulo destinado às análises, “Recepção de *K.: relato de uma busca*: as lacunas preenchidas pelos leitores na rede social *Skoob*”, ainda comporta os estudos do capítulo teórico aliados às análises dos *corpora* descritos no capítulo anterior. Devido ao fato de os internautas participantes da *Skoob* manifestarem diferentes assuntos relacionados ao livro, dividimos os comentários em cinco grupos: “Considerações dos leitores sobre a estrutura e a linguagem de *K.: relato de uma busca*”; “Realidade versus ficção”; “Relações (a)temporais entre passado, presente e futuro”; “A ditadura na obra *K.: relato de uma busca*: a busca do pai pela filha”; e “O sofrimento por trás da obra: emoções e sensibilizações do autor e do leitor”.

A fim de investigarmos sobre a representação desse período traumático – a ditadura no Brasil – na obra de Kucinski, também convocamos, no capítulo de análise, aportes que discutem as relações entre narrativa, história e memória, de autores como Jeanne Marie-Gagnebin (2006), Márcio Seligmann-Silva (2000) e Eurídice Figueiredo (2017). O livro de Figueiredo (2017), *A literatura como arquivo da ditadura*, aliás, é resultante de sua tese de doutorado e tem *K.: relato de uma busca* como um dos componentes de sua pesquisa.

Os estudos dos autores mencionados permitem-nos fazer uma melhor abordagem a respeito de termos e conceitos como *trauma*, *memória* e *esquecimento*, relacionados à época da ditadura militar, período relacionado à história narrada no livro sobre o qual analisamos sua recepção por determinado público. Conceitos estes que nos auxiliam nas análises e compreensões a respeito da recepção do livro *K.: relato de uma busca* e que não são de interesse dos estudos estética da recepção, do efeito estético e das mediações, linhas teóricas nas quais ancoramos nossa abordagem teórica.

É importante ressaltarmos que outros trabalhos sobre *K.: relato de uma busca* já foram realizados. Um deles, “O peso do corpo ausente: Estratégias narradas em *K.- relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski”, de Eneida Cristina Corrêa de Castro, da Universidade de São Paulo (USP). Esta pesquisa enfoca sobre essa obra e os impactos dela sobre a memória da ditadura, diferentemente da nossa pesquisa, que se vale da obra de Kucinski para analisar a recepção de uma obra desse período de nossa história.

Luciane Maria Said Andersson, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) também fundamentou sua pesquisa em *K.: relato de uma busca*, intitulada “As cadeias da humanidade são feitas de papel: o testemunho da ditadura civil-militar no romance K”. No entanto, ela analisa a tensão entre literatura e testemunho que move o romance de Bernardo Kucinski, sendo, portanto, uma pesquisa completamente diferente do nosso enfoque.

Várias pesquisas levam em consideração a recepção de determinada obra. Igor Andreas Rodrigues Bandim, da Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, pesquisou sobre “A metamorfose de Carone: sobre a recepção de Franz Kafka no Brasil”. Já Lígia Ribeiro de Souza Zotesso, da Universidade Estadual de Maringá, fundamentou seus estudos em “A recepção de *O menino do pijama listrado* por leitores adultos da biblioteca de Maringá”. Nenhum estudo, porém, foi encontrado sobre a recepção de *K.: relato de uma busca*, o que torna nossa pesquisa exclusiva e inovadora.

Enfim, nossos estudos são frutos de escolhas em detrimento de outras opções. No entanto, *K.: relato de uma busca* mostrou-se um livro mobilizador de sentimentos e emoções em considerável parte de seu público receptor. Sem dúvidas, a literatura possui uma voz capaz de refugiar alternativos espaços e ecoar infinitas vozes. Por meio de sua obra, Bernardo Kucinski convidou inúmeros leitores a testemunharem junto a ele o resgate das vozes silenciadas em tempos de outrora. E é o resultado disso que queremos analisar considerando os comentários de determinado público receptor de sua obra.

2 AS TEORIAS DA RECEPÇÃO, DO EFEITO ESTÉTICO E DA MEDIAÇÃO

Partimos da premissa de que tudo tem um começo e muito mais elementos envolvidos do que parece, sobretudo um texto. Diante dessa circunstância, ressaltamos que no processo de leitura três elementos são necessários – autor, texto e leitor. Outrossim, nessa tríade, a recepção do texto e também o seu efeito estético são, frequentemente, algumas das preocupações do primeiro sujeito envolvido nesse fenômeno. Afinal, o segundo, o texto, precisa despertar o interesse do terceiro elemento (o leitor). Caso contrário, as ligações entre essas três partes são interrompidas ou não realizadas de maneira satisfatória.

Nessa perspectiva, o resultado da criação do autor, que é o texto, precisa ser cativante para o receptor deste – o leitor, a fim de que este atualize as informações ali contidas. Logo, há no processo de leitura atividades guiadas por uma série de fatores, sobretudo pelo texto. Tudo isso pressupõe uma relação de interação. De acordo com Iser (1999a), a interação é a relação recíproca resultante da leitura como uma atividade guiada pelo texto e que engloba o processamento do texto com o leitor, sendo este afetado por tal processo.

O autor possui papel fundamental e grande influência também no processo da recepção do texto realizado pelo leitor por meio da leitura, uma vez que é quem escreve o texto que precisa deixá-lo atraente ao leitor. No entanto, não é tarefa fácil pensar nos leitores, visto que eles não possuem um único perfil, que cada um possui sua individualidade.

A partir da teoria do efeito estético de Iser (1999a), inferimos que o escritor, porém, não pode se esquecer que o processo de leitura é feito com maior eficácia pelo leitor quando há uma identificação deste com aquilo que está escrito no texto e que, de certa forma, possui relação com o que o receptor da obra já vivenciou ou, pelo menos, é de seu conhecimento. Essas experiências e conhecimentos prévios auxiliam o leitor a desvendar pistas lançadas e, portanto, ajudam na compreensão e no envolvimento dele com o enredo da história e com o desvendamento de seus mistérios que até aquele momento eram desconhecidos ou ainda não revelados àquele que atualiza o texto durante o ato de ler.

Afinal, a instigação à leitura está justamente no ato da descoberta de novas informações durante o ato de ler, mesmo que nem tudo esteja explícito. No entanto, o novo a ser aprendido a partir da leitura do texto certamente possui uma relação com algo já conhecido pelo leitor, o que é salientado também por Jauss (1994, p. 28):

Ademais, a obra que surge não se apresenta com novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante

definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculada, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores.

Quando o texto, sobretudo o literário, é inspirado em fatos verídicos, a motivação para a leitura pode partir desses fatos. Dado o exposto, lembramos de Iser (1999b, p. 7) quando ele afirma que “[...] reconhecemos na literatura tantos elementos que fazem parte de nossa própria existência. Eles apenas são combinados de forma diferente – em outras palavras – constituem um mundo familiar reproduzido de forma não-familiar.”.

Em linhas gerais, ressaltamos que ao processo de leitura estão interligados inúmeros conceitos evidenciados pela estética da recepção de Jauss (1994), bem como pela teoria de Iser (1996a, 1996b, 1999a, 1999b) sobre o efeito estético e também pelos estudos sobre mediações de Martín-Barbero (1997). Abordamos, a seguir, os conceitos relacionados ao preenchimento das lacunas realizado pelos leitores durante a leitura e recepção do texto e ao modo como ocorre a atualização das informações por meio desse processo. Na sequência, aprofundamos algumas noções sobre os lugares vazios, as perspectivizações e as potências de negação, conceitos primordiais, postulados por Iser (1999b), para nossa pesquisa. Por último, apresentamos a hermenêutica literária, o método de análise da recepção do texto explanado por Zilberman (1989).

2.1 O preenchimento de lacunas e a ação do texto ficcional

O texto é a correlação entre dois mundos distintos – o do autor e o do leitor. A partir disso, é possível sentir prazer na leitura daquilo que o outro escreveu. Dessa maneira, “o prazer estético realiza-se sempre na relação dialética do prazer de si no prazer no outro (*Selbstgenuss im Fremdgenuss*).” (JAUSS, 1979, p. 98), ou seja, o leitor pode ter sensações e percepções a partir daquilo que o autor escreveu no texto. Consoante Iser (1996a, p. 334), “o prazer do texto parece oferecer o que no mundo da vida real não pode ser alcançado.”. O texto, nessa perspectiva, guarda em si informações e proporciona ao leitor um prazer único, e também pode ser um lugar de sensibilização a quem o recebe.

Além do mais, o texto, principalmente o literário, pode também instigar à imaginação de histórias, as quais são atualizadas pelo leitor. Dessa forma, as informações contidas no texto lido são revividas e (re)condicionadas por intermédio do leitor. Uma vez que o texto guarda informações, cabe ao leitor apreender sua composição, articulada estrategicamente pelo autor.

Afinal, é o autor quem “predetermina a recepção, oferecendo orientações a seu destinatário.” (ZILBERMAN, 1989, p. 34).

Portanto, o caráter recepcional do texto está diretamente ligado ao imaginário do leitor, haja vista que “o imaginário desenvolve-se como postulação, ruptura e transforma-se-em-outro (*Anderswerden*), de modo que toda determinação se comprova sempre como fenômeno produzido, e não originário.” (ISER, 1999a, p. 248). Dessa maneira, o que resulta do processo imaginativo é possibilitado pelo autor e pelo texto, que forneceram subsídios para que a imaginação se tornasse possível. No entanto, esta nova imaginação realizada pelo leitor é um rompimento, algo novo, transformado em outro, pois na perspectiva do autor era diferente, indeterminado e talvez até desconhecido.

Segundo Jauss (1994, p. 97), “se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte de *representação*.”. Em razão disso, representar algo no texto literário é apenas uma das possibilidades na literatura, visto que entre a primeira e a última palavra de um texto está um mundo novo, um mundo único.

Essa percepção de Jauss (1994) sobre a literatura e sua representação enfatiza que nesse mundo novo pode inclusive haver o indistinguível entre o real e o ficcional. No entanto, na maioria das vezes isso é algo percebido como positivo pelos leitores, pois essa pode ser uma das inúmeras estratégias selecionadas pelo autor quando escreveu o texto. Tais recursos do escritor podem ser associados aos três níveis textuais evidenciados por Iser (1999b, p. 20), já que estão interligados às lacunas do texto:

Porém, a frequência das lacunas pode, também, ser significativa para outro tipo de classificação de níveis textuais. Podem predominar no nível sintático – ou seja, no sistema reconhecível de regras responsável por dispor os padrões textuais numa ordem premeditada. Podem predominar no nível pragmático – ou seja, na intenção buscada. Ou podem, finalmente, predominar no nível semântico – ou seja, na produção de sentido, que é a tarefa primeira do leitor. Qualquer que seja a distribuição de lacunas em cada um dos níveis, elas terão diferentes consequências no processo de direcionamento do leitor, o qual depende, em grande parte, do nível textual específico no qual predominam.

A partir das ressalvas feitas anteriormente reforçamos que os mecanismos usados pelo autor e relacionados aos três níveis têm também um propósito representativo para o leitor, uma vez que eles direcionam este. Nesse direcionamento estão implícitos vários propósitos: registrar, arquivar, informar, testemunhar, representar o mundo real. Cabe, porém, aos leitores identificarem as informações e fazerem inferências sobre as intenções do autor lançadas por ele

através das palavras, as quais são, portanto, pistas deixadas aos receptores do texto. Esses vestígios deixados pelo autor almejam a uma imaginação fértil do receptor do texto.

Dentre as finalidades incontestáveis do texto destacamos a de que os textos ficcionais “são instrumentos que ajudam a resolver problemas e que serviam [...] na era moderna, para a extensão da mente humana.” (ISER, 1996a, p. 124). Essa compreensão de Iser (1996a) permite caracterizar o texto como extensão da mente humana por que faz com que o texto percorra caminhos diferentes, ou seja, guarda informações até então desconhecidas ou, pelo menos, ainda não evidenciadas.

Conforme Iser (1996a, p. 132), “a forma enquanto ficção aponta para sua dependência do discurso e da forma enquanto lei aponta para sua dependência da necessidade.”. Ratificamos, assim, que a lei, fatura do texto, é única, incontestável, sem linguagem conotativa por exemplo. Já a ficção é multissignificativa, e ocorre por meio do discurso, de sua forma, de sua estrutura. Passível de aceitação, compreensão e interpretação, a ficção mobiliza o imaginário do leitor por intermédio do texto.

Iser (1999a) assevera sobre o texto ser um veículo da leitura e que, portanto, é inacabado. Logo, ele precisa do leitor para lhe dar significação. Vale ressaltar que este, diante da recepção do texto, o objeto estético, torna-se um “co-criador da obra, à medida que conclui a concretização de sua forma e de seu significado.” (JAUSS, 1979, p. 103). Assim, o leitor tem papel fundamental no processo de atualização do texto e das informações nele contidas.

Outrossim, a atualização do texto comprova que ele é relevante a alguém, ou pelo menos, recebido por leitor(es), mas isso não pressupõe que este(s) não possa(m) lhe atribuir novos sentidos, e modificar informações nele contidas. Tal alerta é realizado por Zilberman (1989, p. 33), a qual corrobora que “a possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém, como as leituras diferem a cada época, a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo.”.

Assim, se cada leitor tem suas vivências e seus conhecimentos únicos, cada um acrescenta suas singularidades também no processo de leitura e interpretação e, conseqüentemente, obtém suas particulares percepções e conclusões. A tal fato, Iser (1999a, p. 129) acrescenta o que ele chama de incorporação: “o leitor precisa reformular o texto formulado para poder incorporá-lo.”.

Portanto, ratificamos, graças a Iser (1999a), que é inegável que a arte dificulta a percepção devido à sua complexidade, à sua linguagem figurada, às suas informações e sentidos muitas vezes subliminares, às transgressões temporais das narrativas, às formas de prender o leitor e, assim, conquistá-lo com seu enredo composto por um jogo de palavras, digressões,

pistas, perguntas, dúvidas, mas tudo isso contribui para despertar o prazer do leitor pela leitura do texto. Ao ser lido, o texto também é atualizado, haja vista que, enquanto o leitor aprende com ela, ele a atualiza e a aprecia.

Conforme Jauss (1994), a obra literária não tem a significação de sua existência nela própria, e sim em propósitos prévios planejados pelo autor, dos quais, aliás, o leitor pode não possuir conhecimento ou domínio. E o contrário também se faz realizável, pois o autor não tem conhecimento sobre o que seu leitor sabe e, portanto, as informações do texto enquanto recebidas pelo leitor também podem ser modificadas durante a leitura e, assim, ocorre a atualização do texto, não mais sendo o autor o sujeito ativo. Portanto, a obra de arte “é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual [...]”. (JAUSS, 1994, p. 25).

Em virtude disso, ambos – leitor e obra – são interdependentes. Iser (1999a, p. 3) já frisava que, “ao mesmo tempo, deve-se assinalar que um texto só pode adquirir vida quando é lido e, se deve ser examinado, precisa ser visto através dos olhos do leitor.”. Portanto, são os leitores que dão vida e ressignificações ao texto através do processo de leitura.

Iser (1996a, p. 330) teoriza sobre o jogo do texto, que é justamente essa troca entre texto e leitor: “o leitor se aproxima mais do jogo do texto quanto mais se amplia a consciência de ser jogado pelo texto.”. Ou seja, o leitor modifica o texto devido a sua constituição como sujeito ativo, receptor do texto, mas, ao mesmo tempo, é modificado através daquilo que lê, adquirindo novos conhecimentos e informações, ou agregando-os aos que já possui.

Portanto, a recepção do texto depende dos seus leitores, sejam eles críticos literários ou demais pessoas da sociedade. Independentemente de quem sejam os receptores do texto, eles podem passar adiante informações sobre aquilo que leram, e as mídias, sobretudo digitais, como veículos literários e redes sociais, são eficazes meios para tais intenções. Assim, as informações ocorrem por meio de lugares vazios, lacunas, perspectivizações e potências de negação. Para aprofundarmos e compreendermos tais conceitos de Iser (1999a), tratamos a respeito disso e de outros elementos afins no próximo subcapítulo.

2.2 Os lugares vazios, a perspectivização e as potências de negação

A fim de aprofundarmos os estudos sobre o processo de leitura e os fenômenos entrelaçados a ele, continuamos a considerar a teoria do efeito estético, voltando-nos àquilo que não está respondido de imediato no texto. Afinal, o que ainda não foi descoberto pelo leitor, ou seja, o caráter indeterminado da obra, pode ser justamente um dos principais motivadores da

continuidade na leitura. Encontramos em Iser (1999b, p. 11) evidências de que “as seções indeterminadas ou lacunas dos textos literários não devem ser consideradas, de forma alguma, como defeito; ao contrário, são um elemento básico para resposta estética.”

Dessa forma, as indeterminações ou lacunas, teorizadas por Iser (1999b), são fatores que contribuem para que o leitor continue a leitura, já que este, curioso, tende a permanecer na leitura devido à vontade de descobrir aquilo que ainda não lhe foi revelado. Aliás, é a partir das indeterminações ou das lacunas que o leitor faz suas próprias interpretações, percepções e, assim, tornar-se sujeito ativo e importante no processo interativo entre autor-texto-leitor.

Associados às explanações de Iser (1999a) a respeito das lacunas estão outros elementos do texto que são encontrados pelo leitor durante a realização da leitura. Um dos que está diretamente relacionado ao texto é o que Iser (1999a) intitula de “lugares vazios”. Segundo a teoria do efeito estético, “uma vez que os lugares vazios interrompem as possibilidades de conexão de segmentos textuais, esse processo só se completa na imaginação do leitor.” (ISER, 1999a, p. 130). Em outras palavras, os lugares vazios são possibilidades de conexão encontradas ao longo de diferentes partes do texto a fim de que a imaginação do leitor seja instigada.

Desse modo, “os lugares vazios das enunciações rompem com as expectativas em relação ao diálogo na medida em que o ponto de referência não é o que é dito, mas o não-dito”. (ISER, 1999a, p. 142). O não-dito no texto, portanto, instiga o leitor a continuar a leitura para que ele busque pelas informações ainda não descobertas, uma vez que “interrompendo a coerência do texto, os lugares vazios se transformam em estímulos para a formação de representações por parte do leitor.” (ISER, 1999a, p. 144).

Sendo estimuladores para o leitor, os lugares vazios “funcionam como estrutura autorreguladora; o que por eles é suspenso impulsiona a imaginação do leitor: trata-se de ocupar através de representações o que é encoberto.” (ISER, 1999a, p. 144). Essa ocupação feita pelos leitores por meio de sua imaginação graças às representações podemos associar ao que Zilberman (1989, p. 81), teorizadora dos estudos da estética da recepção, descreve como “oscilação entre encobrimento e revelação.”, ou seja, um jogo entre o dito e o não-dito, entre o que está explícito e o que cabe ao leitor imaginar.

Outro elemento importante durante o processo de recepção de um texto é a perspectivização, também caracterizada por Iser (1989). Segundo ele, “no fluxo da leitura, o ponto de vista do leitor salta entre as perspectivas, de modo que o segmento que era tema se desloca para a posição de horizonte, fazendo com que seja focalizado aquele segmento que agora é tema.” (ISER, 1999a, p. 150). Como se percebe, as perspectivizações estão relacionadas

àquilo que é mostrado ou enfatizado e ao que é sugerido com relação que está escrito e é abordado a respeito daquele segmento temático.

Além do mais, desse processo de relação entre tema e horizonte “resulta uma consequência importante para o processo de comunicação. Em virtude da estrutura de tema e horizonte, os segmentos não só aparecem numa relação recíproca; a estrutura também condiciona sua transformação.” (ISER, 1999a, p. 150). Em outros termos, isso significa que os segmentos estão relacionados ao tema, mas também à estrutura, sendo que ambos estão relacionados entre si e influenciam no processo de comunicação do texto, consumado pelo processo da leitura.

Diante disso, salientamos, também, segundo Iser (1999a, p. 147) que “no processo da leitura, o ponto de vista apenas focaliza determinados segmentos das perspectivas e a perspectivização, portanto, salta de um segmento para outro, transformando a sucessão temporal e heterogênea numa sequência de equivalências.”. Essa sequência resultante da heterogeneidade e da sucessão temporal está vinculada às perspectivizações do leitor que são possíveis graças ao objeto estético do texto. Nas palavras de Iser (1999a, p. 147), “o objeto só se constitui graças às relações que se estabelecem entre elas [as perspectivizações].”.

Sendo assim, no texto pode ser encontrado um conjunto, uma sucessão, de perspectivas que vão permitir que o leitor estabeleça relações entre as partes do objeto estético. Afinal, “as perspectivas enquanto sistema perspectivístico indicam diferentes relações com o objeto intencionado; daí segue que nenhuma delas é capaz de representar integralmente o objeto estético do texto.”. (ISER, 1999a, p. 147).

No transcorrer da leitura mediante a aquisição de novas informações, há mudanças de posição dos lugares vazios na obra, uma vez que aquilo que já foi desvendado no texto instiga a novas descobertas. Com relação a isso, Iser (1999a, p. 158) afirma que as mudanças de posição dos lugares vazios “são responsáveis pelas sequências de representações; estas advêm de operações previamente esboçadas de estruturação e neste processo se traduz a transformação de posições textuais dadas para a consciência de representação do leitor.”.

Assim, Iser (1999a) salienta que, conforme o leitor vai lendo o texto, ele tem a possibilidade de sanar as dúvidas propiciadas pelos lugares vazios, mas na continuidade da leitura novos lugares vazios vão surgindo. Essas lacunas deixadas ao longo do texto são motivações para que o receptor do texto as preencha ao longo da leitura a fim de descobrir aquilo ainda não sabido pelo leitor, mas instigado pelo que ele já sabe.

Dado o exposto, verificamos por meio de Iser (1999a) que ao longo dos textos são deixadas lacunas, lugares vazios, ou seja, informações que só têm suas possíveis respostas na

continuidade da leitura. Dessa forma, é proporcionada ao leitor a capacidade de estabelecer relações possíveis entre as partes do texto.

Com base em Iser (1999a), confirmamos que as estratégias de relação entre os capítulos, bem como os lugares vazios encontrados entre eles, são instigações para que o leitor continue motivado, interessado e determinado em seguir a leitura. Assim, nesse processo de recepção do texto, uma sequência de novas informações a cada palavra, a cada frase, a cada período é possibilitada ao sujeito ativo daquela ação – o leitor. Logo, este torna-se um sujeito ainda mais ativo graças ao lugar vazio, àquilo que ele está motivado a descobrir. Iser (1999b, p. 157) ainda afirma que

O lugar vazio permite então que o leitor participe da realização dos acontecimentos do texto. Participar não significa, em vista dessa estrutura, que o leitor incorpore as posições manifestas do texto, mas sim que aja sobre elas. Tais operações são controladas na medida em que restringem a atividade do leitor à coordenação, à perspectivização e à interpretação dos pontos de vista.

Através de tais afirmações, o teórico evidencia que, ao agir sobre o percurso da leitura e, portanto, sobre a atualização do texto, o leitor tem decisões a tomar, e motivações que o instigam a continuar. No entanto, durante a realização dessa leitura surgem perspectivizações menores, que podem ser motivados por uma frase, um capítulo, uma determinada narração ou ação dentro da narrativa, entre tantas outras situações (in)esperadas pelo leitor.

Logo, durante a leitura, o leitor, sujeito ativo, conforme avança em seu ato, depara-se com determinadas situações, ocupando novos espaços, com novas informações, ligadas a interesses. Diante destes, ele pode verificar possibilidades e contextos. Consoante Jauss (1994, p. 25), o ato de ler é “um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre elas reflete.”

Ao denominar a obra como “artefato”, Zilberman (1989, p.21) ratifica que “é o recebedor que transforma a obra, até então mero artefato, em objeto estético, ao decodificar os significados transmitidos por ela.”. Logo, a obra é, então, o meio para levar as informações de um sujeito a outro, ou seja, do autor ao(s) leitor(es), mas este(s), dentro de suas funções, atualiza(m) as informações do texto por meio da leitura e da interpretação. Afinal, “se os textos de fato possuíssem apenas o sentido evidenciado pela interpretação, restaria muito pouco ao leitor. Ele só poderia aceitá-lo ou rejeitá-lo.” (ISER, 1999b, p. 02).

Essa capacidade de rejeição de algo está associada ao que Iser (1999a) chama de potências de negação, a qual está associada aos lugares vazios encontrados no texto. Conforme

as palavras de Iser (1999a, p.171), “a negação produz um lugar vazio dinâmico no eixo paradigmático da leitura. Sendo agora validade cancelada, ela marca um lugar vazio na norma selecionada.”. Portanto, a negação produz um lugar vazio na obra porque corresponde a algo não concretizado, ou seja, a algo que foi ocultado, cancelado no texto.

Segundo os termos de Iser (1999a, p. 171), “sendo o tema oculto do cancelamento, ela [a negação] marca a necessidade de desenvolver determinadas atitudes que permitam ao leitor desvendar o que a negação indica sem formulá-lo.”. Assim, percebe-se que a negação contribui para que o leitor possa realizar o desvendamento do texto, e que ela está relacionada às determinações atitudinais do leitor mediante o que é e o que não é lido. Dessa forma, “a negação atribui ao leitor um lugar entre o ‘não mais’ e o ‘ainda não’” (ISER, 1999a, p. 171), ou seja, entre aquilo que ele já percebeu, o que não é mais possível identificar e o que ainda não foi possível desvendar.

Esse jogo do “não mais” e do “ainda não”, associado à negação, “dá concretude ao lugar do leitor.” (ISER, 1999a, p. 171). Ou seja, localiza o leitor diante do texto, e faz com que ele conceda atenção ao que está lendo a fim de que compreenda a sucessão daquilo que está ali, ou então é negado. Essa localização do leitor no espaço e no tempo, ou seja, no “não mais” e no “ainda não”, faz com que a sua atenção aumente “pelo fato de que as expectativas evocadas em virtude da presença do que é familiar são paralisadas pela negação.” (ISER, 1999a, p. 171).

Diante da negação do familiar, do estabelecimento do desconhecido ou inesperado, “a negação faz com que as atitudes do leitor se diferenciem, pois agora não mais são possíveis determinadas concepções daquelas normas que são familiares para o leitor.”. (ISER, 1999a, p. 171-172). Essas concepções que se tornaram obsoletas devido às confirmações de algumas informações, e que, portanto, levam à negação de outras são resultantes do fato de que o “conhecimento que o texto oferece através de seu repertório ou invoca mediante os seus esquemas deve conter algo que ainda não possui.” (ISER, 1999a, p. 172). Dessa forma, no texto há informações ao leitor, que deve identificar o que é possível e o que não se pode afirmar mediante o que está no texto.

Sujeito de suas ações, o leitor é convidado a fazer algumas escolhas, que o auxiliam na compreensão das informações contidas no texto. Nessa perspectiva, ressaltamos que a perspectivização, os lugares vazios e as potências de negação são algumas das muitas possibilidades no processo de leitura e comunicação. Mas mesmo que cada uma delas tenha suas especificidades, elas são complementares entre si, auxiliando inclusive no direcionamento da leitura:

Precisamente por isso eles agem juntos como instâncias controladoras. Os lugares vazios omitem as relações entre as perspectivas de apresentação do texto, assim incorporando o leitor ao texto para que ele mesmo coordene as perspectivas. Em outras palavras, eles fazem com que o leitor aja dentro do texto, sendo que sua atividade é ao mesmo tempo controlada pelo texto. As potências de negação evocam dados familiares ou em si determinados a fim de cancelá-los; todavia, o leitor não perde de vista o que é cancelado, e isso modifica sua posição em relação ao que é familiar ou determinado. Em outras palavras, eles fazem com que o leitor se situe a si mesmo em relação ao texto (ISER, 1999a, p. 107).

Nesse processo de relação do leitor com o texto, os lugares vazios e as potências de negação são dois dos agentes controladores da interpretação por parte do leitor. Dito de outro modo, os lugares vazios permitem que o leitor faça suas próprias percepções, interpretações e inferências, mas as potências de negação direcionam-nas, limitam-nas, isto é, controlam o que o leitor pode ou não compreender a partir do texto. Eis que uma das consequências disso é o caráter de indeterminação do texto, abordado por Iser (1999a).

Para Iser (1999a), duas são as estruturas básicas da indeterminação do texto: os lugares vazios e as negações. Eles fazem com que a comunicação ajude a regular a interação entre texto e leitor. Desse modo, os lugares vazios e as potências de negação são o que mobilizam o leitor a investigar, duvidar, questionar, querer buscar respostas, ou seja, possibilitam que o texto desperte interesse naquele que está lendo.

Iser (1999a) ressalta também que, no momento em que os lugares vazios são preenchidos, se não houver negação, não existe a curiosidade, não há o novo a ser investigado e descoberto. Desse modo, um personagem, um trecho, uma cena e/ou um verso podem possibilitar inúmeras e indeterminadas interpretações, e são essas indeterminações que tornam a ficção um mundo cheio de lugares vazios, mas que deixam o leitor curioso, motivado a preenchê-los. A respeito da indeterminação do texto, Iser (1999b, p. 38) acentua que ela “impela o leitor a uma busca de sentido. A fim de encontrá-lo, ele deve mobilizar todas as forças de sua imaginação.”.

Iser (1999a) destaca que os lugares vazios e as negações são inesgotáveis em um texto, haja vista que este tem muito a fornecer ao leitor, o qual pode extrair bastantes informações dos textos. Ainda mais quando o texto é literário, pois neste não há apenas informações reais, uma vez que a ficção da literatura permite um mundo de indeterminações, curiosidades, interpretações, instigações, lugares vazios, contrastados com uma gama de informações e possibilidades. Tudo isso graças também à historicidade do texto e à ficcionalidade literária.

A respeito da ficcionalidade literária, Iser (1996a, p. 120) explana que ela “desenvolve sua transgressão de limites em um jogo de relações, ao contrário daquelas ficções que correspondem ao que é exigido por uma situação.”. Dessa forma, o jogo ficcional de um texto

vai além das necessidades particulares de um sujeito. Logo, textos formados por inúmeras estratégias, diferentes e diversos recursos estilísticos, estrutura planejada, entre outras características, são muito complexos para poderem ser somente indicadores de determinadas necessidades.

Uma vez estabelecidas as relações permitidas pelos esquemas e perspectivas por intermédio dos lugares vazios, ou seja, se desvendadas as pistas a partir de lacunas descobertas pelo leitor, este esquematiza um caminho de leitura. Além disso, Iser (1999a) ressalta que o leitor, com a continuidade e finalização da leitura, obterá respostas, conclusões. Ao realizar leituras que lhe são motivadoras, o leitor envolve-se com elas e estabelece relações com outros textos ou até mesmo com suas vivências. Afinal, o texto é o elo que liga o leitor ao autor, independente do período de escrita e da recepção dela.

Assim, o leitor tende a preencher os lugares vazios da obra ao longo da leitura, e o texto é o que direciona esse sujeito às descobertas ao mesmo tempo em que fomenta essa redescoberta e reinterpretação do existente. Iser (1999a) faz essas afirmações com base naquilo que é denominado de processo de sentido, descrito por S.J. Schmidt (apud ISER, 1999a, p. 127):

O processo de sentido se deixa descrever como seleção progressiva, dirigida pela intenção da fala, seleção essa que escolhe entre as possibilidades de efeito e de função de elementos dados, cuja relevância é reconhecida pelos falantes; tal processo é a individualização de funções normativamente ou facultativamente dadas no sistema da *langue*, classificadas de acordo com a categoria a que pertencem e formalmente determinadas por sua posição; a individualização aponta para a adequação relevante para a comunicação, ou seja, para a adequação de transações linguísticas que se amoldam à intenção e a situação.

O processo de sentido, portanto, está relacionado às intenções do ato de leitura do texto. Em outras palavras, tanto o autor quanto o leitor selecionam estratégias e elementos para possibilitar interpretações e compreensões através do texto, o que envolve adequações e situações.

Assim, no processo de leitura o sujeito ativo é o leitor, e, portanto, segundo Zilberman (1989, p.34), “pode reagir individualmente a um texto” e tem permissão para realizar suas próprias e individuais percepções. Dito de outro modo, se o leitor não tivesse tais funções e liberdades, talvez ele não se envolvesse tanto com a leitura, o que se relaciona aos estudos de Martín-Barbero sobre as mediações, que é o que abordamos na próxima subseção.

2.3 As mediações e seu papel na recepção do texto

De acordo com Martín-Barbero (1997, p. 287), há um “caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor [...] não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor.”. Portanto, no momento em que o leitor repassa informações a respeito da leitura que realizou ele passa a ser um (re)produtor de informações, haja vista que ele relata o que compreendeu, ou seja, encontramos em sua manifestação, não o texto que ele leu, mas sim o que o leitor produziu a partir da leitura do outro texto.

Quanto mais o leitor estiver envolvido com o texto, mais ele se sensibiliza, se comove, a julgar pelo fato de que “a comoção é um instante em que a negação do eu abre as portas à verdadeira experiência estética.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 71). Logo, esse fenômeno pode ser visto como uma entrega de si à obra, ou seja, é como se o leitor se imaginasse naquele lugar, como se ele próprio estivesse vivenciando aquilo que está escrito.

Pensemos nas mídias usadas pelos leitores a fim de registrarem e propagarem também sobre suas leituras. Dessa forma, temos na mídia uma grande matriz produtora de cultura que, nas palavras de Martín-Barbero (1997, p. 311-312. Grifos do autor) é “uma expressão deformada, funcionalizada, mas entretanto capaz de ativar uma memória pondo-a em cumplicidade com o imaginário de massa. O que ativa essa memória não é a ordem dos conteúdos, nem sequer dos códigos, é da ordem das *matrizes culturais*.”.

Em linhas gerais, as matrizes culturais, conforme Martín-Barbero (1997), são as características dos sujeitos sociais manifestadas por meio de um veículo de circulação, seja ele real ou virtual. Portanto, a memória é ativada e mostrada a partir do momento que o sujeito social interage e se manifesta de acordo com aquilo que está escrito no texto. Logo, a concordância ou não do leitor com aquilo que está escrito é fortemente influenciada pelas vivências dele como sujeito social e cultural.

Martín-Barbero (1997, p. 59) também evidencia que “a cultura de massa é a primeira a possibilitar a comunicação entre os diferentes estratos da sociedade. E dado que é impossível uma sociedade que chegue a uma completa unidade cultural, então o importante é que haja circulação.”. Aliás, existem inúmeras formas de veiculação de informações. Impossível não pensar em tecnologias, internet, páginas da web, redes sociais, uma vez que esses meios facilitam e aceleram a disseminação de informações.

Segundo Girardi Júnior (2009, p. 119), “As representações, os textos, os discursos estariam diretamente relacionados a certos mapas de significados que permitiriam aos agentes

sociais interpretar, conhecer, reconhecer, contestar e agir no mundo social.”. Em uma era em que a informação se propaga rapidamente graças às tecnologias de informação e comunicação é natural que cada vez mais se tenha acesso ao mundo virtual por pessoas de inúmeras e diferentes matrizes culturais a fim de que possam ler textos e também escrever e publicar em diferentes lugares.

Conforme Martín-Barbero (1997, p. 62), trata-se de “pensar o popular na cultura não como algo limitado ao que se relaciona com seu passado – e um passado rural –, mas também e principalmente o popular ligado à modernidade, à mestiçagem e à complexidade do urbano.”. Com isso, o autor reforça a necessidade de adequação da cultura de massa ao contexto moderno, pois, se existem várias formas de circulação de informações e cultura, toda a sociedade deveria ter acesso a elas.

As tecnologias e toda a complexidade da modernidade atual devem permitir a uma “descoberta dessa experiência outra que a partir do oprimido configura alguns modos de resistência e percepção do sentido mesmo de suas lutas.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 80). Desse modo, aquele que é desprivilegiado socialmente trava lutas contra a falta de acesso à modernidade tecnológica.

A tecnologia veio para interligar diferentes pessoas, conectá-las mais rapidamente a diferentes culturas. Consoante Girardi Júnior (2009, p. 123), “A tecnologia cria condições para trocas desterritorializadas, produzindo um campo de experiências culturais muito específicas.”. Em outras palavras, os recursos virtuais são formas de mediações que aceleram e facilitam a propagação de informações e permitem que milhões de pessoas possam receber as mesmas informações advindas de territórios diversos e realidades diferentes.

Tem-se a existência de uma indústria cultural que produz informações imbricadas a uma cultura literária e digital baseada em determinados fatos reais. Martín-Barbero (1997, p. 82) define isso como “o lado enigmático da atualidade cotidiana”. Ele acrescenta, ainda, que nessa produção de informações está “uma ficção na qual predominará o realismo.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 82).

Os textos e as demais formas de circulação de cultura de massa, virtuais ou não, são, portanto, “dispositivos que proporcionam apoios imaginários à vida prática e pontos de apoio prático à vida imaginária.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 82). Em outras palavras, enquanto a realidade auxilia na condução da imaginação por intermédio do texto ficcional ou outro veículo de circulação, o imaginário mantém a informação viva e atualizada. Tem-se, assim, uma realidade que parte do autor e de seus conhecimentos e chega até o leitor e sua capacidade de interpretação e imaginação.

Martín-Barbero (1997, p.83) parafraseia Morin a fim de fazer sobressair “a verdadeira mediação, a função do meio, que cumpre, dia a dia, a cultura de massa: a comunicação do real com o imaginário.”. Desse modo, temos aí um diagnóstico que não podemos ignorar – o fato de o leitor – receptor de informações – estabelecer uma relação daquilo que vive e o que percebe a partir de seu imaginário e daquilo que lhe é oferecido pelo texto, pelas mídias e demais formas de mediação.

A respeito do fato de o leitor se tornar um produtor de sentido graças às mediações e aos meios de comunicação Girardi Júnior (2009, p. 120) afirma que “O grande salto, influenciado pela “estética da recepção”, é a introdução do leitor como produtor de sentido e não apenas um objeto submetido aos efeitos de uma ação comunicativa externa.”. Logo, a cultura de massa do leitor pode ser adquirida e perpassada pelos inúmeros leitores mais facilmente graças às mediações virtuais. Assim, o leitor pode registrar suas produções de sentido realizadas pela leitura de um texto de diferentes formas, o que coincide com os dispositivos de mediação.

Sobre os dispositivos da mediação, Martin-Barbero (1997, p. 169) acrescenta que eles “acham-se assim ligados estruturalmente aos movimentos no âmbito da legitimidade que articula a cultura: uma sociabilidade que realiza a abstração da forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal.”. Portanto, os dispositivos da mediação são também os próprios meios de circulação das informações. Esses meios fazem circular a cultura, articulada pelos autores, editores e demais responsáveis pela produção do texto.

Além disso, “nos modos de aquisição e no tipo de publicidade implementada, encontramos a incorporação à modernidade de práticas e experiências que só aí recebem legitimação social.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 176). Ou seja, a modernidade tecnológica faz com que haja uma rápida circulação das informações, inclusive daquelas vinculadas às práticas e experiências, o que leva a uma mudança cultural, inclusive da própria estrutura do texto nesses meios.

Temos que considerar que o mundo digital não é um mundo isolado do restante, ele precisa adequar-se e estar em consonância com o que acontece fora dele, interagir socialmente com o entorno social no qual ele está inserido. Nas palavras de Girardi Júnior (2009, p. 127), “Como as tecnologias de informação e entretenimento não existem isoladas, elas terão de se integrar a um conjunto de outras práticas encontradas no universo social na qual estarão inseridas, ou mesmo reorientá-las.”. Logo, as tecnologias de informação e entretenimento são facilitações no processo de comunicação, de produção e recepção de informações, mas para tanto não podem ser desconexas ao mundo social.

Atrelado a tal contexto está o que Martín-Barbero (1997) nomeia de dispositivos do reconhecimento, ou seja, o “dispositivo que produz a identificação do mundo narrado com o mundo do leitor popular.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 184). O que se ressalta é que o leitor tende a identificar-se com informações contidas no texto, assim como com personagens e demais elementos desse texto inserido em determinado espaço cultural.

De acordo com Martín-Barbero (1997, p. 229. Grifos do autor), “introduzir a análise do espaço cultural, todavia, não significa introduzir um *tema* a mais num espaço à parte, e sim focalizar o *lugar onde se articula* o sentido que os processos econômicos e políticos têm para uma sociedade.” Isso significa que, na atualidade, é comum que o lugar de articulação esteja envolvido nos meios virtuais, e, portanto, “no caso dos meios massivos implicaria construir sua história a partir dos processos culturais enquanto articuladores das práticas de comunicação.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 229).

Segundo Martín-Barbero (1997, p. 258) “a *comunicação* está se convertendo num espaço estratégico a partir do qual se pode pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhada, a meio caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva.”. Dessa maneira, a comunicação é um espaço estratégico inclusive por possibilitar que as informações circulem mais rapidamente, e, além disso, meios de comunicação, como a internet, são acessíveis à maior parte da população.

Dessa forma, diferentes sujeitos sociais têm a possibilidade de se comunicarem via esses meios e, assim, há uma pluralidade de informações. Temos, portanto, comunicação por meio de mediações, ou seja, “articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258).

Em linhas gerais, mostra-se a nós, sujeitos sociais, um novo conceito de cultura diante das mudanças da sociedade, principalmente devido à evolução tecnológica. Consoante Martín-Barbero (1997, p. 285), há uma “reconceitualização da cultura que nos confronta com essa outra experiência cultural que é a popular, em sua existência múltipla e ativa não apenas na memória do passado, mas também na conflitividade e na criatividade atuais.”.

Para conquistar aceitação das pessoas e espaço nas mídias é fundamental a criatividade. Os autores de textos precisam ser criativos para fazerem com que suas criações sejam aceitas por um público considerável e, conseqüentemente, que as informações ali contidas tenham circulação. Assim, a literatura considerada popular, por ser oriunda de uma massa trabalhadora, tende a ser bem recebida por leitores de contextos sociais semelhantes, mas nada impede que

também haja outros públicos que a leiam. Afinal, os veículos de circulação de um texto existem para facilitar essa mediação entre as várias matrizes culturais.

Diante do fato de existirem inúmeros leitores, sendo cada sujeito único, Martín-Barbero (1997, p. 39) vai chamar essa “pluralidade de matrizes culturais” de alteridade cultural. Essa pluralidade caracteriza um povo que quer “a necessidade imediata – o contrário da razão que pensa a mediação –, não se responderá com leis à descoberta do povo como produtor de riqueza.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 24), que tem como uma de suas formas a produção de riqueza por meio de manifestações escritas.

O texto é, portanto, uma forma de propagação de informações e de cultura e pode ser formado e compartilhado de diversas formas. Quando o texto é dividido em capítulos há um jogo interativo ainda maior devido a essa divisão. A respeito disso, Martín-Barbero (1997, p. 180) salienta que:

Essas unidades, enquanto articulam o discurso narrativo, permitem dividir a leitura do episódio em uma série de leituras sucessivas, sem que se perca o sentido global da narrativa. Isto nos remete novamente a um modo peculiar de leitura, à quantidade de leitura contínua de que é capaz um público cujos hábitos de leitura são mínimos.

Sobre o leitor, suas características e a conseqüente atualização do texto realizada por esse sujeito em ação, Martín-Barbero (1997, p. 181. Grifos do autor) afirma que: “poderíamos chamar de dispositivos *de sedução*: a organização por episódios e a estrutura ‘aberta’. A organização da narrativa em *episódios* opera com os registros da duração e do suspense.”.

Dito de outro modo, a estrutura do texto e as pistas deixadas ao longo dele e que solicitam desvendamento são estratégias de sedução, ou seja, formas de conquistar o leitor. Este, movido pela curiosidade, quer desvendar o suspense lançado em determinadas partes do texto. Martín-Barbero (1997, p. 182) lembra-nos sobre o processo de suspense entre os capítulos estar entrelaçado ao leitor e à sua memória: “estamos diante de uma redundância calculada e de um contínuo apelo à memória do leitor.”.

Segundo Martín-Barbero (1997, p. 68), “a arte se incorpora ao mercado como um bem cultural, mas adequando-se inteiramente à necessidade.”. Logo, o autor sente-se obrigado a adequar-se aos estilos e gostos dos leitores a fim de conseguir que sua obra seja lida e corresponda às expectativas de seu público, o que é proporcionado graças àquilo que o leitor ainda não descobriu no texto, pondo, portanto, perspectivas e anseios em sua leitura. Pode ser estabelecida, desse modo, uma relação com o caráter recepional do texto e a proposta da hermenêutica literária apresentada por Zilberman (1989) e que abordamos a seguir.

2.4 Hermenêutica literária e proposta metodológica

Por meio da leitura de Iser (1999a) já compreendemos que o leitor faz suas próprias percepções ao realizar a leitura e a atualização das informações contidas no texto. Já em Zilberman (1989) encontramos uma síntese da proposta metodológica da hermenêutica literária, que é voltada para o efeito e a recepção de um texto.

No entanto, a hermenêutica literária está inserida em uma corrente de estudos ainda mais abrangente, que é a hermenêutica propriamente. Como não é nosso objetivo, porém, aprofundar sobre a hermenêutica, não abordamos Heidegger, o pai dela. Detemo-nos aos estudos de Gadamer (2014) a respeito da hermenêutica filosófica, pois ele acrescenta a estes estudos considerações sobre a linguagem, o que a tornou progenitora da hermenêutica literária, a qual tem como mentor Jauss e sua teoria originária na Escola de Constança.

Gadamer (2014, p. 497) vai afirmar em seus estudos sobre a hermenêutica filosófica que “A linguagem é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão”. A partir disso, portanto, podemos afirmar que a linguagem é o que torna possível a conversação, ou seja, a comunicação entre dois ou mais sujeitos, sobretudo por intermédio de um texto.

A linguagem e seu caráter são determinantes na realização hermenêutica. Segundo Gadamer (2014, p. 512), “a compreensão já é sempre interpretação, porque constitui o horizonte hermenêutico no qual ganha validade a intenção de texto”. Se o texto pode ser interpretado pelo leitor, e conseqüentemente compreendido, isso tudo é possível graças à linguagem usada pelo autor naquele texto, sendo que o leitor também conhece ela a fim de que possa ler as informações ali contidas e escritas por outro sujeito.

Com base nisso, direcionamo-nos à hermenêutica literária, o pilar de sustentação dos nossos estudos analíticos, haja vista que ela é o método de análise da própria teoria do efeito estético e da recepção, conforme esclarece Zilberman (1989), analisadora dos estudos de Jauss inclusive a respeito da proposta da hermenêutica literária. Afinal, a literária enfoca o leitor e suas instâncias, e, como lembra Zilberman (1989, p. 62), é “a ciência geral da interpretação.”.

Desse modo, conforme Zilberman (1989, p. 63), “não se pode entender a hermenêutica literária fora do quadro da experiência propiciada pela obra de arte, quando acontece o efeito estético”. Em outras palavras, a hermenêutica literária é a experiência do leitor diante do texto e do efeito estético causado por ele. Afinal, sendo sua base a interpretação, a hermenêutica literária tem sua razão de ser na recepção do texto, uma vez que este possui forma e conteúdo, que permitem e condicionam o efeito estético no leitor.

Zilberman (1989, p. 12) também enfatiza que a metodologia da estética da recepção tem “muito para ensinar ao leitor, encarado como o principal elo do processo literário”. Em outras palavras, para a estética da recepção o sujeito ativo é o leitor, receptor do texto, que é o veículo de comunicação.

Na perspectiva da estética da recepção do texto, há uma reciprocidade entre a obra e o leitor, uma troca é feita entre ambos. Enquanto de um lado “a obra provoca determinado efeito [*Wirkung*] sobre o destinatário; de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes – esta é sua recepção [*Rezeption*].” (ZILBERMAN, 1989, p. 64).

Assim, o objetivo da estética da recepção “é estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação, e portanto na fama, dos textos, mas também em sua produção.” (ZILBERMAN, 1989, p. 17). Em outras palavras, a estética da recepção tem como alvo principal o leitor. No entanto, isso não significa que ela desconsidera o autor. Afinal, foi ele quem escreveu o texto e certamente pensou no possível público de sua produção.

Além disso, “um bom produto artístico mobiliza vários artifícios, visando motivar um choque no destinatário: somente quando se dá de modo tenso a relação entre o sujeito da percepção e o objeto estético, este pode ser considerado de valor.” (ZILBERMAN, 1989, p. 19). Isso significa que o leitor – destinatário do objeto estético – é impactado na recepção do texto. Logo, o “choque” no receptor do texto é motivado pelo próprio texto.

Segundo Zilberman (1989, p. 26), “assim, o significado da obra depende totalmente dos sentidos que o leitor deposita nela”. Portanto, se existe mais de um leitor, é possível que sejam depositados na obra diferentes sentidos por cada um deles, e é próprio que o texto possibilita e condiciona essas recepções devido ao seu caráter estético, uma vez que também este “depende do destinatário: se este não o vivencia como obra de arte e busca aí outro tipo de experiência (uma informação, por exemplo), o texto perde sua qualidade artística.” (ZILBERMAN, 1989, p. 26).

Se o leitor é um sujeito que deve vivenciar o texto, “a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo [...]” (ZILBERMAN, 1989, p. 34). Dessa maneira, o texto – objeto estético – é compreendido conforme o contexto social em que o sujeito está inserido, contexto esse também marcado pela inserção tanto do texto quanto do seu receptor no tempo. Diante desse caráter temporal,

A estética da recepção [...] recupera a historicidade da literatura, nascida de seus intercâmbios com o público; e chega a esse resultado por restabelecer a relação, rompida pelo historicismo, entre o passado e o presente, condição imprescindível para a reconciliação entre os aspectos estético e histórico de um texto. (ZILBERMAN, 1989, p. 33).

Como pode ser visto, esses “intercâmbios com o público” abordados por Zilberman (1989) permitem que ocorra a recepção do texto, o que resgata a historicidade da literatura. Logo, tem-se aí uma relação entre o caráter estético e o histórico de um texto voltado para a sua estrutura e também para o jogo entre o presente e o passado nele encontrado. Afinal, “não se trata, pois, de tentar imitar a perspectiva do passado, objetivo na realidade impraticável; nem o contrário, de modernizar o significado do texto, o que o falsearia.” (ZILBERMAN, 1989, p. 33).

Dado o exposto, frisamos que “o texto provocador da estética da recepção e de uma nova história da literatura apresenta-se rico de intenções, caracterizando a globalidade e abrangência do projeto.” (ZILBERMAN, 1989, p. 39). Tendo em vista que o texto é encarado como um “projeto”, ele, intencionalmente, desencadeia efeitos no leitor mediante a recepção realizada por este. Portanto, o leitor é alguém já “prefigurado pelo texto.” (ZILBERMAN, 1989, p. 65), ou seja, ele já foi imaginado pelo texto e seu criador.

Dessa forma, o texto possui valores mutáveis conforme o tempo e as características de cada leitor. A isto, Zilberman (1989, p. 48) também acrescenta que a temporalidade do texto “expressa-se na aptidão a oferecer novas respostas ao público.”. Enquanto o texto fornece respostas ao leitor, este imprime significado ao que está escrito conforme suas vivências e seus conhecimentos prévios, dotados de uma formação histórica e social, o que faz com que haja no texto um “empenho em conferir ao leitor um lugar mais ativo e à literatura uma importância social que ultrapasse o papel reprodutor, atribuído a ela pelos enfoques marxista e/ou da sociologia da literatura.” (ZILBERMAN, 1989, p. 50).

Essa atribuição de um lugar mais ativo ao leitor faz com que haja um relacionamento dele com o texto, pois se este se comunica com o seu receptor, ele “passa-lhe normas, que, enquanto tais, são padrões de atuação. Porque a recepção representa um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo com uma obra, o leitor tende a se identificar com essas normas, transformadas, assim, em modelos de ação.” (ZILBERMAN, 1989, p. 50).

Encarado como obra de arte, o texto possibilita informações ao leitor, o que desencadeia sensações, emoções a partir do envolvimento entre ambos. Portanto, “a função social da arte advém da possibilidade de influenciar o destinatário, quando veicula normas ou quando as cria.” (ZILBERMAN, 1989, p. 50). É natural que essa criação e veiculação de normas ocasione

alterações em seu receptor, o que ocorre graças às ações e compreensões do leitor diante do texto.

Em linhas gerais, reforçamos o fato de que o texto, como salienta Zilberman (1989, p. 76), “motiva o retrospecto, obrigando o leitor a interpretar os acontecimentos.” Estes acontecimentos são apresentados, no texto, por meio de enigmas que “são plantados durante esse percurso e precisam ser reexaminados, a fim de alcançarem o sentido e a coerência do relato.” (ZILBERMAN, 1989, 76).

A respeito dos enigmas, Zilberman (1989) também enfatiza que eles são colocados ao longo do texto em pontos estratégicos e têm a função de despertar a atenção do leitor. Inseridos ao longo do enredo, portanto, os enigmas tendem a interferir na trama e no desencadear das personagens ao longo da história, cujo propósito vai ao encontro do desmascaramento dos mistérios envoltos no texto.

Capaz de envolver o leitor no texto, “A escolha do herói não é aleatória; [...] Os heróis se definem, portanto, não apenas por suas ações, mas pelas respostas desencadeadas no público, razão pela qual vêm a constituir o fio teórico escolhido pelo Autor.” (ZILBERMAN, 1989, 59). Uma vez que é a constituição do fio teórico que vai desencadear a trama e ajudar o leitor na resolução dos enigmas, cabe ao receptor da obra compreender essas informações. Para tanto, é essencial que o leitor se envolva com os personagens, sobretudo os heróis, razão pela qual a escolha destes não pode ser aleatória.

Além disso, “o leitor, fora dos eventos, pode pesar os fatos e avaliá-los.” (ZILBERMAN, 1989, 84). Com isso, a estudiosa em questão ratifica que uma das funções do leitor, sujeito externo ao texto, é avaliar o que está escrito, concordando ou não com o que está ali registrado. Essa incumbência dada ao leitor permite o “o alargamento do horizonte da pura representação ficcional, aumentando as possibilidades de compreensão do mundo ali traduzido.” (ZILBERMAN, 1989, 87). Afinal, a compreensão do que está impresso no texto é realizada pelo leitor, o qual interpreta as informações ali contidas também conforme seus conhecimentos prévios, já que a representação ficcional aumenta as possibilidades de identificação, compreensão e interpretação.

Nesse contexto insere-se o fato de que “o leitor é também uma figura histórica: seu horizonte, delimitado pelas possibilidades de aceitação de uma obra, impõe restrições à liberdade de criação dos escritos.”. (ZILBERMAN, 1989, 99). O que a autora afirma é que o leitor é composto por uma trajetória histórica, social e cultural que interfere no processo de recepção de uma obra, a qual está condicionada, assim, também às características do leitor, sujeito que realiza a interpretação das informações contidas no texto.

Em linhas gerais, o que Zilberman (1989) ressalta é que, se por um lado o leitor possui sua própria formação histórica e cultural, que influencia na recepção do texto, por outro, este condiciona as compreensões conforme as informações que constam ali. Tal processo é chamado por Zilberman (1989, p. 65) de “mão dupla”, e é isso que enfatiza a estética da recepção, por meio de metodologias como a hermenêutica literária:

Enquanto conjunto de ideias, a estética da recepção apresenta coerência de concepções e organização interna, introduz uma terminologia, ainda que importe boa parte do vocabulário da hermenêutica, e explicita sua metodologia. Reconhece alguns de seus limites e, ao mesmo tempo, procura ampliar sua abrangência, incorporando concepções que permitem esclarecer sobretudo as relações entre a literatura e a vida prática. (ZILBERMAN, 1989. p. 108)

Dito de outro modo, a metodologia vinculada à estética da recepção permite verificar as compreensões do leitor diante da literatura e das relações desta com a vida do sujeito. Dessa forma, “a obra literária, mesmo não programaticamente, oferece indicações de ação que correspondem ou não a comportamentos já existentes.” (ZILBERMAN, 1989, p. 51-52). Tal fato está condicionado à aceitação ou não das informações contidas ali, e nisso está inserido o seu caráter de influência. Essas indicações de ações atuam “sobre o indivíduo mais por influenciá-lo indiretamente que por transmitir-lhe uma mensagem.” (ZILBERMAN, 1989, p. 52).

Nessa relação entre texto e leitor está o fato de que “a valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário.” (ZILBERMAN, 1989, p. 110). Esse destinatário, o leitor, valoriza a experiência estética do texto por meio da leitura e das compreensões e relações estabelecidas graças à recepção do texto.

Diante de seu caráter interacional, a obra, “quando age sobre o leitor, convida-o a participar de um horizonte que, pela simples razão de provir de um outro, difere do seu. É solidária e diferente ao mesmo tempo, sintetizando nesse aspecto o significado das relações sociais.” (ZILBERMAN, 1989, p. 110). Dessa forma, o texto é um convite ao leitor para participar de horizontes que envolvem uma troca de relações sociais. Nessa perspectiva, “o leitor evidencia-se como pertencendo ao texto, um componente seu a quem compete acompanhar a partitura apresentada pelo autor.” (ZILBERMAN, 1989, p. 99).

O texto, portanto, tem informações escritas e fixadas por um autor. No entanto, o leitor atualiza essas informações contidas no texto conforme suas vivências e seus conhecimentos,

que é o que Zilberman (1989, p. 65) chama de “fusão de horizontes, equivalente à concretização do sentido”.

Nessa fusão de horizontes há dois lados, sendo que em um deles, segundo Zilberman (1989, p. 65), “situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias e, de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor.”. Em outras palavras, salientamos que há informações fixadas pelo autor no texto e que não podem ser mudadas pelo leitor, receptor da obra.

Entretanto, há o outro lado, que é o da “recepção, condicionada pelo leitor, que contribui com suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida à obra e dialogar com ela.” (ZILBERMAN, 1989, p 66). Como podemos perceber a partir dessa afirmação, o leitor, por ser sujeito de ação, interage com o texto e pode estabelecer relações a partir dele e confrontá-lo e/ou compará-lo com outras informações, outros conhecimentos que ele já possui.

Diante disso, vislumbrando a estética e a recepção do texto, a hermenêutica literária é composta por três etapas: “a compreensão, a interpretação e a aplicação.” (ZILBERMAN, 1989, p. 66). Logo, cada uma das etapas da leitura contribui para que o leitor consiga aprender com ela e estabeleça relações com o que já conhece e experienciou. No entanto, cada uma das etapas da leitura possui suas próprias e particulares funções. A primeira etapa da leitura é a compreensão. Conforme Zilberman (1989, p. 68),

A compreensão, decorrente da percepção estética, é também o ponto de partida do processo de leitura, composto de três momentos sucessivos. A fase seguinte, posterior à da leitura compreensiva, é a da leitura retrospectiva, quando se dá a interpretação.

Dessa maneira, a interpretação é a sequência daquilo que a compreensão possibilitou ao leitor a partir das informações contidas no texto. Segundo Zilberman (1989), a interpretação é o processo de assimilação do que foi lido e compreendido no texto, engajado às informações contidas no texto e com o exterior a ele, ou seja, às vivências e aos conhecimentos já de posse do leitor, sobretudo vinculados às percepções espaciais e temporais.

Ainda conforme Zilberman (1989), enquanto a compreensão é a assimilação inicial da leitura, a interpretação é a consequência da compreensão relacionada às vivências e demais informações do leitor, o que resulta na aplicação dessa leitura, ou seja, na concretização da relação das informações do texto com aquilo que o leitor já conhece. Nesse contexto, surge o momento “da leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo. Hermeneuticamente, corresponde à etapa da aplicação.” (ZILBERMAN, 1989, p. 69).

A aplicação é, portanto, o processo em que o leitor verifica, após a compreensão e a interpretação, o lugar e o tempo do texto e até dele mesmo na cadeia temporal. Tais identificações ocorrem graças às inferências que situam o *eu* com relação ao *outro*. Dessa maneira, só é possível existir um *eu* em determinado espaço e tempo se existem *outro(s)* espaço(s) e tempo(s). Nas palavras de Zilberman (1989, p. 69), “a etapa da aplicação é indispensável, porque durante a leitura reconstrutiva o intérprete verifica seu lugar na cadeia temporal.”.

Como podemos perceber, à leitura estão imbricadas operações que o leitor realiza por meio do processo recepcional. Foi pensando nisso que Zilberman (1989) contemplou estudos sobre a hermenêutica literária – proposta metodológica voltada ao leitor, receptor do texto, que, aliás, influencia seu(s) leitor(es) por meio da sua forma e de seu conteúdo. Portanto, Zilberman (1989, p. 103) nos informa que a teoria recepcional enfoca “três aspectos: o conceito do leitor, a visão do texto literário e o alcance do trabalho.”.

Diante disso, concluímos que, como o leitor possui suas particularidades, cada um tende a compreender a obra conforme seus conhecimentos e sua cultura. Assim, a tendência é de que cada leitor interprete de maneiras diferentes o texto, que é um dos fatores que nos motiva a realizar os estudos analíticos de diferentes recepções por distintos públicos, a respeito dos quais são feitas descrições e considerações no próximo capítulo.

3 O AUTOR, O TEXTO E O PÚBLICO RECEPTOR: DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS

Em períodos históricos/conflituosos como a ditadura militar houve a tentativa de apagar muitos discursos para que houvesse o ocultamento de fatos. No entanto, após esse período, surgiram inúmeros textos ficcionais que retomam esses acontecimentos. É esse contexto que nos levou a selecionar uma obra contemporânea que abordasse a temática da ditadura a fim de analisar a sua recepção por determinado(s) público(s).

Como nossa intenção era abordar sobre uma obra que tivesse recepção de diferentes sujeitos, fizemos uma pesquisa nos veículos literários on-line e na rede social dos leitores *Skoob*. Tal investigação permitiu selecionar uma obra cujos comentários apresentassem consideráveis argumentos de leitores a fim de contrastarmos essa recepção dela com registros escritos nos veículos de circulação on-line, mais especificamente na rede *Skoob*.

Além dos comentários dos leitores da *Skoob*, encontramos duas entrevistas com Bernardo Kucinski, autor da obra *K.: relato de uma busca*, que se sobressaíram em questão de quantidade de comentários de leitores tanto na rede *Skoob* quanto nos veículos literários. Nessas entrevistas, Kucinski faz importantes observações sobre sua vida e obra, inclusive sobre o romance que selecionamos para análise da recepção. Passemos, então, à descrição desses e demais elementos dos *corpora*.

3.1 O autor: trajetória de Bernardo Kucinski

Dentre a gama de autores contemporâneos que faz denúncias sobretudo de acontecimentos ocorridos devido a um passado sangrento – a ditadura militar –, Bernardo Kucinski conseguiu reconhecimento de um público considerável, conforme percebemos em veículos literários e na rede social *Skoob*. Logo, temos na obra desse autor um referencial e um diferencial quanto à representação da realidade desse passado dentro da literatura contemporânea.

Na ausência de textos com aprofundamento a respeito da vida do autor Bernardo Kucinski, as informações mais relevantes são sobre sua atuação como jornalista e sobre sua inserção tardia na literatura. Logo, para buscarmos complementações sobre sua biografia, recorreremos a entrevistas que Kucinski concedeu ao *Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco* e ao *Jornal Rascunho*, dois veículos de circulação on-line voltados à

crítica literária. Além disso, consultamos seu currículo disponível na plataforma lattes¹, no qual constam suas publicações jornalísticas e seu texto de apresentação, que transcrevemos abaixo:

Possui graduação em Física pela Universidade de São Paulo (1968) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1991). No período de 10.02.2003 a 30.06.2006 foi Assessor Especial da Secretaria de Comunicação Social (SECOM), da Presidência da República. Aposentou-se como professor titular da Universidade de São Paulo, junto à Escola de Comunicações e Artes - Departamento de Jornalismo e Editoração. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Comunicação Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo, imprensa alternativa, jornalismo brasileiro, Partido dos Trabalhadores, jornalismo econômico, comunicação pública. **(Texto informado pelo autor)** (KUCINSKI, s.d., s.p.)

Como podemos verificar em seu currículo, estudos e experiências não são escassos a Bernardo Kucinski. Ele se tornou conhecido por um público considerável quando resolveu escrever textos ficcionais, dos quais *K.: relato de uma busca* é o primeiro. Nas palavras do próprio autor na entrevista de Pereira (2014, s.p.): “K. foi meu primeiro livro publicado mas não minha primeira ficção.”. Tal afirmação permite compreendermos que ele já havia escrito outras narrativas, porém não as publicou até então.

O próprio escritor Bernardo Kucinski afirma na epígrafe do livro *K.: relato de uma busca*: “Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu.” (KUCINSKI, 2016, p.11). Ou seja, é uma história tão impactante que parece ser inventada sem ter bases reais, mas muitas histórias semelhantes à narrada aconteceram. O próprio autor vivenciou perdas no tempo da ditadura, como o desaparecimento de sua irmã Anna Rosa.

A dedicatória também complementa e contempla a perda: “Às amigas, que a perderam; De repente, Um universo de afetos se desfez” (KUCINSKI, 2016, p. 07). E este foi apenas um de muitos universos de afetos desfeitos. Triste, e ainda mais triste por ser baseado em fatos reais. Afinal, *K.: relato de uma busca* é, de certa forma, uma homenagem de Kucinski principalmente à sua irmã desaparecida, e, portanto, a obra possui também caráter autoficcional. Antes de sua entrevista com o autor, Taketani (2016, s. p.) faz uma contextualização sobre a vida dele com relação à obra *K.: relato de uma busca*:

Bernardo Kucinski nos deu aquela que é considerada uma das grandes obras sobre a ditadura militar brasileira, baseada na experiência familiar do autor. *K.: relato de uma busca* (2011) carrega o clima da opressão e vertigem que não é sentido nos livros de História e a angústia de um pai à procura de sua filha, desaparecida durante a ditadura.

¹ No link <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4793370U9> é possível verificar o Currículo Lattes completo do escritor Bernardo Kucinski.

A perda da irmã é algo irreparável na vida do autor de *K.: relato de uma busca*, cujo livro tem como cerne a busca de um pai pela sua filha desaparecida. Em resposta à entrevista de Pereira (2014, s.p.), Bernardo evidencia que “a marca que se impôs foi a do desaparecimento da minha irmã e do meu cunhado. Todo o resto, em especial a censura nos jornais alternativos que trabalhei, o exílio voluntário de quatro anos, foram meros percalços, frente a tragédia que se abateu sobre minha família.”.

Pereira (2014, s.p.), um dos entrevistadores de Kucinski, adjectiva-o de “caso raro” na literatura brasileira, isso por que ele “estreu após completar 70 anos e seu primeiro livro – lançado por uma editora – ganhou o mundo, com traduções para o alemão, espanhol, italiano e hebraico.”. Notamos, portanto, que sua inserção tardia na literatura não significa um fracasso, pois havia sido jornalista a vida inteira e não tinha experiência com a escrita e publicação de textos ficcionais até então. Pelo contrário, essa maturidade proporciona-lhe aceitabilidade por parte do público receptor de sua obra, pois ele “é o autor cuja obra é referência ao abordar o período da ditadura no Brasil.” (PEREIRA, 2014, s.p.).

A respeito de sua satisfação como escritor, Bernardo Kucinski ressalta, na outra entrevista dos nossos *corpora*, cuja entrevistadora é Yasmin Taketani (2016, s.p.) que “começar tudo isso aos 73 anos de idade, não deixa de ser uma sobrevida. Tem sido também muito gratificante e, por vezes, até divertido. Lamento não ter começado uns cinco anos antes.”. Logo, podemos deduzir que Kucinski se sente realizado na literatura e arrepende-se por não ter escrito textos literários antes.

Em determinadas circunstâncias da vida, Kucinski resolveu escrever ficção, e surpreendeu a um público considerável, inclusive pela forma que faz uma representação da ditadura em suas narrativas. A respeito da temática da ditadura, o autor ratifica na entrevista concedida à Pereira (2014, s.p.) que “é um tema que me motiva e ao mesmo tempo me comove. Não vejo nenhum motivo para abandoná-lo. Ele se impõe. Ele não está de forma nenhuma exaurido.”. Afinal, narrar e representar tudo o que aconteceu em meados da ditadura é impossível, mas, ao ficcionalizar a respeito desse período histórico, ele atinge inúmeros leitores e consegue comovê-los com suas histórias.

Enfim, também por razões pessoais, o autor sentiu necessidade de escrever sobre um episódio marcante da realidade histórica vivenciada por inúmeras pessoas e, na condição de jornalista, não teria respaldo para realizar tais registros, pois tal campo trata os assuntos em sua literalidade, retrata a verdade, a realidade, sem modificações. No entanto, isso não significa que Kucinski não obteve êxito como jornalista, apenas não era o ramo que lhe permitiria criar, inventar, ficcionalizar. Na ficção, o autor não precisa se preocupar com críticas e reprovações.

O próprio Kucinski salienta isso em uma das entrevistas consigo: “no romance não preciso provar nada. Tudo é invenção.” (PEREIRA, 2014, s.p.). Afinal, a literatura permite a criação, a invenção, mesmo que tenha relação com a realidade.

Na entrevista para Pereira (2014, s.p.), Kucinski salienta que “a memória coletiva da ditadura é ambígua e vaga. Seu registro mais e mais vai se tornando uma imagem difusa e desimportante na nossa memória histórica.”. Logo, *K.: relato de uma busca* é, para muitos, sobretudo para seu autor, uma forma de resistência contra o esquecimento dos episódios ocorridos em meados da ditadura de 1964.

Ressaltamos, também, que, além de preocupar-se com a escrita sobre a ditadura no âmbito ficcional, Kucinski confere atenção significativa à forma como faz isso, sobretudo à linguagem. Ao ser entrevistado por Taketani (2016, s. p.), o autor ressalta que tem se “debruçado sobre nossos clássicos e sobre os bons escritores contemporâneos daqui e de Portugal, Angola e Moçambique, atentando especialmente para a natureza de nossa língua e como devo nela me expressar como escritor.”.

À Pereira (2014, s. p.), Kucinski enfatiza que “incomoda-me principalmente a linguagem banal ou pouco trabalhada.”. São essas visões do autor que o levam a pensar quanto às formas que usa para expressar a temática da ditadura. Dessa maneira, inferimos que o jogo narrativo que ele realiza em sua produção literária é resultante dessa preocupação e de suas buscas e leituras que o capacitam para escrever essas narrativas.

No entanto, Kucinski afirma não ter um estilo próprio de escrita, conforme confirma à Taketani (2016, s. p.) quando é indagado a respeito disso: “acho que ainda não cheguei a um estilo pessoal. Sinto que não nado na linguagem literária com a desenvoltura da minha linguagem jornalística. Como ficcionista, sinto-me como um pintor que consegue imitar com facilidade.”. Percebemos, então, que nosso autor não menospreza sua vida de jornalista, tampouco a de ficcionista.

Bernardo não esconde que a literatura foi para ele libertadora, como nada fora antes, o que ele evidencia também a Pereira (2014, s. p.): “nunca pensei que houvesse um ofício ainda mais libertário e libertador do que o jornalismo. Mas há: é a literatura, a ficção, o ofício de escritor.”. Essa libertação na literatura, sentida por Kucinski, dá-se também porque, de certa forma, ele sentiu necessidade de registrar sobre os acontecimentos durante esse período traumático na nossa história e, ao mesmo tempo, faz uma homenagem às vítimas mortas e desaparecidas na ditadura, sobretudo à sua irmã Anna Rosa.

Convidado por Pereira (2014, s.p.) a falar sobre a força da literatura diante das atrocidades do mundo, Bernardo, convictamente, ressalta que “a única força da literatura é

espiritual e se manifesta em geral na exumação das tragédias da humanidade. Os grandes desastres e transformações da humanidade, certamente, desencadeiam grandes surtos literários.”.

Dessa forma, como a ditadura foi calamitosa para grande parte da sociedade das décadas de 1960 a 1980, houve um manifesto das pessoas também por meio da literatura. Contudo, *K.: relato de uma busca* surgiu recentemente. Como o próprio autor do livro enfatiza em resposta à entrevista de Taketani (2016, s. p.), “K. surgiu 40 anos depois dos fatos, de um modo brusco e que lembra o dos livros espíritas psicografados. Escreveu-se por si mesmo, como se eu tivesse sido apenas o instrumento; primeiro um capítulo, depois outro e mais outro, até que resultou numa novela.”.

Diante desse caráter distinto, o próprio Kucinski reforça, por meio da entrevista concedida à Pereira (2014, s. p.), que os capítulos de *K.: relato de uma busca* “funcionam como contos autônomos.”. Entretanto, Kucinski organiza-os em uma sequência que permita ao leitor entender a narrativa.

Quando questionado por Taketani (2016, s. p.) sobre o fato de colocar seu pai como personagem principal ao invés de si mesmo, o autor de *K.: relato de uma busca* responde que:

O pai em K. é uma fusão de personagens, eu entre eles. Esse foi o recurso principal que permitiu transportar a história para o domínio do ficcional, a despeito de seus conteúdos serem essencialmente factuais. A figura do velho pai também ajudou a dar continuidade à narrativa. K. é composto de capítulos estanques, estruturados como contos, com vozes distintas. Nem sempre há entre os capítulos um nexos direto. Os estilos e formatos também diferem. Era preciso um personagem que ligasse tudo isso, que desse à história um começo e um fim, e esse personagem é o velho pai, K. Mas isso só me ocorreu em meio ao processo de escrita.

Ao que tudo indica, Kucinski demonstrou-se autor também de suas emoções, haja vista que conseguiu pensar em diversas e diferentes estratégias enquanto escrevia *K.: relato de uma busca*, que, como já evidenciamos anteriormente, foi, de certa forma, a realização do luto de sua irmã. Seria natural, então, que Bernardo colocasse a si e as suas dores como cerne da narrativa, mas faz diferente, pois ele narra sob a óptica do pai, o qual, segundo Figueiredo (2017, p. 142), é uma “figura muito mais pungente do que seria um irmão jornalista.”.

O primeiro livro de ficção de Bernardo Kucinski publicado foi um sucesso, considerado, como Taketani (2016) enfatizou, uma das principais obras cuja temática é a ditadura militar. Talvez essa seja a razão que levou o autor a escrever e publicar outros livros a respeito dessa temática. Uma dessas obras é *Os visitantes*, publicada em 2016, que possui relação com a primeira obra ficcional do autor. Possivelmente, dentre as principais razões de Kucinski se

dedicar a essa temática em mais de uma obra estão sua relação pessoal com o assunto, e também o sucesso de *K.: relato de uma busca*.

Em *Os visitantes*, Kucinski escreve uma narrativa que é, de certo modo, uma continuação da outra obra. Essa, porém, “funciona como uma reflexão sobre K. e sobre questões como a representação literária da ditadura, a confusão entre fato e ficção, o impacto em pessoas reais envolvidas na narrativa e a estetização do mal.” (TAKETANI, 2016, s. p.).

Logo, inferimos que essa nova obra foi estrategicamente pensada pelo autor, a fim de fazer um aprofundamento do período da ditadura, bem como continuar a rememoração de episódios e acontecimentos ligados aos anos de chumbo. Além do mais, o autor já salientara várias vezes sobre sua satisfação com o fazer literário, e com a libertação propiciada pela literatura. No entanto, enquanto *K.: relato de uma busca* foi um refúgio, uma libertação, uma forma de luto em homenagem à sua irmã Anna Rosa, *Os visitantes* foi uma maneira de Kucinski continuar e aprofundar a escrita ficcional. Dito de outra maneira, “*K.: relato de uma busca* veio do coração ou do fígado, enquanto *Os visitantes* veio do cérebro.” (TAKETANI, 2016, s. p.).

Além dessas obras, Kucinski lançou uma coletânea de contos, intitulada *Você vai voltar pra mim e outros contos*: “A coletânea traz ‘apenas’ 28 textos. Quase nada, levando em consideração que, entre junho de 2010 e julho de 2013, Kucinski escreveu cerca de 150 contos.” (PEREIRA, 2014, s. p.). Tais números nos levam a afirmar que, além de leitor voraz, ele também é um autor com tal característica.

Assim, somos incitados a pensarmos que Bernardo Kucinski é uma das inúmeras testemunhas de fatos ocorridos em meados das décadas de 1960 a 1980, com relação à ditadura. E, com suas publicações, sobretudo ficcionais, fica evidente que ele pretende fazer com que também seus leitores se tornem testemunhas e entendedores do que acontecia com uma parcela da sociedade, mas que outras tantas nem sequer sabiam do que estava acontecendo.

Bernardo Kucinski presenciou, por meio das vivências de sua família, a ditadura, o que o torna uma testemunha ocular, que quer tornar também seus leitores testemunhas da ditadura de 1964, a fim de que ela ou algo semelhante a ela não seja trazido à realidade atual ou futura. Logo, as narrativas dele não são apenas arquivos do passado, mas também alertas para o presente e o futuro.

Procedemos à seleção e à análise de *corpora*, os quais descrevemos nas próximas subseções e, paralelamente, vamos realizando considerações sobre a narrativa *K.: relato de uma busca*, com detalhes e percepções que ainda não revelamos.

3.2 Composição da obra *K.: relato de uma busca*

K.: relato de uma busca ganhou bastante espaço em pouco tempo. Foi publicado primeiramente pela editora Expressão Popular, de São Paulo, em 2011, e republicado no ano seguinte pela mesma editora. Em 2014, o livro foi publicado pela Cosac Naify e, em 2016, pela Companhia das Letras. Com este livro, o autor foi finalista, em 2012, dos prêmios São Paulo de literatura e Portugal Telecom.

Muitas das experiências de Kucinski são registradas em sua obra *K.: relato de uma busca*, o que a deixa ainda mais envolvente. O jogo feito entre os capítulos, envolto em mistério, revelação e diversas vozes narrativas faz com que o leitor realize uma leitura voltada aos temas e às diversas personagens da obra encontradas no percorrer dos capítulos.

Ao longo dos capítulos e da trajetória das personagens, Kucinski tenta mostrar o que ocorria com vítimas da ditadura, tanto com as desaparecidas, quanto com os seus familiares, inconsolados, agoniados, traumatizados e desesperados, muitas vezes sem saber o que de fato aconteceu com o parente desaparecido. Na narrativa, K., o protagonista, não sabe o que aconteceu com sua filha, que está desaparecida e, portanto, resolve fazer uma busca incessante por ela, ou pelo menos por informações que revelassem seu paradeiro ou seu fim.

O livro é dividido em 29 capítulos, os quais são formados por diferentes composições, inclusive uma narração alternada entre narrador onisciente e narrador personagem. Essa diversidade de narradores forma um jogo narrativo em que um capítulo pode ser isolado do outro, como se fosse uma narrativa separada do restante, mas na verdade se relacionam e ajudam o autor a narrar diversos aspectos relacionados à temática da obra. Portanto, ao verificarmos a composição narrativa de *K.: relato de uma busca*, deparamo-nos com um narrador onisciente ao longo da obra, mas encontramos, intercalados a este, alguns narradores personagens que não aparecem nos demais capítulos narrados.

Há 18 capítulos do livro que são contados por um narrador onisciente, e que possuem em seu centro a trama de K., um pai que está desesperado, em busca de sua filha, a qual, ao que tudo indica, é mais uma das vítimas desaparecidas da ditadura. Ao longo desta trama, vão surgindo pistas e novas informações surpreendentes que deixam o pai abalado, mas ao mesmo tempo com uma necessidade cada vez maior de descobrir o que aconteceu com sua filha, cujo nome não aparece ao longo do enredo.

Esse enredo com narrador onisciente, cuja relação fica evidente com o título do livro *K.: relato de uma busca*, é encontrado nos seguintes capítulos:

Número do capítulo	Nome do capítulo
02	“Sorvedouro de pessoas”
04	“Os informantes”
05	“O primeiro óculos”
06	“O matrimônio clandestino”
09	“Jacobó, uma aparição”
11	“Nesse dia, a Terra parou”
13	“A matzeivá”
15	“Imunidades, um paradoxo”
16	“Dois informes”
17	“Baixada Fluminense, o pesadelo”
19	“Um inventário de memórias”
20	“A terapia”
21	“O abandono da literatura”
23	“Os extorsionários”
24	“A reunião da congregação”
25	“As ruas e os nomes”
26	“Sobreviventes, uma reflexão”
27	“No Barro Branco”

Já que o primeiro capítulo é apenas uma carta do irmão da filha desaparecida com data de quase 40 anos após o acontecimento narrado, pode-se afirmar que o início da trama da busca de K., o pai, pela sua filha desaparecida começa no segundo capítulo do livro, no qual logo em seu início é anunciado este conflito: “A tragédia já avançara inexorável quando, naquela manhã de domingo, K. sentiu pela primeira vez a angústia que logo o tomaria por completo. Há dez dias a filha não telefona.” (KUCINSKI, 2016, p. 16).

No terceiro capítulo há uma interrupção da trama da busca de K., mas esta volta a ocorrer no quarto capítulo, “Os informantes”. A esta altura, K. já está buscando pistas e informações sobre sua filha e teme estar sendo vigiado ou enganado, quando se encontra com Caio, alguém que parece lhe ajudar, mas que pode ser um informante da polícia: “Há cinco semanas a filha está sumida, diz. Cinco semanas, repete, ignorando o como vai tudo bem. Arrasta-o ao seu refúgio nos fundos da loja.”. (KUCINSKI, 2016, p. 30).

No quinto capítulo, “O primeiro óculos”, aparece K. apenas no início e no fim, sendo que o foco do capítulo não é a busca do pai pela filha desaparecida, mas sim a tentativa de evidenciar informações relevantes que contribuam para essa busca e também aspectos relacionados à ditadura militar e demais invasões e conflitos em meio à escolha de óculos para a filha quando esta ainda morava com seu pai: “A menina tinha catorze anos; acabara de provar os óculos que escolhera com o pai na semana anterior e haviam sido entregues naquela tarde. Eram os seus primeiros óculos.” (KUCINSKI 2016, p. 38).

Em “Matrimônio clandestino”, sexto capítulo, aparece outro aspecto importante do enredo, pois K. descobre que sua filha casara-se em segredo e, depois de muito investigar e tentar entender o motivo disso, ele chega a uma conclusão: “Depois de matutar muito, K. convenceu-se de que a única razão para se casarem formalmente, na situação de risco em que viviam, era para diminuir o próprio risco. Como? Tendo a posse de um documento legítimo de casados.” (KUCINSKI, 2016, p. 45).

Nos capítulos sete e oito, novamente a trama da busca de K. é interrompida, mas no nono, “Jacobo, uma aparição”, ela é retomada. K. continua buscando informações e ajudantes. Dentre estes está Jacobo, que se encontra escondido com K. a fim de entender a situação deste e como poderia ajudá-lo. Porém, o capítulo encerra-se com um mistério instaurado devido a um telefonema inusitado de Carlos dois meses após Jacobo não dar mais retorno a K., mesmo que parecesse interessado e otimista no começo. Em um encontro marcado entre Carlos e K., este pergunta: “‘E como vai o Jacobo?, perguntou. / ‘Por isso eu vim , e não ele’, diz Carlos. ‘O Jacobo desapareceu há dois meses. Nós estamos muito preocupados. Desapareceu sem deixar nenhum vestígio.’” (KUCINSKI, 2016, p. 59).

Já no capítulo dez, assim como em muitos outros, são evidenciadas outras informações, as quais serão esclarecidas mais adiante. Por ora, detemo-nos aos capítulos que possuem como ênfase a busca do pai pela filha, devido à nossa divisão entre capítulos que focalizam a trama de K., e os demais, nos quais esta busca cede espaço para outros aspectos relevantes relacionados à temática da obra em questão.

No décimo primeiro capítulo, “Neste dia, a terra parou”, é retomada a narração feita pelo narrador onisciente, que é direcionada a K. e sua busca pela filha. Entre pistas e informações duvidosas, K. é tomado por uma ameaçada esperança de encontrar sua filha: “Em vez de vinte e duas explicações, vinte e sete mentiras. Eis que, no final, aparece uma referência à filha de K. Dela, diz o comunicado, assim como do marido e dois outros, não há nenhum registro nos órgãos do governo.” (KUCINSKI, 2016, p. 64).

A busca de K. é interrompida no capítulo doze, mas retomada no treze, “A matzeivá”. Já sem muita esperança de encontrar sua filha, K. resolve ir a uma igreja para convencer o padre a fazer uma lápide à sua filha e velá-la, visto que já passou um ano do desaparecimento dela, mas sua ideia não é bem vista: “K. sente com intensidade insólita a justeza desse preceito, a urgência em erguer para a filha uma lápide, ao se completar um ano da sua perda. A falta da lápide equivale a dizer que ela não existiu e isso não é verdade [...]” (KUCINSKI, 2016, p. 74).

A troca de narrador é feita novamente no capítulo catorze, o qual é narrado por um personagem que não aparece nos outros capítulos, mas no capítulo quinze, “Imunidades, um paradoxo”, a narração feita pelo narrador onisciente e a busca incessante de K. são recomeçadas. Esse capítulo parece ser um resumo da trajetória da busca de K. pela filha até naquele momento. E o capítulo encerra como se aquilo tivesse chegado ao fim: “O pai que procurava a filha desaparecida já nada procura, vencido pela exaustão e pela indiferença. Já não empunha o mastro com a fotografia. Deixa de ser um ícone. Já não é mais nada. É o tronco inútil de uma árvore seca.” (KUCINSKI, 2016, p. 85).

No entanto, no próximo capítulo, “Dois Informes”, surgem novas informações. Mesmo que nesta parte não apareça K., podemos perceber que os informes de Souza direcionam a uma nova esperança por meio da menção de casos semelhantes ao de K. e sua filha: “Antes do ponto, passara a tarde em desassossego, recapitulando um a um os últimos contatos, para se certificar de que não deixara flancos abertos, nenhuma suspeita.” (KUCINSKI, 2016, p. 88). De certa forma, esse capítulo e os informes reviverão as esperanças de K, pois levantam a possibilidade de terem sido deixadas algumas pistas, que deixam o militar inquieto, afoito.

Em “Baixada Fluminense, pesadelo”, décimo sétimo capítulo, a busca de K. volta por meio da narração de um sonho/pesadelo que o protagonista teve: “Naquela noite K. dormiu profundamente pela primeira vez desde o desaparecimento da filha. A viagem à Baixada Fluminense o deixara exausto. Acordou descansado, mas perturbado pelo sonho que tivera [...]” (KUCINSKI, 2016, p. 90).

Ausente no capítulo dezoito, a narração da busca de K. pela filha desaparecida é retomada no dezenove, “Um inventário de memórias”. Neste, o narrador onisciente detém-se às memórias de K. ao olhar as fotografias, em um momento de melancolia e introspecção: “À medida que separa mais fotografias, e as examina lentamente, uma a uma, tentando identificar cada cenário, adivinhar através de detalhes do penteado ou das roupas o momento ali congelado, K. afunda mais e mais dentro de si mesmo.” (KUCINSKI, 2016, p. 110).

“A terapia”, vigésimo capítulo, possui uma composição diversificada, pois começa com narração feita por um narrador onisciente, mas logo surgem diálogos colocados entre aspas a

fim de registrarem a conversa de Jesuína, uma faxineira com 22 anos e que não consegue dormir, com uma terapeuta. Ambas aparecem apenas neste capítulo, no qual, aliás, K. não é sequer mencionado: “Jesuína hesita e acrescenta: ‘Toda vez que ele vinha também me levava para cama...’. / ‘É por isso que você tem os sangramentos e as alucinações, ele te forçava?’.” (KUCINSKI, 2016, p. 117).

No vigésimo primeiro capítulo, “O abandono da literatura”, ressurgue a narração sobre K. em um momento em que ele desiste de escrever uma narrativa. No lugar disso, ele resolve escrever cartas às futuras gerações, que é o que encerra este capítulo: “Assim, não era mais o escritor renomado a fazer literatura com a desgraça da filha; era o avô legando para os netos o registro de uma tragédia familiar.” (KUCINSKI, 2016, p. 128).

Ausente no próximo capítulo, a narração sobre K. é retomada no vigésimo terceiro, “Os extorsionários”. Neste capítulo, é narrado sobre o episódio em que K. vai assistir ao julgamento de um sargento que o havia enganado. No final deste capítulo, K. clama por justiça pela sua filha, mas é ignorado pelos juízes e policiais:

Os três juízes levantam-se ao mesmo tempo, de modo abrupto. Dois soldados enormes, portando capacetes e braçadeiras da Polícia do Exército, retiram o réu da sala por uma porta lateral. Outros dois, também altos e fortes, cercam K., indicando-lhe a porta da saída. K. vai devagar, compelido pelos dois soldados que o pressionam ameaçadoramente, um de cada lado. (KUCINSKI, 2016, p. 140).

No vigésimo quarto capítulo, “A reunião da congregação”, também não há a narração da busca de K. pela filha, e sim em forma de registros em ata de acontecimentos relacionados à universidade: “Estamos no dia 23 de outubro de 1975. Passaram-se dezenove meses desde o desaparecimento da filha de K., lotada nos quadros da universidade como professora assistente doutora.” (KUCINSKI, 2016, p. 142).

No vigésimo quinto capítulo, “As ruas e os nomes”, é narrado o episódio em que K. decide viajar até um loteamento do outro lado da ponte Rio-Niterói para prestigiar o evento de homenagem aos desaparecidos políticos, cujos nomes seriam colocados nos nomes das ruas: “Ali, um projeto de lei de um vereador de esquerda deu a cada rua o nome de um desaparecido político, quarenta e sete ruas, quarenta e sete desaparecidos políticos.” (KUCINSKI, 2016, p. 149).

No vigésimo sexto capítulo, “Sobreviventes, uma reflexão”, aparece o personagem K. apenas uma vez, no primeiro parágrafo. Posteriormente, são feitas reflexões, por intermédio da narração feita pelo narrador onisciente, sobre sobreviventes, culpa, e uma relação interdiscursiva com Kafka: “Em *O processo*, Joseph K. examina seu passado até os ínfimos

detalhes, em busca do erro escondido, da razão de estar sendo processado.” (KUCINSKI, 2016, p. 155).

Já no vigésimo sétimo capítulo, “No Barro Branco”, em meio a lembranças de K. é narrado também sobre um quartel que ele conhece há mais de cinquenta anos, ao qual volta agora com cigarros e barras de chocolate para presos políticos. Lá, K. conta sobre seu passado, sua busca pela filha, entre outras vivências suas, mas de repente K. passa mal, e os presos o acodem:

K. manteve os olhos fechados por quase dez minutos, sempre respirando fundo, o peito arfando. Depois suas pálpebras se abriram e ele percebeu ao seu redor os presos políticos; avistou atrás deles, no alto da parede dos fundos, a familiar janelinha gradeada da cela trazendo de fora promessas de sol e liberdade. Sentiu-se em paz. Muito cansado, mas em paz. Estendeu aos presos o pacote de cigarros. Depois, suas mãos se abriram e seus olhos se cerraram. (KUCINSKI, 2016, p. 162).

Além destes capítulos, há outros onze narrados por personagens que, em verdade, não aparecem nos demais, pelo menos não como personagens envolvidos significativamente na trama principal da obra, que é a busca de K., o pai, pela filha. Nesses onze capítulos, aparecem personagens que parecem ser um caso à parte em relação à trama principal, mas que são essenciais para que o autor consiga passar as informações pretendidas sobre acontecimentos relevantes relacionados à ditadura militar. Os capítulos narrados por personagens são assim distribuídos:

Número do capítulo	Nome do capítulo
01	“As cartas à destinatária inexistente”
03	“A queda do ponto”
07	“Carta a uma amiga”
08	“Livros e expropriação”
10	“A cadela”
12	“A abertura”
14	“Os desamparados”
18	“Paixão, compaixão”
22	“O livro da vida militar”
28	“Mensagem ao companheiro Klemente”
29	“Post scriptum”

O primeiro capítulo, “As cartas à destinatária inexistente”, possui a estrutura de uma carta e o último, “Post scriptum”, é semelhante à composição desta, sendo ambos os capítulos – 01 e 29, portanto – narrados pelo mesmo personagem, o irmão da filha desaparecida de K.. Aliás, ambos os capítulos são registrados no final deles com mesmo local e data: “São Paulo, 31 de dezembro de 2010” (KUCINSKI, 2016, p. 15 e 168), 40 anos após o período em que ocorreu a história narrada.

Já no terceiro capítulo, “A queda do ponto”, não aparece o personagem K. e não é revelado quem é o narrador. Mas constantemente ao longo deste capítulo aparece o pronome “ele” referindo-se ao homem do casal sobre o qual é narrado neste capítulo, que se subentende ser a filha e o genro de K., o qual está escondido disfarçadamente em um pequeno apartamento: “Felizmente ele fora duplamente precavido. Ou será que já suspeitava? Postara-se uma hora antes numa área recuada, distante da praça, de onde podia observar sem ser observado.” (KUCINSKI, 2016, p. 26-27). Percebemos também, no trecho citado, a interação que o narrador deseja estabelecer com o leitor por meio da interrogação feita, sendo que este recurso aparece mais adiante novamente, no mesmo capítulo.

O sétimo capítulo, “Carta a uma amiga”, é uma carta escrita pela filha desaparecida de K. e endereçada a uma amiga. Nessa carta são feitas revelações sobre a aflição da remetente referente às perseguições e registros das lembranças e saudades da vida normal que ela possuía:

Queria muito te encontrar, mas se você vier para São Paulo, não me procure diretamente, primeiro telefone para alguma amiga e logo eu darei um jeito de te localizar. Também peço que não responda esta carta pelo correio, nem para aquele endereço do meu pai. Aconteça o que acontecer, saiba que te quero muito./ Beijos. / A. (KUCINSKI, 2016, p. 48).

No oitavo capítulo, “Livros e expropriação”, o narrador não é identificado, revelado, mas aparecem os pronomes “ele” e “nosso”, o que deixa implícito um “eu” – o “ele” é um revolucionário e um leitor voraz, que, no final, é capturado pelos militares e desaparece: “Ele roubava livros. Sua pasta era dotada de uma repartição oculta na qual os escondia com facilidade.” (KUCINSKI, 2016, p. 49). Já o “nosso” mostra uma intenção de interação do narrador com o leitor: “[...] enquanto o medo e a incerteza invadiam os corações dos ativistas de esquerda, nosso personagem, resoluto, convocou para uma missão especial um de seus confidentes do ideal socialista que tinha carro.” (KUCINSKI, 2016, p. 51).

O décimo capítulo, “A cadela”, porém, é narrado por um militar. Presumimos, pelo contexto do capítulo, que seja quem prendeu a filha desaparecida de K. e o marido dela, os quais possuíam uma cachorra: “Mas nós ficamos aqui o tempo todo, com essa cadela nos

atormentando, mas eu já sei o que vou fazer: dou mais dois dias, se ela não morrer sozinha, boto veneno na água, boto o veneno que demos àquele ex-deputado federal.” (KUCINSKI, 2016, p. 62).

Já no décimo segundo capítulo, “A abertura”, o narrador é um militar gabola, que conversa com Mineirinho, um subalterno seu. Há indícios de que seja o mesmo narrador do décimo capítulo: “Mineirinho, eu sabia que era só esperar. Levou uma semana, mas funcionou. Sabia que eles iam morder a isca, e que ia chegar logo no velho. Ele foi sozinho até Franco da Rocha, foi assim direto, bateu na porta e disse que queria ver a filha.” (KUCINSKI, 2016, p. 69. Fica oculto se o “velho” que aparece neste capítulo é o K., e a “filha” é a sua, que está desaparecida, mas pelo contexto do enredo podemos inferir que seja o protagonista da obra, K..

“Os desamparados”, o décimo quarto capítulo, é narrado por um pai de família carente que era ajudado por K., ou por alguém com características semelhantes a ele, como, por exemplo, o de caminhar com um livro embaixo dos braços e ter uma filha desaparecida:

Ela igual a ele, livro na mão; agora não sei o que vai ser de nós, na nossa família o pontalete era ele, sustentava, acudia, agasalhava, ficamos no desarrimo, não é certo, os filhos é que deveriam enterrar os pais e não os pais enterrarem os filhos, pior que nem isso, nem enterrar podemos. (KUCINSKI, 2016, p. 82).

Já no décimo oitavo capítulo, “Paixão, compaixão”, o narrador é uma mulher, de família comunista e que se envolve sexualmente com um militar: “Eu chamo ele de chefe e ele me chama de garota. [...] Às vezes, no meio de uma transa, me chama de gostosa. Tudo bem, na cama tudo bem. Mas fora disso é só garota.” (KUCINSKI, 2016, p. 97).

O vigésimo segundo capítulo, “O livro da vida militar”, é, em verdade, uma narração intercalada entre falas de narrador personagem e comentários de um narrador externo às falas entre aspas: “‘Este aqui é o único general que pelo meu conhecimento se preocupou em mandar pararem as torturas.’ / Embora de extrema direita, o general era espírita, quando soube das torturas foi à Barão de Mesquita de surpresa [...]” (KUCINSKI, 2016, p. 133. A primeira parte deste trecho é uma das treze falas que aparecem entre aspas e presumem um narrador personagem; e a segunda é um dos treze comentários feitos após essas falas. No final deste capítulo descobrimos que quem profere as falas entre as aspas é um general cassado: “O general cassado fecha o almanaque. Chega. Já deu para entender.” (KUCINSKI, 2016, p. 134).

Em “Mensagem ao companheiro Klemente”, vigésimo oitavo capítulo, há uma mensagem em forma de carta, assinada por Rodriguez, um militante, e destinada a Klemente, um de seus companheiros de militância: “É possível que ao recebê-la eu e minha companheira

já estejamos mortos. Sentimos que o cerco se fecha. Não tente saber como chegou a V. e nem a guarde. O melhor é que depois de ler você a destrua.” (KUCINSKI, 2016, p. 167).

O vigésimo nono capítulo, “Post Scriptum”, não possui mais que uma página e nele fica evidente que quem o escreve é o irmão da desaparecida, depois de quase quatro décadas do ocorrido: “Passadas quase quatro décadas, súbito, não mais que de repente, um telefonema a essa mesma casa, a esse mesmo filho meu que não conheceu sua tia sequestrada e assassinada.” (KUCINSKI, 2016, p. 168). Este registro encerra com o manifesto de que o sistema repressivo ainda existe, de que aquele telefonema faz parte: “O telefonema da suposta turista brasileira veio do sistema repressivo, ainda articulado.” (KUCINSKI, 2016, p. 168). O telefonema, portanto, era na verdade uma forma de espionagem do sistema repressivo, e não com as intenções turísticas, que teriam sido o suposto motivo da ligação.

Ao fazermos uma análise de todos os capítulos, é possível identificarmos que metade deles é relacionada diretamente à narração da busca de K. pela filha, aqueles em que aparece o narrador onisciente. Já a outra metade é feita por narradores personagens, mais outros cinco capítulos narrados pelo narrador onisciente, mas que possuem estrutura bastante diferente e que não centralizam na narração a busca de K., o personagem principal. Portanto, matematicamente, metade dos capítulos é voltada, sobretudo, para a narração da busca do pai pela filha, e a outra metade possui como cerne narrativo alguma outra ênfase, porém vinculada à temática de vítimas torturadas devido à ditadura.

Percebemos na estrutura da narração uma multiplicidade discursiva, devido aos diversos narradores, sendo que cada capítulo contribui para a contextualização sobre os acontecimentos no período do regime militar que se perpetuou por mais de duas décadas no Brasil. Portanto, essa multiplicidade de narradores é um dos destaques do livro *K.: relato de uma busca* e que, ao invés de afastar o leitor, tende a motivá-lo a continuar a leitura, a fim de que possa acompanhar a trama e compreender a sua complexidade discursiva e narrativa. Certamente os leitores, curiosos, querem saber o desfecho da trama de K. e sua busca pela filha desaparecida, o que é focalizado nos capítulos em que há narrador onisciente.

Além do mais, a narração dos capítulos feita pelo narrador onisciente centraliza-se na busca de K. pela filha e o desenrolar dessa trama. Assim, o narrador onisciente é um dos guias do enredo da história. No entanto, são os narradores personagens que trazem discursos inesperados à trama, pois não narram a busca de K. pela filha, mas contribuem para a temática da narrativa, que é a trama vivida pelas vítimas da ditadura.

Portanto, temos em *K.: relato de uma busca* várias vozes narrando diferentes histórias, mas todas voltadas para elementos traumáticos relacionados à tortura sofrida pelas vítimas da

ditadura. Essa multiplicidade de narradores mostra várias visões, ou seja, possibilita que diferentes personagens também se tornem sujeitos da enunciação, a fim de que haja vários discursos diferentes, o que torna a obra ainda mais dotada de significação e informações. Como se trata de um texto ficcional, o leitor sente-se intimado a tirar suas próprias conclusões e, portanto, torna-se sujeito atuante nesse processo dinâmico e interacional.

Como pode ser percebido no livro, muitos dos capítulos narrados por personagens não são uma continuação do enredo principal do livro, que é a busca de K. pela filha desaparecida, e, além disso, são feitos por personagens diferentes, que nem sequer aparecem em outros capítulos da trama narrada. Muitos deles são narrações de acontecimentos vinculados às torturas e aos traumas vivenciados pelas vítimas do tempo da ditadura militar e que contribuem, de uma ou outra forma, para uma compreensão mais aprofundada desse período traumático às vítimas.

Em vista disso, descortina-se em *K.: relato de uma busca* o que se espera de toda boa ficção narrativa: um enredo que faz o leitor mergulhar em sua história. Ao ler a obra, o leitor tende a ficar angustiado inúmeras vezes, pois a temática é voltada à obscuridade de um passado sombrio. Um pai desesperado em busca pela filha já deixa o leitor sensibilizado.

Os diversos narradores e os diferentes discursos encontrados em *K.: relato de uma busca* possibilitam, através das várias vozes dos sujeitos da enunciação, uma gama de informações dotadas de significação e voltadas para a mesma temática, porém em perspectivas diferentes. Há o narrador onisciente, cujos capítulos possuem linguagem mais formal do que a daqueles narrados por personagens; e há diversos capítulos narrados por personagens diferentes – uma mulher comunista que se envolve com um militar, um pai de família carente, um militar, etc. Nesses capítulos há o predomínio de uma linguagem coloquial, inclusive com palavras grosseiras e ofensivas, popularmente chamadas de palavrões.

Essa composição contribui para que a obra desempenhe o papel social de mostrar, através da ficção, um passado obscuro e, dentre outros objetivos, alertar para que isso não se repita futuramente. No entanto, enquanto convida o leitor para apreciá-la, a ficção mostra o real de outro ângulo, e a ele acresce outros discursos, pois há o inventado presente em sua composição.

Em *K.: relato de uma busca*, o autor, devido à ficcionalização dos fatos, até pode tornar a realidade menos cruel, menos traumática, com o apoio das estratégias do texto, pelo fato de um texto ficcional não precisar seguir a realidade dos fatos exatamente como aconteceram. Isso, porém, não quer dizer que Kucinski não se preocupa com sua inspiração buscada na realidade, muito pelo contrário.

Devido às fortes cenas narradas em *K.: relato de uma busca*, o inacreditável está no fato de serem narrados episódios de tortura, de sofrimento, uma vez que isso seria algo surreal para ser verdade. E, na ficção, ficam indistinguíveis os limites entre ela e o que de fato aconteceu na realidade. Dessa forma, percebemos, nessa obra literária, uma preocupação do autor com as informações, tanto com sua relação com a realidade quanto com a estrutura da obra, a qual precisa ser recebida pelo leitor e agradar a este.

Em virtude de a obra analisada ser baseada em fatos reais traumáticos para o próprio Kucinski, podemos dizer que ele encontrou na ficção uma forma de desabafo e também de arquivar, registrar suas memórias, seus traumas, e, ao mesmo tempo, informar os leitores sobre o que acontecia com pessoas naquela época e, assim, mostrar para elas que é possível viver em prol da pacificação, na busca de seus ideais e princípios.

Nessa perspectiva, identificamos no livro de Kucinski um texto discursivo marcado por um autor que possui suas próprias ideologias, pensamentos, enfim, com uma longínqua e experiente caminhada de vivências. Dessa forma, o “relato” de uma busca acompanhada pessoalmente pelo autor atribui a *K.: relato de uma busca* um importante papel social e pode permitir mudanças de pensamentos, por meio desse texto, e conscientizações sobre a necessidade de mudanças nas estruturas sociais através da ficção.

Diante de todos esses elementos estruturais, além de outros componentes da narrativa que a caracterizam, há muito para os leitores compreenderem através dessa obra de Kucinski. Cada leitor possui permissão do autor para realizar suas próprias conclusões e ver o que lhe parece mais importante, que é o que contribuiu para que selecionássemos os *corpora* descritos a seguir.

3.3 Internautas da *Skoob*: *feedback* do público

Quando um leitor faz um registro sobre algo que leu, o autor do texto lido e demais pessoas recebem um *feedback* a respeito daquele texto. Os veículos virtuais de circulação de informação possibilitam a manifestação do leitor com relação ao texto que leu. Trata-se de meios pelos quais o leitor registra suas percepções a respeito da obra e, assim, outros sujeitos têm acesso a informações sobre determinado texto, podendo se sentirem convidados a realizarem ou não a leitura dele.

Na contemporaneidade, o termo *feedback* tem seu sentido voltado para o retorno, a resposta de um sujeito, receptor de algo, por meios virtuais. Logo, os comentários da *Skoob* são,

para nós, *feedbacks* de leitores da obra *K.: relato de uma busca* e revelam o que se sobressai do livro em questão à sua recepção realizada pelo público.

Os leitores comuns, que se manifestam na rede social *Skoob*, constituem um grupo heterogêneo, pois qualquer pessoa pode cadastrar-se na rede e realizar comentários sobre diferentes obras e autores². No entanto, partimos do fato de que o leitor faz registros sobre determinada obra quando ela lhe desperta interesse, curiosidade ou então quando o leitor se sente instigado a escrever alguma crítica, positiva ou negativa, a respeito daquela obra.

Escolhemos a *Skoob* como uma das integrantes dos nossos *corpora* pelo fato de ela ter um grande número de integrantes cadastrados. Conforme consta no próprio site da *Skoob* (s. d., s. p.), “somos a maior rede social para leitores do Brasil. Funcionamos como uma estante virtual, onde você pode não só colocar os livros que já leu, como aqueles que ainda deseja ler. Tudo de forma organizada para que você não se perca durante as leituras.”.

Com relação à obra *K.: relato de uma busca* encontramos 21 comentários³ até dia 01 de maio de 2019, data da última coleta dos dados na rede virtual *Skoob*. Abordaremos individualmente a maioria deles ao longo do capítulo de análises.

É natural que encontremos comentários com diferentes percepções. Afinal, cada leitor é único. Não é nosso foco, porém, avaliarmos o comentário de cada leitor, mas sim compreendermos como os leitores recebem a obra *K.: relato de uma busca* e o que dela mais lhes despertou a atenção, além de fazermos o paralelo entre suas percepções e as de outros leitores da obra, que descrevemos a seguir.

Enfim, a partir dos 21 comentários da *Skoob* almejamos realizar apuradas sondagens e análises a respeito da recepção da obra *K.: relato de uma busca*, e, conseqüentemente, verificarmos as relevâncias dadas pelos mais diferentes leitores. Afinal, temos o autor; uma de suas obras, *K.: relato de uma busca*; e vários receptores dela, cada qual com seu olhar, e que evidenciam uma compreensão, interpretação e aplicação conforme sua leitura.

² Aproveitamos o momento para esclarecermos que não usamos o termo “leitoras” porque não era nosso objetivo verificar as características particulares de cada internauta da *Skoob* que se manifestou a respeito do livro *K.: relato de uma busca* até mesmo porque alguns deles usavam apenas apelidos, abreviações e demais formas que impossibilitavam descobrir quem era o sujeito que realizou o comentário.

³ Vale esclarecermos que no capítulo de análises são encontradas 42 figuras com os comentários desses internautas da *Skoob* que se manifestaram nesta rede sobre o livro *K.: relato de uma busca* porque muitos deles foram recortados e divididos em partes, conforme correspondiam às categorias que selecionamos em consonância com os assuntos que mais apareciam dentro destes registros. Para verificar, no próximo capítulo, se o comentário do internauta está na íntegra ou fragmentado, basta olhar o título e conferir se constam as palavras “parte de” para saber que aquele trecho ali encontrado contém apenas uma parte do comentário registrado por aquele internauta da *Skoob*, caso contrário ele está disposto em sua totalidade.

4 RECEPÇÃO DE K.: RELATO DE UMA BUSCA: AS LACUNAS PREENCHIDAS PELOS LEITORES NA REDE SOCIAL SKOOB

Por trás do livro *K.: relato de uma busca*, o qual apresentamos anteriormente, há uma gama de curiosidades e elementos envolvidos, tanto com relação à sua temática, quanto à sua estrutura, dentre outros aspectos. Portanto, divulgamos agora alguns dos resultados mais contundentes que analisamos através da recepção crítica dessa obra por leitores participantes da rede social *Skoob*.

Esses resultados obtidos são os *feedbacks* de diferentes leitores do livro *K.: relato de uma busca*. Fundamentamos o conceito de *feedback* em Iser (1996b, p. 128): “o que de antemão assegura o êxito do discurso cotidiano, aqui deve ser produzido. É o *feedback*, portanto, o responsável por situar o leitor em relação ao texto; esse trabalho do *feedback* coincide com a compreensão do texto.”. Esses *feedbacks*, ou seja, retorno dos leitores por meio de seus comentários, manifestações de suas visões, são o preenchimento das lacunas que mais lhes sobressaíram.

Essas lacunas, ou melhor, os lugares vazios deixados pelo autor aos seus leitores por meio do texto podem ser exemplificados pela polifonia narrativa, bem como pelo jogo entre o real, o ficcional e o imaginário teorizados por Iser (1996a). Esses elementos contribuem para que o leitor se sinta instigado a preencher os lugares vazios ao longo de *K.: relato de uma busca*. Segundo Iser (1999, p. 158),

As mudanças de posição do lugar vazio no campo são responsáveis pelas sequências de representações; estas advêm de operações previamente esboçadas e estruturação e neste processo se traduz a transformação de posições textuais dadas para a consciência de representação do leitor.

Em linhas gerais, isso significa que, conforme o leitor vai lendo o texto, ele vai sanando as dúvidas permitidas pelos lugares vazios, mas, perante a continuidade da realização da leitura, alguns vão sendo descobertos pelo leitor e novos lugares vazios vão surgindo. Nesses traveses, podemos inferir que os lugares vazios são instigações para que o leitor se mantenha motivado, interessado e determinado em seguir a leitura, pois ele sabe que o texto tem um fim, o que pode (e certamente haverá) são lugares vazios, os quais deixam no ar uma vagueza ou possível continuidade.

Em vista disso, analisamos o preenchimento das lacunas pelos leitores por meio do ato de sua leitura de *K.: relato de uma busca*. Ancoramos nossas análises, portanto, no fato de “se a perspectiva prévia permite que o leitor perceba, no ato da leitura, as suas insuficiências, isso

o leva a cada vez mais voltar àquilo em que ele confiava, até que, por fim, consegue ver os seus próprios preconceitos.” (ISER, 1996a, p. 31). Em outras palavras, o leitor pode se identificar com o que está sendo narrado no texto, ou ao menos manifestar-se a respeito dele.

Enfim, são essas manifestações que evidenciamos em nossas análises, separadas por tópicos selecionados conforme as relevâncias que mais apareceram ao longo dos *feedbacks* dos leitores, sendo eles: a estrutura e a composição da obra; a exposição entre realidade e ficção presente nela; as relações entre o passado ditatorial e o presente; as marcas da ditadura; e o manifesto sobre a emoções sentidas pelos leitores. Portanto, citamos os comentários da *Skoob*, ou pelo menos trechos deles, conforme esses aspectos aparecem a fim de analisarmos e comprovarmos nossas percepções, não sendo necessariamente todos eles citados e transcritos em sua integridade.

4.1 Considerações dos leitores sobre a estrutura e a linguagem de *K.: relato de uma busca*

Retomamos os níveis sintático e semântico abordados por Iser (1999b), e citados por nós no capítulo teórico, a fim de ressaltarmos a importância de ambos no livro de *K.: relato de uma busca*. Tanto um quanto outro mostram-se importantes na narrativa, mas como o campo semântico vai ser abordado nos próximos tópicos, detemo-nos, aqui, aos aspectos do nível sintático, voltado para a estrutura do livro e a composição do enredo ao longo da narrativa e dos capítulos.

Dentre os 21 comentários de participantes da rede *Skoob* postados sobre o livro *K.: relato de uma busca*, vários direcionaram diretamente pelo menos parte de seu comentário para a questão da estrutura do livro ou da linguagem. Citamos, entretanto, os que mais nos pareceram relevantes para nossos estudos.

Figura 1 – Comentário de internauta da *Skoob* sobre a estrutura do livro

Bom livro
É um livro que flui bem, com uma narrativa fácil de acompanhar e uma história de dor de um pai na busca de uma filha desaparecida durante a ditadura. Recomendando!

Fonte: *SKOOB*, 2019.

O internauta do comentário acima fez uma rápida explanação recomendando, no final, a leitura do livro, o qual, segundo ele, flui facilmente durante a leitura, consequência do fato de ser uma história com narrativa fácil. Sem muitas delongas, ele ainda afirma, brevemente, que a história é sobre a dor de um pai diante do desaparecimento da filha, o que aprofundaremos em

outra seção mais adiante. Aproveitamos para esclarecer que, mesmo pegando apenas trechos de comentários mais compridos ou comentários curtos na íntegra, muitos dos tópicos que selecionamos acabam se entrelaçando nos comentários dos internautas da *Skoob*.

Também outro participante da rede *Skoob* destina parte de seu comentário para a linguagem do livro, conforme podemos verificar na representação dele abaixo:

Figura 2 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a estrutura do livro

início ao final. Escrita de fácil assimilação, sem grandes pontos de viradas ou heróis. Deve ser encarado apenas como um relato sincero e duro.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Neste trecho da Figura 2 percebemos que este internauta da *Skoob* afirma que o livro possui uma linguagem fácil, que o leitor assimila sem dificuldades a história. No entanto, sem afirmar neste trecho exatamente sobre o que é tratado na narrativa, já podemos imaginar uma história impactante, devido aos adjetivos *sincero* e *duro*, e por se tratar de algo baseado em fatos reais, o que podemos inferir sobretudo graças à palavra *relato*. Essa ideia de relato, porém, não impossibilita uma narração, sem ser voltada necessariamente a uma perspectiva historiográfica, que é o que outro internauta da *Skoob* também ressalta:

Figura 3 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a estrutura do livro

Kucinsky consegue se manter fiel a sua visão do momento. Retratar um período e ao mesmo tempo criar um enredo atrativo ao público que não busca um estudo historiográfico.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Como já salientamos anteriormente, este internauta descarta a hipótese desta obra de Kucinski ser um estudo historiográfico, e também ressalta que o enredo de *K.*: *relato de uma busca* é atrativo ao público. Antes disso, porém, ele menciona o sobrenome do autor, Kucinski, e faz sobressair que ele consegue se manter fiel a seu ponto de vista, ou seja, de retratar um período, que no caso é a ditadura, e fazer isso de uma forma atrativa e convidativa ao público leitor de ficções. Essa inserção da realidade da ditadura para a ficção é entrelaçada ao estilo de escrita de Kucinski e à estrutura do romance dele, como é o caso a seguir:

Figura 4 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a estrutura do livro

A estrutura do romance contribui para afligir o leitor. Sabe-se, já no começo, que Kucinski é irmão de uma desaparecida política a quem a burocracia dos bancos, que desconhece questões de carne e osso, continua a enviar cartas com ofertas. É esse o mote para que o autor jogue com realidade e ficção, e arquitete a busca de um pai pela jovem militante e professora do Departamento de Química da USP – como foi Ana Rosa Kucinski, sua irmã. Não existe, portanto, qualquer alívio em fechar o livro: tudo nele “é invenção, mas quase tudo aconteceu”. Fragmentos de outras vozes, como a do marido guerrilheiro, a do torturador que mobiliza seus capangas, ou a da psicóloga do INSS que atende uma funcionária da Casa da Morte, testemunha de prisões e torturas, também compõem a colcha de retalho dos anos de ditadura.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Já no início desta parte do comentário do internauta da *Skoob* percebemos que, na posição de leitor do romance de Kucinski, ele se sentiu impactado, pois usa o verbo *afligir* para referir-se à recepção do romance *K.: relato de uma busca*. Também o restante desta parte do comentário é voltado à estrutura do romance e questões relacionadas a esta, como um rápido esboço sobre o que nele é narrado. O internauta, leitor de Kucinski, enfatiza sobre o enredo, que começa com a história da irmã desaparecida, mas que continua recebendo cartas dos bancos.

Além disso, esse internauta da *Skoob* chega inclusive a citar o nome de Ana Rosa Kucinski, irmã do autor de *K.: relato de uma busca*, e outras informações desta, como o fato de ela ser uma jovem militante e professora do Departamento de Química. Logo, percebemos que esse internauta não é apenas leitor de Kucinski, mas também conhecedor da vida deste, possivelmente por realizar pesquisas relacionadas à vida deste jornalista e autor. Tudo isto é salientado pelo internauta por meio do uso do verbo *arquitetar*, que possui um sentido, neste contexto, de *planejar, elaborar*.

Também a última parte do fragmento citado está atrelada a esta percepção de Kucinski ter arquitetado estrategicamente seu romance a fim de que ele se tornasse convidativo ao leitor. Neste trecho da obra, este leitor evidencia a polifonia narrativa presente em capítulos do livro e composta por diferentes personagens, como o marido guerrilheiro, o torturador, a psicóloga, entre outros, os quais, conforme as próprias palavras do internauta da *Skoob* (2019), “[...] também compõem a colcha de retalho dos anos da ditadura”. Essa metáfora da colcha de retalhos, assim como a escrita do restante do comentário, demonstram uma preocupação maior desse internauta ao tecer sua colaboração na rede social dos leitores. Percebemos, portanto, que este leitor destinou boa parte de seu comentário para a questão da estrutura e a composição de

K.: relato de uma busca, atrelado a outras características, o que também é feito pelo internauta autor do fragmento abaixo.

Figura 5 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a estrutura do livro

do Callado e o "Que é isso, companheiro?", do Gabeira, mas nada comparada a este. Isso se deve ao estilo de Kucinski e a sua escolha de conduzir o leitor no rastro da filha de K, juntamente com ele - sabendo que a procura do pobre é em vão. Como não se sentir tocado?

No fundo, é um belo texto sobre todos os esquecidos pela história e pelo tempo. Destaque para o capítulo "Sobreviventes, uma reflexão", que se assemelha a uma crônica sobre os desaparecidos de todo mundo. Aliás, outra marca boa do estilo de Kucinski: a alta variabilidade de gêneros no livro: há cartas, depoimentos... relatórios de informantes. Acho que isso, somado ao fato de que os capítulos são curtos e a história, boa, colabora para o fato de que a leitura flui rápida e prazerosamente.

Vou agora para "Os visitantes", livro posterior de B. K. que dialoga com este e recupera alguns de seus personagens.

Em tempo: muito sugestiva a escolha do nome do personagem protagonista: K., assim, só a inicial, remete-nos de imediato a outro personagem - homônimo - oprimido por um sistema absurdo e bizarro - em "O processo", de Franz Kafka (porém, no caso do livro de Kucinski, o absurdo é promovido institucionalmente pela crueldade e mau-caratismo do governo vigente... enquanto, no livro de Kafka, o absurdo é mais existencial)

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Assim como o internauta autor do fragmento da Figura 4, também o da Figura 5 evidencia sobre a busca do pai pela filha. Para tanto, este usa os termos “estilo de Kucinski” e o de que este escritor conduz seu leitor juntamente com o personagem K. na busca pela sua filha. Além disso, o internauta termina este parágrafo questionando, retoricamente, sobre como não se sentir emocionado com essa história. Tal percepção deste leitor permite nos reportarmos ao nosso capítulo teórico, mais especificamente na parte a respeito da reação do leitor realizada por Jauss (1994), estudioso da estética da recepção, e também a Martín-Barbero (1997), teórico sobre as mediações, este sob a palavra *comoção*, e aquele pela *postura emocional* a qual o leitor é conduzido.

O segundo parágrafo do fragmento aqui mencionado nos mostra que o leitor de Kucinski gostou do livro, o que é identificado por meio do adjetivo *belo* referindo-se a este texto, que, ainda segundo o internauta da *Skoob* (2019), é “[...] sobre todos os esquecidos ela história e pelo tempo”. Em seguida, este leitor de *K. relato de uma busca* focaliza em um capítulo em específico – “Sobreviventes, uma reflexão” – e afirma que ele se assemelha a outra tipologia textual, no caso a crônica. Ainda sobre o uso de diferentes gêneros textuais em seu romance, este internauta evidencia, na sequência, sobre a significativa variação deles no romance em questão, tais como cartas, depoimentos e relatórios de informantes.

Além da questão dos múltiplos gêneros textuais, esse leitor de Kucinski ressalta que também os fatos de os capítulos serem curtos e a história ser boa contribuem para que a leitura flua rápida e prazerosamente. Sobretudo por meio desse último advérbio temos novamente a afirmação explícita sobre a recepção positiva de *K.: relato de uma busca* a este leitor. Dessa forma, vem à tona a teoria de Iser (1996a) a respeito do prazer do texto. Logo, o livro de Kucinski possibilita prazeres a seus leitores que não são oferecidos pelo mundo da vida real.

Podemos perceber que este internauta da *Skoob* possui conhecimento além do livro que leu e sobre qual manifesta sua compreensão a partir da leitura. Aliás, ele enfatiza sobre a relação dialógica entre *K.: relato de uma busca* e o livro *Os visitantes*, também de Bernardo Kucinski, sendo este livro posterior ao outro e que resgata alguns personagens dele. Tal manifesto só poderia ter sido feito se o internauta tivesse conhecimento sobre tais obras e relações entre elas, haja vista que ele mesmo enfatiza que ainda não leu *Os visitantes*.

Este mesmo comentarista e internauta da *Skoob* ainda destaca sobre a sugestiva escolha do autor quanto ao nome da personagem principal ser apenas a inicial do nome, K. E ainda ressalta que esta estratégia remete os leitores a outro personagem homônimo, presente em *O processo*, de Franz Kafka. Ao estabelecer tais semelhanças, este internauta também aponta diferenças entre ambos os livros, como, por exemplo, a crueldade e o mau-caratismo do governo vigente no período da ditadura enfocados em *K.: relato de uma busca*, enquanto no livro de Kafka a narrativa é mais voltada ao existencialismo.

Figura 6 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a estrutura do livro

tudo para achar a sua filha que desapareceu durante os 'anos de chumbo'. Um livro curto, que você consegue ler em um ou dois dias. Tem uma narrativa diferenciada, intercalando diferentes tipos de textos, mas bem fluída. Um livro extremamente sensível, com uma grande carga biográfica, por mais que o autor não queria deixar claro o que é verdade e o que é ficção. Gostei muito e recomendo.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Esse internauta autor do trecho da Figura 6, mesmo não destinando muitas palavras para a questão da estrutura e composição do livro, faz afirmações que estão em consonância com percepções de outros e que também mostram algumas características interessantes do livro de Kucinski. Este comentarista também aborda sobre o desaparecimento da filha no período da ditadura militar, a qual é mencionada nas palavras do receptor de *K.: relato de uma busca* como “anos de chumbo”.

Também este participante da rede *Skoob* corrobora que o livro é curto e que, portanto, é lido em pouco tempo. Ele enfatiza, além disso, que o livro possui uma narrativa diferenciada,

que intercala diferentes tipos textuais, o que também foi ressaltado por outros internautas da *Skoob*. Interessante que este comentarista adjetiva o livro como *sensível* por se tratar de uma história impactante de um pai que busca sua filha desaparecida, e por ter uma abordagem baseada em fatos reais, mesmo que o autor não explicita o que é realidade e o que é ficção. Diante desta evidência, presumimos que este leitor identificou pistas que o levem a tais percepções.

A exploração da temática por meio de capítulos curtos, identificada por alguns leitores da *Skoob*, contribui para a estilística do autor no romance. Essa composição da obra foi, possivelmente, uma forma que o autor encontrou para expressar parte de suas vivências relacionadas à ditadura militar, que é o pano de fundo de seu livro *K.: relato de uma busca*. Kucinski faz uso de elementos de um mundo familiar, reproduzidos de forma não-familiar, sobretudo aos leitores, os quais realizam compreensões e interpretações conforme sua própria leitura, a qual, conforme Zilberman (1989), é orientada pelo autor.

A respeito do estilo de escrita do autor de *K.: relato de uma busca*, Figueiredo (2017, p. 142), a qual escreveu sua tese de doutorado com base nesse livro, enfatiza que é “enxuto e fragmentário, atinge a comoção do leitor sem apelar para o melodramático, pelo contrário, ele usa da ironia e do despojamento da linguagem para criar o ambiente absurdo, claustrofóbico e apavorante em que se viu o pai diante do sumiço da filha.” Este processo de comoção do leitor, instigada pela história e pela escrita, associamos ao que Iser (1999a) evidenciou em seus estudos sobre os efeitos estéticos, de que o leitor reformula o texto e, conseqüentemente, consegue incorporá-lo, ou seja, de certo modo torna-o seu, por meio da leitura, aquilo que foi escrito por outro. Assim, ocorre a atualização do texto graças ao leitor.

Figura 7 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a estrutura do livro

o reflexo que causa até hoje na sociedade. Uma leitura diferente, mas para quem tem interesse por essa parte da história, é reveladora quando mistura à narrativa depoimentos que esclarecem os fatos e nós reportam à época.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Assim como os demais internautas que designam seu comentário (ou parte dele) para a estrutura e composição do livro, também o internauta autor do trecho da Figura 7 ressalta que *K.: relato de uma busca* é uma leitura diferente devido à mistura de vários depoimentos à narrativa. Este leitor de Kucinski ainda salienta que essa estratégia se torna reveladora e esclarecedora de fatos que nos reportam àquela época. Portanto, podemos perceber que

Bernardo organiza o que poderíamos nomear de *motim literário*, pois a obra é simples, de fácil compreensão, mas engenhosa e complexamente construída.

A partir do caso de Bernardo Kucinski e *K.: relato de uma busca* ressaltamos que os autores de narrativas precisam ser criativos para fazerem com que suas obras sejam aceitas por um público considerável e, conseqüentemente, que a memória do passado ali narrada seja mantida viva, rememorada. Por ser uma narrativa diferente da canônica, temos, então, uma literatura diversificada, podendo ser considerada popular por ser oriunda de uma massa proletária, e que ajuda a compor o que Martín-Barbero (1997) chama de pluralidade de matrizes culturais.

4.2 Realidade versus ficção

Uma das características que mais se sobressaiu aos leitores participantes da rede social *Skoob* foi a relação entre realidade e ficção presente no livro *K.: relato de uma busca*. Esses leitores certamente possuem conhecimento sobre as motivações da escrita do livro, e/ou então reconheceram ao longo da leitura o contexto em que foi escrito, mesmo que não haja a menção do termo *ditadura militar* explícito na obra. No entanto, tal cenário é identificado em várias partes do livro, e isso faz com que os leitores manifestem diferentes percepções relacionadas à realidade e à ficcionalização dela no livro de Kucinski.

Mesmo o texto literário tendo sua referência em acontecimentos reais, o fato de sua ficcionalização faz com que haja uma resignificação de sentidos. Conforme Iser (1996b, p. 11) e sua teoria do efeito estético, “o texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida.”. Esse novo acontecimento implica em um novo discurso, pois um novo contexto surge.

Contudo, se o discurso é um elemento ativo, foi – e ainda é – necessário encontrar diferentes formas de propagar as informações por meio dele. Os textos narrativos, ficcionais, portanto, foram uma possibilidade encontrada para esses fins. No entanto, como as histórias são chocantes, resultantes de vivências de traumas, poderiam não ter uma boa recepção por parte do público receptor de tais obras. Afinal, sabemos que os leitores não são todos iguais, com mesmos gostos, costumes e percepções.

Diante do fato dessa alteridade entre os leitores, também os processos de leitura tendem a ser alternativos. Sendo assim, concordamos com Iser (1996b, p. 15) quando ele acentua que “como o texto literário só produz seu efeito quando é lido, uma descrição desse efeito coincide

amplamente com a análise do processo da leitura.”. A respeito da recepção de *K.: relato de uma busca* e os efeitos produzidos por esse livro, podemos destacar que inúmeros leitores da *Skoob* realizaram diferentes percepções positivas, e muitas delas direcionadas à relação entre realidade e ficção no livro, em meio a outras impressões.

Figura 8 – Comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

DOLOROSO

Dói ler esse livro. A mescla entre o que é real e o que é ficção faz com que a leitura se torne sufocante as vezes. Mas esse mote deve ser gritado quantas vezes forem necessárias.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

O internauta da *Skoob* autor do trecho representado na figura acima, por exemplo, menciona a mescla entre a realidade e a ficção, e atribui a ela o adjetivo *sufocante*. No entanto, o contexto de escrita nos leva a entender que não é no sentido de detestável, ruim, e sim de angustiante, devido ao fato de o leitor compartilhar do sofrimento das personagens, tanto é que o comentarista intitula sua contribuição como “Doloroso”. E também ressalta que esse mote (assunto) deve ser gritado, ou seja, precisa ser abordado, disseminado, a fim de que seja de conhecimento de mais pessoas. Também o internauta autor do trecho abaixo revela a identificação da ligação entre a realidade e a ficção no livro, porém de uma forma mais detalhada.

Figura 9 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

K. é construído (e/ou retratado, para não esquecer o duo realidade e ficção), mesmo no auge de seu desespero, como o homem da Dor elegante de Lemisnki: “Carrega o peso da dor / Como se portasse medalhas / Uma coroa, um milhão de dólares / Ou coisa que os valha”. Um dos maiores méritos de Kucinski é não permitir que o tom da narrativa descambe para o excessivamente didático ou piegas – como o fazem muitos autores contemporâneos, afobados, sem perceber, ao escrever sobre um tempo que não viveram. Mas que não se duvide, em momento algum, da imensa devastação que restou sob a marcha dos coturnos.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Já no início do fragmento representado acima, identificamos a ressalva que o internauta da *Skoob* faz sobre a construção de *K.: relato de uma busca* ser embainhada na díade realidade e ficção. *K.*, como esse e outros internautas abreviam o título do livro, retrata a realidade nessa ficção com o intuito de que as pessoas não esqueçam o que aconteceu durante o período histórico representado no livro.

Na sequência, esse receptor de *K.: relato de uma busca* faz uma relação interdiscursiva do livro de Kucinski com o poema *Dor elegante*, do poeta Paulo Leminski, e inclusive cita alguns trechos dele. Os versos citados evidenciam a dor carregada pelo eu lírico, que pode ser comparada à dor de K., personagem principal do livro de Kucinski.

Após a comparação com o poema de Leminski, o internauta ressalta sobre o livro de Kucinski, salientando que ele é uma narrativa diferente das narrativas didáticas ou piegas, fugindo, portanto, de uma escrita canônica, padronizada. Para este internauta, Kucinski é, portanto, um escritor diferente dos demais devido à forma de escrever seu livro e que este pode ser um diferencial favorável para o êxito de sua vida como ficcionista.

No final desse fragmento representado na Figura 9 o internauta da *Skoob* enfatiza sobre a abrangência alcançada pela marcha dos coturnos, isto é, dos soldados militares, os quais causaram a devastação mencionada pelo autor do comentário referido. Esse militarismo foi em um período em que autores afobados, como adjetiva o próprio internauta, não viveram, o que contribui para que eles não consigam retratar esse período em suas narrativas, ao contrário de Kucinski, que possui vivências diretas ligadas a este período, mesmo que sua narrativa seja contemporânea. Outros receptores da obra de Kucinski fazem afirmações e identificações parecidas, como é o caso do autor do comentário a seguir.

Figura 10 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

?Tudo É Ficção, Mas Tudo Aconteceu.?

Bernardo Kucinski estreou na ficção aos 70 anos. Seu primeiro romance foi lançado por uma pequena editora e em quatro anos, ganhou admiradores e alçou asas: está em sua terceira edição no Brasil e já foi traduzido para vários idiomas. A boa nova é que "K" está entre os dez finalistas do Impac Dublin Award de 2015, considerado um dos mais importantes prêmios literários.

O livro reúne ficção e realidade. O escritor levou exatamente quatro décadas para conseguir por no papel o desaparecimento de sua irmã durante a ditadura militar. Essa foi a maneira que ele encontrou para registrar a angústia de seu pai em busca de respostas sobre o que realmente aconteceu e, sobretudo, sua contribuição para não deixar cair na banalidade ou esquecimento um dos períodos mais truculentos de nossa história.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Já no título do comentário representado acima, “Tudo É Ficção, Mas Tudo Aconteceu”, o internauta nos permite inferir que o dualismo realidade e ficção é o que se sobressaiu a ele na leitura e recepção de *K.: relato de uma busca*. O participante da rede *Skoob* começa seu diagnóstico evidenciando que o escritor Bernardo Kucinski começou sua vida de ficcionista aos 70 anos. Para fazer tal afirmação, esse internauta, leitor de Kucinski, tem que conhecer o autor

para além de sua obra *K.: relato de uma busca*, o que evidencia que ele buscou informações sobre o autor, ou que já conhecia ou havia lido sobre esse escritor.

Em seguida, o internauta da *Skoob* explica que o lançamento do primeiro romance de Kucinski foi feito por uma pequena editora, mas que ele já está em sua terceira edição em quatro anos e inclusive foi traduzido para outros idiomas. Também ressalta, no final desse parágrafo, que *K.* foi um dos dez finalistas do *Impac Dublin Award de 2015*, que, como o próprio internauta já esclarece, é um dos mais importantes prêmios literários. Portanto, nesse parágrafo, esse participante da rede *Skoob* detém-se a informações referentes à vida de escritor de Kucinski, e não à sua obra propriamente dita.

No segundo parágrafo, porém, o internauta dirige seu comentário para o livro *K.: relato de uma busca*. De início, já corrobora, em uma sucinta frase, que o livro reúne realidade e ficção. Na sequência, frisa que o autor levou quatro décadas para conseguir colocar no papel o desaparecimento de sua irmã durante a ditadura militar. Nesta frase, o leitor de Kucinski revela os traços de sua vida real presentes na obra, os quais abordaremos em subtítulo separado adiante.

Ainda no mesmo parágrafo, o internauta ressalta que a escrita desse livro foi a maneira que Kucinski encontrou para expressar a busca de seu pai e a angústia que ele sentia, porque não encontrava respostas sobre o que tinha acontecido com sua filha, irmã de Bernardo, portanto. Ainda na mesma frase, o comentarista da *Skoob* revela que o livro é também uma forma de não esquecer esses períodos temerosos, ou truculentos, como ele mesmo afirma.

Figura 11 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

Espetacular

Em poucas páginas este livro nos apresenta um relato comovente sobre a ditadura no Brasil, através da narrativa de um pai em busca de sua filha desaparecida. Imprescindível para todos que desejam conhecer um pouco mais sobre o "modus operandi" das instituições de estado durante este período nebuloso de nossa história.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

O internauta da *Skoob*, autor do fragmento representado na Figura 11, menciona o termo *ditadura* e ressalta que o livro *K.: relato de uma busca* é um relato comovente feito por meio de uma narrativa cujo enredo é embasado em um pai que busca sua filha desaparecida. O adjetivo *comovente*, empregado por esse leitor de Kucinski, revela que ele se emocionou durante a leitura e recepção do livro. Emoção essa, aliás, sentida e manifestada por vários leitores e participantes da *Skoob*. Possivelmente esta emoção já foi prefigurada por Kucinski ao

escrever o livro, já que, consoante Zilberman (1989), o leitor é alguém já prefigurado pelo texto e que, além disso, a recepção representa um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo do leitor com a obra.

Após esse breve comentário voltado à temática da narrativa e sua relação com a ditadura no Brasil, esse internauta da *Skoob* indica a leitura do livro àqueles que desejam conhecer um pouco mais sobre esse período, sobretudo como funcionava o modo de operação militar nesse cenário. Assim, o internauta resgata de forma implícita a dualidade realidade e ficção presente no livro de Kucinski. Presumimos que o adjetivo *Espetacular*, que é o título de seu comentário, foi empregado justamente devido a essa relação e exploração da temática da ditadura e da busca do pai pela filha, já que o fragmento da Figura 11 é o comentário na íntegra deste internauta da *Skoob*.

Figura 12 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

um relato sincero e duro. Talvez nem tão duro assim mas...
 Talvez esta seja a ficção mais real que já tenha lido. Estes universos caminham de mãos dadas do início ao final. Escrita de fácil assimilação, sem grandes pontos de viradas ou heróis. Deve ser

Fonte: *SKOOB*, 2019.

“Um relato sincero e duro. Talvez nem tão duro assim mas...” é o título empregado pelo internauta da *Skoob*, autor do fragmento do breve comentário representado na Figura 12. O mesmo já revela que este leitor de Kucinski caracteriza *K.: relato de uma busca* como um “relato”, o que o aproxima da concepção de realidade, haja vista que esta palavra é associada a uma representação, a uma exposição baseada em algum acontecimento, que, no caso, é algo *sincero* e *duro*, segundo o participante da rede *Skoob*.

Ao termos o real como motivador e a ficção como a representação disso, como modificação, nem melhorada e nem piorada, mas com novas características, podemos pensar ambos como ídolos, um do outro. Segundo Iser (1996b, p. 129), “a representação se reduz ao ídolo, quando se trata de penetrar em um estar-no-meio no além, intramundano em relação à mente, ou seja, na natureza.”. Portanto, o ídolo tem a ver com a natureza, o real, o estar-no-meio, no além, ou seja, a “coisificação” da representação, isto é, transformar a representação no efeito estético, naquilo de grande valoração, em uma satisfação almejada e alcançada graças ao texto ficcional.

O título do comentário é reforçado logo no começo do breve comentário do internauta, sendo que ele afirma que essa ficção, no caso *K.: relato de uma busca*, seja a mais real que ele

já tinha lido. Por meio destas palavras fica explícita a relação entre ficção e realidade, compreendida e estabelecida pelo participante da *Skoob*. Em sua próxima frase, ele chega a nomeá-las de *universos* e que elas – realidade e ficção – caminham de mãos dadas do início ao final, o que coincide com a segunda parte do título do autor e as reticências empregadas no final dele – “[...] Talvez nem tão duro assim [...]”.

Poderíamos, nós, também leitores de Kucinski, e do comentário representado na figura acima, inferirmos que as representações feitas na obra são sinceras, duras, mas que diante de todo o contexto e sofrimento no período da ditadura civil-militar este é o relato de apenas uma parte, que, nas palavras do comentarista, poderiam ser compreendidas como “amenas”, pelo fato de não ser “[...] tão duro assim mas...”, ou seja, por não conseguir abranger tudo que aconteceu nesse período. Essa percepção da realidade dentro da ficção também é diagnosticada por demais internautas da *Skoob*, como, por exemplo, o autor do trecho representado na Figura 13.

Figura 13 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

K. - Relato de uma busca, foi escrito por Bernardo Kucinski e trata-se de uma história que ao mesmo tempo em que é verídica também é uma ficção. O livro retrata a busca incansável de um homem pela sua filha que simplesmente desapareceu da faculdade onde lecionava. A filha era professora de Química e desapareceu durante a Ditadura Militar. Como eu disse, o livro é real e também ficcional. Digo isso pela história da irmã do autor que também desapareceu durante a Ditadura Militar.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

No trecho do comentário representado acima, seu autor evidencia que a história ali retratada é ao mesmo tempo verídica e ficcional. Em outras palavras, salientamos que este leitor de Kucinski, participante da rede *Skoob*, afirma, assim como o comentarista da Figura 12, que há veracidade nessa obra ficcional, que ela é baseada em fatos verídicos, reais. Este parecerista acrescenta, em nova frase, que o livro faz uma retratação de um homem que incansavelmente busca pela sua filha que desapareceu.

Ao continuar seu comentário, o internauta da *Skoob* reforça novamente sobre o fato de o livro ser ficcional, mas também real. A retomada dessa relação é realizada por este indivíduo porque, anteriormente, ele afirmou que a filha que desapareceu era professora de Química e desapareceu durante a ditadura militar. Ao fazer tais afirmações, o comentarista menciona sobre os fatos da história da irmã de Bernardo Kucinski, vítima desaparecida durante a ditadura militar e que, portanto, permite ao leitor estabelecer a relação entre estes fatos reais e a história

narrada em *K.: relato de uma busca*. Afinal, conforme Zilberman (1989) já afirmou em seus estudos, o texto depende também dos sentidos que o leitor deposita nela, haja vista que a compreensão e a interpretação são realizadas pelo receptor do texto.

Figura 14 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

A ditadura civil-militar em romance
 É difícil acertar de primeira, mas não para todos: o Prof. Kucinski estreou soltando este colosso já clássico da literatura romanesca brasileira, com qualidade literária notável. Acompanhamos a agonia de K. (a coincidência com a personagem de "O Processo" de Kafka não é à toa) em busca de sua filha, soterrada pela ditadura militar.
 Livro festejado mundo afora que resgata um debate antigo: por que fala-se tão pouco desse período no Brasil? Talvez porque não foi um golpe puramente militar, mas sobretudo civil, com apoio de grande parte do povo e da mídia dominante. E assumir responsabilidades e erros não é tarefa fácil.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

O internauta autor do trecho que aparece na Figura 14 logo no título, que ao nosso ver é simples, mas convidativo, permite-nos identificar a presença da representação da realidade (“ditadura civil-militar”) – na ficção (“romance”). Logo no início de seu comentário, este internauta já dispara que Bernardo, ou como ele mesmo afirma, “o Prof. Kucinski” acerta de primeira, mesmo que isso seja difícil. Percebemos, então, que também este receptor de *K.: relato de uma busca* passou a ser um apreciador favorável desse romance literário, e de seu autor.

Ainda na primeira frase, esse participante da *Skoob* nomeia *K.: relato de uma busca* como *colosso*, que, em verdade, significa algo com proporções gigantescas, e ainda acrescenta que este livro já é um clássico da literatura romanesca brasileira, com qualidade literária notável. Diante disso, enfatizamos que esse receptor da obra de Kucinski não só identificou a relação da realidade da ditadura civil-militar nesta ficção, mas também julga que o autor conseguiu fazê-la com apreciável e considerável qualidade literária.

Na sequência de seu comentário, esse internauta da *Skoob* afirma sobre a agonia de K. durante a busca pela sua filha, que, conforme este leitor de Kucinski corrobora, foi soterrada pela ditadura militar. Quando menciona o nome de K., o comentarista abre um parêntese e estabelece uma relação interdiscursiva com *O processo*, de Franz Kafka, devido à coincidência do nome dos personagens de ambas as obras, e ainda acrescenta que não é à toa que isso acontece.

Que a história de *K.: relato de uma busca* é impactante e envolve tristeza, mistério, suspense e perseguição, isso já sabemos. No entanto, também em *O processo* deve haver tais

características, ou semelhantes, já que uma relação é estabelecida entre os dois personagens. Pois bem, no romance Kafkiano é narrada a história de Josef K., ou simplesmente chamado também de K.. Ele é um dedicado bancário que, em virtude de seu empenho e sucesso profissional, cresce na empresa na qual trabalha e conquista um cargo de confiança e responsabilidade maior. No entanto, quando completa 30 anos, seu quarto é invadido por dois guardas, que alegam estarem ali mandados por alguém, prendem-no e tomam seu café da manhã. E assim começa o pesadelo de Josef K., que foi detido sem saber o porquê, pois não havia feito mal a ninguém. Portanto, o autoritarismo, o abuso de poder, é um elemento que está presente em ambas as narrativas, e foi percebido por este leitor, que identificou esta verossimilhança.

Enfim, esse tipo de ficção faz com que o leitor esteja atento, concentrado às novidades, às informações, às pistas, ao novo, o que nos permite relacioná-la à existência de uma indústria cultural que produz informações imbricadas às obras literárias baseadas em determinados fatos reais, como os relacionados à ditadura, por exemplo, que é nosso caso de investigação. Martín-Barbero (1997, p. 82) define isso como “o lado enigmático da atualidade cotidiana”. Ele acrescenta, ainda, que nessa produção de informações está “uma ficção na qual predominará o realismo.”.

No segundo parágrafo de seu comentário representado na Figura 14, o internauta da *Skoob* afirma que o romance de Kucinski fora festejado mundo afora, o que nos permite presumir que ele foi traduzido para outras línguas (e de fato foi) ou então que pelo menos teve alcançabilidade no exterior. Em seguida, afirma que *K.: relato de uma busca* resgata um debate antigo, e o internauta da *Skoob* então levanta um questionamento: “por que fala-se tão pouco desse período no Brasil?”. Ele mesmo responde, cogitando que é porque a ditadura não foi apenas militar, mas também civil, pois teve apoio de grande parte do povo e da mídia dominante. Por fim, esse comentarista afirma que a ditadura civil-militar foi um erro, e assumi-lo é algo difícil de se fazer, o que vem a ser uma das razões pelas quais esse assunto é pouco abordado.

Figura 15 – Comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

Livro onde a realidade é a ficção se misturam.
 " Tudo ali escrito foi ficção ao mesmo tempo em que foi verdade.
 É impossível não se emocionar com a dor dos familiares de pessoas desaparecidas durante a ditadura militar e o relato contido nesse livro é emocionante."

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Já no título do internauta da *Skoob* autor do trecho representado na Figura 15 notamos que ele percebeu e destaca a mistura entre realidade e ficção presente em *K.: relato de uma busca*. Sua primeira frase ressalta o que ele afirma no título de seu comentário, de que aquilo que está escrito no livro de Kucinski se mistura com a realidade. Essa ficção é, portanto, um registro disso, o que Figueiredo (2017) denomina de arquivamento, ou seja, registrar na literatura vivências da realidade a fim de que este assunto tenha maior alcançabilidade dentre as pessoas. A isto acrescentamos que textos ficcionais, como o romance de Kucinski, são também experimentos que carregam em si uma representação, um constructo, que é atualizado pelos leitores durante o processo de leitura.

De acordo com Iser (1996b, p. 131), “o experimento é para nós, hoje, uma ficção heurística que, tal como descrita por Bacon, estabelece um constructo que tem uma finalidade, uma descoberta esperada mediante a antecipação.”. Logo, a ficção não pode ser entendida nem como fraude e nem como mentira. Ela, justamente por deixar claro que é uma representação e/ou uma invenção, carrega em si uma transparência do que é. Ela não é necessariamente uma verdade da realidade, mas sim do que ela (a ficção) é, ou seja, uma coisificação da representação (denominação nossa) – uma representação e sua possível coisificação de um outro – no caso, a realidade.

Essa representação da realidade da ditadura militar na literatura é algo que desperta emoção e sensibilização em muitos leitores, que é o que afirma o internauta da *Skoob* cujo trecho de seu comentário é representado na Figura 15. Para ele, “É impossível não se emocionar com a dor dos familiares de pessoas desaparecidas durante a ditadura militar [...]”. Logo, percebemos que a este receptor de *K.: relato de uma busca* foi impactante e ao mesmo tempo doloroso saber sobre a dor dos familiares de pessoas desaparecidas. É perceptível também que o internauta da *Skoob* relaciona estes acontecimentos ao que é narrado no livro de Kucinski, pois afirma que nele consta um relato a respeito dessa realidade.

Diante disso, lembramos das palavras de Martín-Barbero (1997, p. 80), mesmo que este as tenha empregado em outro contexto, no de seus estudos sobre mediações: “a descoberta dessa experiência outra que a partir do oprimido configura alguns modos de resistência e percepção do sentido mesmo de suas lutas.”. Relacionamos essas asseverações às ficcionalizações a respeito das vítimas da ditadura, aos que se sensibilizaram com o que aconteceu àquelas pessoas, que, em seu desespero, experienciam na narrativa uma forma de resistir ao esquecimento do passado. *K.: relato de uma busca* é um meio que Bernardo Kucinski encontrou para resistir e lutar pelo não esquecimento dos acontecimentos relacionados às vítimas da ditadura. Também o internauta da *Skoob*, cujo trecho de seu comentário é representado abaixo,

na Figura 16, registra suas percepções sobre essa realidade representada na literatura por Kucinski.

Figura 16 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

É ficção, "mas (quase tudo) aconteceu". Eis a triste epígrafe do livro. O vento não passa, não existe céu livre ou brisa que desfralde o azul. Mas K. persiste. Embora lá fora, o radinho de pilha anuncie: "Noventa milhões em ação/prá frente Brasil..." Anuncia. Mas cala o coração dos pais despedaçados em busca de uma única notícia sobre os filhos desaparecidos. É que, enquanto a bola rola, o pau-de-arara mata, cerra a cortina sobre os corpos fatiados, postos em compotas, em pedaços.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

No trecho representado na Figura 16 há, de início, a menção da epígrafe do livro: “É ficção, ‘mas (quase tudo) aconteceu’”. Em seguida, esse internauta da *Skoob*, metaforicamente afirma que K. persiste, mesmo diante dos ventos que não passam, ou seja, que há desafios e obstáculos contínuos até que ele consiga chegar ao céu azul ou brisa que desfralde o azul, isto é, ao seu objetivo final, que é descobrir o que aconteceu com sua filha desaparecida.

Em tom ainda conotativo, esse receptor de *K.: relato de uma busca* vai afirmar que mesmo K. angustiado na tentativa de encontrar sua filha e passando por inúmeros desafios, assim como demais familiares de vítimas da ditadura, a maioria das pessoas do país estava preocupada com a vitória do tricampeonato da seleção brasileira masculina de futebol, cuja marchinha “Noventa milhões em ação/prá frente Brasil...”, de Miguel Gustavo, representava esse momento de conquistas. Logo, a comemoração de muitos diante da conquista futebolística encobria e ocultava o sofrimento das vítimas da ditadura militar.

Dando sequência ao seu comentário, esse internauta da *Skoob* continua acentuando sobre o sofrimento de muitas pessoas devido às perseguições e torturas sofridas pelas vítimas da ditadura, cujos familiares ficavam angustiados com os desaparecimentos misteriosos de filhos, dentre outros entes queridos. Nas palavras do autor do trecho representado na Figura 16, a marcha considerada na época o hino semioficial do Brasil diante da vitória no futebol “cala o coração dos pais despedaçados em busca de uma única notícia sobre os filhos desaparecidos”, que é o que desencadeia o enredo principal de *K.: relato de uma busca*.

Ainda insistindo em sua tentativa de mostrar os dois lados do Brasil naquela época diante da vitória do Brasil no futebol e da perseguição pela ditadura cívico-militar, o internauta da *Skoob* chega a afirmar que “enquanto a bola rola, o pau-de-arara mata, cerra a cortina sobre os corpos fatiados, postos em compotas, em pedaços.”. Ele corrobora, de uma forma bem

enfática, mencionando objetos que se destacam em ambos os cenários citados por ele, que, enquanto muitos comemoram a conquista no futebol, outros choram e sofrem escondidos devido à ditadura civil-militar, sem serem enxergados por grande parte da sociedade.

Diante deste cenário que inclusive engloba os meios de comunicação, os quais mostravam incisivamente a conquista do Brasil no futebol, mas não transmitiam os acontecimentos relacionados às vítimas da ditadura civil-militar, somos incitados a mencionarmos sobre a força das mídias e da política já naquela época. Martín-barbero (1997, p. 282) já evidenciava em seus estudos que “o político é justamente a emergência da opacidade do social enquanto realidade conflitiva e cambiante, emergência esta que se realiza através do incremento da rede de mediações e da luta pela construção do sentido da convivência social.”.

Portanto, a rede de mediações deve mostrar também a realidade conflitiva e cambiante, ou seja, as mudanças e os diferentes episódios que emergem na nossa sociedade. Nestas circunstâncias, as narrativas baseadas em casos relacionados a períodos históricos, como a ditadura militar, por exemplo, estão, mesmo que não tão nitidamente, abordando não apenas um contexto histórico, mas também social e inclusive político. E é a falta de propagação de informações relacionadas à ditadura que o autor do trecho da Figura 16 parece sentir falta.

Figura 17 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

história, relata todo o seu sofrimento durante um período de mais de um ano. O autor mistura realidade com ficção, narrando de forma comovente sua busca incansável e seu sofrimento. O livro além de um romance, uma denúncia contra um período e suas barbaridades, suas peculiaridades e o reflexo que causa até hoje na sociedade. Uma leitura diferente, mas para quem tem interesse por

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Também outros receptores da obra de Bernardo Kucinski identificam o sofrimento das vítimas da ditadura representado em *K.: relato de uma busca*, mas de uma forma diferente, em meio a demais afirmações, como é o caso do autor do trecho representado na Figura 17. Dando sequência ao seu comentário, que tinha uma ênfase diferente anteriormente, este internauta da *Skoob* afirma que Kucinski mistura realidade e ficção ao narrar sobre a busca incansável do sofrimento que perdura já há um ano.

Este leitor de *K.: relato de uma busca* reitera que neste romance é feita uma denúncia contra o período da ditadura militar e as barbaridades e atrocidades ocorridas durante este passado, que, segundo ele, refletem em nossa sociedade até nos dias de hoje. A respeito disso

e de outras questões englobadas nas relações entre o passado da ditadura e suas relações com o presente e quiçá com o futuro aprofundamos no próximo subtítulo.

4.3 Relações (a)temporais entre passado, presente e futuro

Seja historiador, seja ficcionista, seja outro profissional, qualquer cidadão pode lutar contra o esquecimento e, através de uma simples escrita, fala ou leitura, colaborar para manter vivas as memórias do passado, que é o que Kucinski faz em suas ficções. Consoante Figueiredo (2017, p. 143), “o autor ficcionaliza alguns episódios reais, muda os nomes, transforma o passado vivido em texto, contribuindo, assim, para formar este imenso arquivo que constitui a literatura que tematiza a ditadura.”. Como esta pesquisadora de *K.: relato de uma busca* reitera, Kucinski transforma o passado vivido, no caso a ditadura militar, em texto, o qual compõe o acervo literário que tematiza sobre esse período histórico, resgatando o assunto no presente.

Figura 18 – Comentário de internauta da *Skoob* sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de *K.: relato de uma busca*

ai cara, que vontade de esfregar esse livro na cara de todos os malditos porcos facistas eleitores do bolsonaro ?

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Muitos dos leitores participantes da rede *Skoob* também estabelecem relações temporais do passado da ditadura com o presente e manifestam isso de diferentes formas. O autor do trecho representado na Figura 18, por exemplo, realiza em seu depoimento um breve comentário, no qual ele diz que gostaria de esfregar o livro de Bernardo na cara dos eleitores do Bolsonaro. Sabemos que este sujeito ganhou ênfase e visibilidade recentemente devido ao fato de ter se candidatado às eleições presenciais e ter sido eleito. Logo, fica evidente a relação que este leitor do livro de Kucinski estabelece entre a história narrada em *K.: relato de uma busca* e a situação atual, contrapondo ambos, pois o livro guarda em si uma história que vai contra os princípios do candidato mencionado, pelo menos é o que nos fica sugerido nas entrelinhas do comentário do internauta da *Skoob* representado anteriormente.

Figura 19 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de *K.: relato de uma busca*

Boilesens, vidas como a de Ana foram perdidas e, constantemente, apagadas. Um mundo que parece muito o nosso.
O relato de Bernardo faz com que sua memória não se retenha nas cartas de cartão de crédito endereçadas ao irmão, e sim, nas mentes dos jovens e adultos que ainda sonham.
Recomendo, e muito, a leitura.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Não só o nome de Bolsonaro aparece em comentários de internautas da *Skoob*, mas também de outros sujeitos da vida real, como é o caso de Boilesen, mencionado pelo sujeito autor do comentário representado na Figura 19. Henning Albert Boilesen, figura não muito conhecida pela maioria dos brasileiros da atualidade, foi um executivo dinamarquês radicado no Brasil e que atuou na política apoiando a repressão estatal às organizações clandestinas durante a ditadura militar.

Não é um de nossos objetivos, porém, analisar os nomes presentes nos comentários, mas sim considerá-los para melhor compreendermos sobre as relações temporais identificadas e estabelecidas pelos internautas da *Skoob*, leitores e receptores de *K.: relato de uma busca*. Voltando à análise do trecho da Figura 19, percebemos que ele compara o mundo da ditadura militar, em que Ana teve sua vida perdida, apagada, assim como outras pessoas, com o nosso atual. Inferimos, então, que, segundo este comentarista, ainda hoje pessoas desaparecem misteriosamente.

No próximo parágrafo de seu comentário, o internauta autor do trecho representado na Figura 19 enfatiza que *K.: relato de uma busca* é uma forma de o autor relatar o que aconteceu com seu pai, sua irmã, enfim, consigo e sua família. Ao fazê-lo, Kucinski propaga a experiência de vida de sua família a outros jovens e adultos que, segundo o internauta da *Skoob*, ainda sonham. Por fim, ele encerra seu comentário afirmando enfaticamente que recomenda a leitura do livro.

Figura 20 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de *K.: relato de uma busca*

E o mais impressionante é que quando estava lendo, eu parava e começava a pensar como que ainda pode existir pessoas que pedem pela volta da ditadura. Será que ninguém ao menos leu um pouco sobre todas as atrocidades que ocorreram durante esse período? De como esse foi um momento mais vergonhoso e cruel de toda a nossa história?

Fonte: *SKOOB*, 2019.

O internauta da *Skoob* cujo trecho de seu comentário é representado na Figura 20 também relaciona o passado da ditadura, a partir da leitura de *K.: relato de uma busca*, com o momento presente. Conforme o começo do fragmento reproduzido acima, enquanto lia a obra kucinskiana⁴, o receptor dela refletia sobre o fato de que ainda nos dias atuais existem pessoas que querem que a ditadura volte, o que para ele é inconcebível.

A segunda parte do trecho representado é composta por duas indagações feitas pelo internauta da *Skoob*, as quais reforçam a indignação e o espanto dele diante do fato de haverem pessoas que apoiam o reestabelecimento da ditadura militar. O primeiro questionamento dele é se ninguém leu sobre a ditadura, e as atrocidades ocorridas durante esse tempo porque há pessoas que querem a volta desse período. E a outra pergunta, sendo uma emenda da anterior, reforça que o período da ditadura foi o momento mais vergonhoso e cruel de toda a história do Brasil, e, portanto, como pode existir alguém que deseja que isso volte, reforçando, por meio dessas questões, sua insatisfação e seu repúdio. Ao fazer tais afirmações, fica explícita a relação que o internauta da *Skoob*, leitor de *K.: relato de uma busca*, estabelece entre o passado da ditadura e a situação do presente.

Figura 21 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de *K.: relato de uma busca*

Manifestação

Um livro indispensável para qualquer momento da vida, mas especialmente nesse momento de manifestações com faixas de apoio a intervenção militar (que loucura). Uma filha que "foi" desaparecida. Uma forma de entender (?) a ditadura, sobre a ótica do pai, detalhes impensáveis como a decisão da USP de desligar a professora do quadro de funcionários por "abandono de emprego". E até hoje sem pedidos de desculpas. O pai conviveu talvez não com a raiva mas a culpa de não ter feito o suficiente (mas será que tinha alguma coisa para fazer? NÃO. Juntamente com o livro *É Isto um homem do Primo Levi e Ratos do Art S.*, leituras indispensáveis para entender o lado negro da força e do que o ser humano é capaz. Informar-se verdadeiramente, para não fazer essas besteiras que muitos vem fazendo nos dias de hoje, fomentando ódio. A verdade é como a luz, em excesso Cega!

Fonte: *SKOOB*, 2019.

“Manifestação”, o título do comentário representado na Figura 21, anuncia o posicionamento do internauta da *Skoob*, que já no início de seu parecer afirma que *K.: relato de uma busca* é um livro imprescindível para ser lido em qualquer momento e enfatiza, por meio de uma oração coordenada, que sua leitura deve ser feita principalmente no momento

⁴ Criamos esta expressão porque é comum que autores e demais pessoas conhecidas tenham seu nome transformado em adjetivo, referindo-se a si e/ou sua produção.

atual, pois há manifestações inclusive com faixas apoiando a intervenção militar. Dentre parênteses, esse internauta acrescenta a expressão *que loucura*, reforçando sua reprovação sobre tal feito.

A segunda frase do comentário desse internauta da *Skoob* é curta e refere-se à filha desaparecida, personagem de *K.: relato de uma busca*. Subentendemos a partir dessa frase – “Uma filha que ‘foi’ desaparecida” – que a filha não desapareceu do nada, e sim que sumiram com ela, o que é reforçado pelo uso das aspas na palavra *foi*. Portanto, a expressão *que loucura* empregada no final da frase anterior pode ser relacionada a esta frase, bem como também ao fato de ter existido a ditadura militar e no momento atual estarmos vivendo um período de descontentamento de grande parcela da população, a qual reivindica direitos e melhorias sobretudo por meio de manifestações, que é o que o internauta da *Skoob* ratifica em sua primeira frase.

Na sequência de seu comentário, o internauta da *Skoob* ainda tece algumas considerações sobre o livro *K.: relato de uma busca*, observando que ele é narrado sob o ponto de vista de K., o pai da filha desaparecida. Este leitor de Kucinski enfatiza que o livro de Bernardo é uma forma de entender a ditadura, mas logo após empregar o verbo *entender* ele abre parênteses e põe um ponto de interrogação, o que nos permite inferir que ele quer mostrar que *K.: relato de uma busca* é uma representação de algo que aconteceu nos tempos da ditadura, e isso permite ao leitor entender tais acontecimentos. Afinal, conforme a teoria da estética da recepção de Jauss (1994), o leitor atualiza o texto literário enquanto o recebe, lê.

No entanto, a ditadura militar foi algo tão “louco” que ele não entende como isso pode acontecer, envolvendo até mesmo uma universidade, sendo que a filha desaparecida de K. era professora universitária e foi desligada do quadro de funcionários por “abandono de emprego”. Na verdade ela não abandonou seu emprego, mas isso era algo inerente ao que aconteceu, uma vez que desapareceram com ela.

Conforme o próprio internauta da *Skoob* enfatizou anteriormente em seu comentário, *K.: relato de uma busca* é narrado sob a ótica do pai. Mais adiante, no mesmo parágrafo, ele acentua que o pai convive com a culpa por pensar que não fez o suficiente para achar sua filha ou ter evitado que ela desaparecesse. Este receptor da obra de Kucinski continua sua afirmação por meio de uma pergunta, indagando se teria algo que esse pai poderia ter feito, e logo afirma com letras garrafais que *NÃO*.

Na sequência de seu comentário, o receptor de *K.: relato de uma busca* indica outros dois livros: *É isto um homem?*, do Primo Levi; e *Ratos*, de Art S. Ao realizarmos uma varredura na web, não localizamos com precisão a segunda obra mencionada. No entanto, acreditamos

que, em verdade, a obra mencionada pelo internauta da *Skoob* é *Ratos*, de Gordon Reece, escritor e jornalista britânico. Não seria coincidência a comparação entre ambas as obras, pois assim como Reece, Kucinski também foi jornalista. Além do mais, *Ratos* é uma trama vivida por Shelley e sua mãe, que são maltratadas por um longo tempo, mas elas não têm coragem de reagir, e, portanto, se escondem, assim como ratos, metáfora que origina o título do livro.

Em *K.: relato de uma busca*, no entanto, não temos alguém que se esconde, pelo contrário. Mas a ênfase na presença do sofrimento, da tortura estão presentes, o que também ocorre em *É isto um homem?*, a outra obra mencionada pelo internauta da *Skoob*. O livro de Primo Levi tem como protagonista um cidadão italiano judeu, que, assim como a filha desaparecida de K., é licenciado em química. Ele é levado para Auschwitz, onde seu nome é trocado por um número, tornando-se, assim, um sujeito sem identidade, um anônimo prisioneiro do campo de concentração nazista.

Ao mencionar as obras supracitadas na comparação estabelecida pelo internauta da *Skoob*, este afirma que elas são leituras indispensáveis para compreender sobre o que o ser humano é capaz, até onde vão as maldades possíveis cometidas por ele. À indicação destas obras o participante da rede *Skoob* acrescenta que elas ajudam no combate da fomentação do ódio das pessoas, e abrem os olhos daqueles que vêm fazendo besteiras nos dias de hoje. Portanto, ele estabelece também uma relação temporal, de que essas obras do passado, temáticas históricas, devem ser lidas para que não se faça algo semelhante na atualidade. Tais afirmações o internauta da *Skoob* ratifica com o conhecido provérbio: “A verdade é como a luz, em excesso Cega!”, ao mesmo tempo em que ele alerta para que o passado não retorne no presente ou no futuro.

Figura 22 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de *K.: relato de uma busca*

diz ter encontrado sua filha e que ela mandou um recado. Nossa esperança, mesmo sabendo que não deve existir, perpassa cada um destes obstáculos junto com o protagonista, e a sua dor é a nossa dor, por todos os que foram e que sofrem hoje com uma cicatriz que não existe. Na semana em que são datados 50 anos da Ditadura Militar brasileira, encontramos-nos com diversas opiniões sobre, mas vale a mim ressaltar apenas uma: de que ela não existiu. Existem, pois, os corpos dos militantes desaparecidos? Não, realmente eles não existem. Existe, porém, uma dor em todos os diretamente envolvidos no processo: torturados, familiares, amigos, que nunca vão esquecer uma lembrança apagada na mente de outros tantos milhões de brasileiros.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Assim como o outro participante da *Skoob*, também o autor do trecho representado na Figura 22 aborda sobre o fato da busca do pai pela filha desaparecida, e que isso comove o leitor de *K.: relato de uma busca*. Este receptor da obra kucinskiana enfatiza que os leitores possuem esperança juntamente com K., o protagonista, a cada obstáculo que ele perpassa, e afirma que isso não deveria existir. Além dessa esperança transmitida e vivenciada pelos leitores, o internauta da *Skoob* ainda enfatiza, por meio de uma oração coordenada aditiva, que a dor de K. é a dor dos leitores, e acrescenta dizendo que essa dor é por todos aqueles que sofrem hoje devido à ditadura, estabelecendo, assim, uma relação entre o passado desse período e o presente.

No parágrafo seguinte, o internauta da *Skoob* afirma que são datados 50 anos desde a ditadura militar brasileira, e ainda existem diversas opiniões sobre esse período histórico, mas ele ressalta que a opinião dele é de que ela não existiu, assim como os corpos dos militantes desaparecidos não existem. No entanto, na sequência de seu comentário, o internauta da *Skoob* afirma que existe uma dor em todos envolvidos diretamente à ditadura, sejam torturados, familiares ou amigos, os quais jamais esquecerão essa lembrança apagada na mente de outros milhões de brasileiros.

Essa preocupação do autor quanto ao não esquecimento dos embates trágicos na ditadura ancoramos também nas ressalvas de historiadores e teóricos, dentre os quais mencionamos Gagnebin (2006, p. 44) e suas palavras: “é necessário lutar contra o esquecimento e a denegação, lutar, em suma, contra a mentira, mas sem cair em uma definição dogmática de verdade.”.

Talvez a razão deste internauta da *Skoob*, autor do trecho que está representado na Figura 22, afirmar que não tenha existido a ditadura seja justamente pelo fato de que, segundo ele, milhões de brasileiros esqueceram do que ocorreu no período da ditadura militar, ou sequer ficaram sabendo. Logo, os familiares e amigos das vítimas desaparecidas na ditadura não ganhavam espaço dos demais para expressarem seus medos, suas angústias, suas dores, seus sofrimentos, sendo tudo isso ignorado por outros milhares de cidadãos. Diante disso, há indícios de que esse internauta da *Skoob* queria induzir os demais a entenderem que a ditadura não existiu para aqueles que fingem que ela não existiu, ou que não ficaram sequer sabendo de sua existência.

Figura 23 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de *K.: relato de uma busca*

Um retrato da ditadura

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade arrancada de mim
 Leva o vulto teu
 Que a saudade é o revés de um parto
 A saudade é arrumar o quarto
 Do filho que já morreu

Esse trecho retirado da bela canção "Pedaço de Mim" de Chico Buarque resume o que é essa obra que trata sobre o sofrimento de um pai em busca de sua filha, vítima da truculência da ditadura militar. Ao ler esse livro, ficamos convencidos da necessidade de acertar as contas com o nosso passado para que os mortos possam descansar em paz sabendo que justiça foi feita para aqueles que pegaram em armas para lutar contra um governo ilegítimo.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Assim como o internauta da *Skoob* cujo fragmento está disposto na Figura 21, também o da Figura 23 estabelece uma relação com outro texto. No entanto, diferente daquele, este começa seu comentário com a citação e transcrição de um trecho da música *Pedaço de mim*, de Chico Buarque. A fim de relacioná-lo com o romance kucinskiano, ele cita o trecho da música que aborda sobre uma metade arrancada do eu-lírico, e que deixou saudade, saudade do filho que morreu, o que consuma a comparação com *K.: relato de uma busca*.

Após realizar a relação intertextual entre o livro de Kucinski e a música de Buarque, o internauta da *Skoob* detém seus apontamentos para *K.: relato de uma busca*, salientando sobre a temática da busca de um pai por sua filha desaparecida devido à ditadura militar. Na sequência, este comentarista da *Skoob* frisa, em outras palavras, que Kucinski realiza uma rememoração por meio de seu livro.

Temos, portanto, nesse processo de rememoração algo que estabelece também uma resignificação do passado, que foge dos padrões conhecidos e instituídos. A unicidade perde seu espaço para a plurissignificação literária, da qual *K.: relato de uma busca* é integrante. Concordamos, portanto, com Martín-Barbero (1997, p. 266): “contra tais identificações maniqueístas, que minam por dentro tanta investigação e tanta crítica cultural, começa a surgir uma nova percepção sobre o popular enquanto trama, entrelaçamento de submissões e resistências, impugnações e cumplicidades.”.

Ao realizar a leitura de *K.: relato de uma busca*, seu receptor, cujo trecho de seu comentário está representado na Figura 23, convence-se da necessidade de que o passado da ditadura militar não seja esquecido, e que a justiça é feita por meio de registros e arquivamentos

sobre as vítimas desse período, os quais são rememorados por meio do texto e atualizados pelos leitores. O romance de Kucinski, portanto, é também uma forma de homenagear as vítimas desse passado e, segundo o internauta da *Skoob*, fazer justiça, acertar as contas com os acontecimentos de outrora.

Figura 24 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de *K.: relato de uma busca*

realidade com ficção, narrando de forma comovente sua busca incansável e seu sofrimento. O livro é além de um romance, uma denúncia contra um período e suas barbaridades, suas peculiaridades e o reflexo que causa até hoje na sociedade. Uma leitura diferente, mas para quem tem interesse por

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Percebemos, até agora, que os internautas da *Skoob* identificam diferentes características em *K.: relato de uma busca* e variadas razões que levaram Kucinski a escrever este livro, isso tudo devido à cultura de cada leitor, que é, segundo Jauss (1994) o que o receptor da obra espera encontrar por meio da leitura. Cada receptor de Kucinski possui suas experiências de vida, suas leituras e conhecimentos anteriores, e a obra causa impactos diferentes a cada um. O autor do trecho representado na Figura 24, por exemplo, interpretou o livro de forma semelhante a outros. No entanto, para expressar-se a respeito dele usa um termo impactante – *denúncia*.

Ao mesmo tempo que o internauta da *Skoob*, leitor de Kucinski, evidencia que este autor realiza uma denúncia às barbaridades ocorridas em um período da história, ele também realiza uma relação temporal com o presente, afirmando, assim como demais receptores de *K.: relato de uma busca*, que ainda existem, no presente, reflexos dessa época. No entanto, este receptor de Kucinski não se aprofunda neste aspecto e logo direciona seu comentário para outros.

Figura 25 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a relação entre passado, presente e futuro a partir de *K.: relato de uma busca*

Quando cineastas, produtores, roteiristas perceberem que a ditadura civil-militar brasileira está longe de ser tema esgotado, especialmente em tempos de tendencioso revisionismo histórico, oxalá a obra de Bernardo Kucinski os acolha de braços-páginas abertos. *K.: relato de uma busca*, se transformado em filme, poderia ter trilha sonora das mais minimalistas. Nada do lugar comum,

Fonte: *SKOOB*, 2019.

O internauta da *Skoob* que tem parte de seu comentário representado na Figura 25 também afirma que o passado da ditadura ainda é um tema em evidência na atualidade. No entanto, ele faz isso de uma forma diferente, destacando que cineastas, produtores e roteiristas da atualidade devem perceber que a ditadura civil-militar brasileira é algo que ainda está em voga, em alta e, portanto, deve ser explorado na atualidade, ainda mais em tempos nos quais há, como afirma o próprio comentarista da *Skoob*, um tendencioso revisionismo histórico. Ainda na mesma frase, o internauta da *Skoob* expressa seu desejo de ver *K.: relato de uma busca* transformado em filme.

Implícitos em muitos comentários estão os aspectos culturais presentes em *K.: relato de uma busca*, que apontam para uma fuga do cânone da literatura. Sendo assim, autores como Bernardo Kucinski, que registram realidades, inclusive na literatura, contribuem para uma “reconceitualização da cultura que nos confrontam com essa outra experiência cultural que é a popular, em sua existência múltipla e ativa não apenas na memória do passado, mas também na conflitividade e na criatividade atuais.” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 285).

Ao afirmar sobre as experiências culturais, Martín-Barbero (1997) ressalta sobre a conflitividade e também a criatividade. Podemos pensar, então, que devido à existência dos conflitos atuais, faz-se necessária a criatividade para que um autor, por exemplo, ganhe visibilidade e aceitação de seu público. Parece-nos que Bernardo Kucinski conseguiu conquistar seu público, pelo menos é o que grande parte dos comentários encontrados na *Skoob* indica. Mas ainda são muitos os aspectos identificados e destacados por este grupo receptor de *K.: relato de uma busca*.

4.4 A ditadura na obra *K.: relato de uma busca*: a busca do pai pela filha

Percebemos que grande parte dos receptores de Kucinski, ao se pronunciarem por intermédio dos comentários registrados na rede *Skoob*, ressaltam, em meio a outras percepções, sobre o enredo principal de *K.: relato de uma busca*, que é a saga de K., o protagonista, em busca de sua filha desaparecida. Mas ao mesmo tempo eles comparam esse fato aos diversos acontecimentos relacionados à ditadura militar brasileira, estabelecendo, assim, contrastes entre essa obra ficcional e a realidade na qual Kucinski se inspira.

Portanto, é natural que os receptores do livro desse autor abordem vários aspectos diferentes em suas manifestações na *Skoob*. Alguns internautas afirmam que o livro *K.: relato de uma busca* é sobre a busca de um pai pela filha, mas de forma mais sucinta e a maioria desses comentários usamos em outros trechos que, aliás, são relacionadas a outros aspectos. Dessa

forma, consideramos para análise os que enfatizam sobre o enredo principal da obra, e que não usamos nos demais aspectos averiguados.

Figura 26 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.*:
relato de uma busca

Chicos, Caetanos, Gilbertos ou Miltons cantando as mazelas de um regime autoritário; bastaria o tu-tu-tu de um telefone após ligação sem resposta, um outro lado da linha vazio, indício da ausência de alguém com quem se deseja falar. O som acompanha a leitura do sufoco de K., escritor e comerciante judeu à procura da filha desaparecida.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

De forma conotativa, metafórica, o internauta da *Skoob* cujo trecho está representado na Figura 26 afirma que a leitura da trama de *K.* à procura da sua filha desaparecida é acompanhada por uma musicalidade, por sons. A fim de introduzir tal percepção, o internauta da *Skoob* menciona grandes nomes da música brasileira das décadas de 70 a 90 e que ainda conquistam considerável público até nos dias de hoje. Além disso, eles denunciavam em suas composições as mazelas de um regime autoritário, o que também é destacado pelo internauta da *Skoob*.

Não é de balde que o internauta da *Skoob* mencionou estes quatro cantores. O fato dele ter citado apenas o primeiro nome deles mostra que este receptor, não só de Kucinski mas também dos cantores que menciona, possui certa familiaridade com eles, sentindo-se confortável com essa proximidade consumada por este leitor e ouvinte, apreciador de leituras e músicas que denunciam o que o próprio internauta chama de *mazelas de um regime autoritário*. A pluralização dos nomes desses quatro cantores pode simbolizar essa proximidade de seu público com eles, o qual compõe um grande coro de ouvintes que cantam junto com eles as suas músicas, denunciadoras de uma realidade cruel das décadas de 1960 a 1980.

A metáfora do som é uma forma de vinculação dos cantores e compositores mencionados e o “som” da leitura da trama de *K.* em busca de sua filha. Entre estas duas partes, o internauta da *Skoob* menciona elementos sonoros que simbolizam a ausência de alguém com quem se pretende falar, que, no caso de *K.: relato de uma busca*, é a filha desaparecida de *K.* Esse indício de ausência é o *tu-tu-tu* que simboliza uma ligação malsucedida, que ficou sem o retorno de quem está do outro lado da linha, o qual é adjetivado pelo internauta da *Skoob* como *vazio*, a fim de ratificar a ausência desse outro alguém.

Ao mesmo tempo em que há uma metáfora devido ao som estabelecendo uma comparação mental entre os cantores mencionados pelo internauta da *Skoob* e os sons presentes ou representados em *K.: relato de uma busca*, há um paradoxo nesse jogo do som estabelecido

pelo receptor do livro de Kucinski. Enquanto ele confirma a presença do som que acompanha a leitura do sufoco de K., e obviamente nas músicas dos cantores mencionados, há também o silêncio, os indícios que mostram a ausência de alguém. Em outras palavras, enquanto muitos foram silenciados, outros lutam para que consigam ser ouvidos por meio de suas músicas ou livros.

Figura 27 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.*:
relato de uma busca

É interessante notar como Kucinski esquadrinha, durante a busca de K., as principais estratégias militares para esmorecer as famílias das vítimas: espalhar pistas falsas, confundir, dar esperanças e tomá-las de volta, incutir nos próprios parentes a culpa pelos sumiços. Fica impregnada, aliás, a sensação de que se perdeu não a mulher madura, doutora e dona de si, mas a caçula, loira e frágil, graças ao desinteresse da mãe, deprimida, e à distração do pai, muito ocupado com sua loja, seus poemas e a língua iídiche.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

O sentimento de ausência do personagem K., também vivenciado pelo leitor, é “gritado” pelo internauta da *Skoob*, autor do trecho representado na Figura 27, de uma forma diferente da anterior. A busca de K. é evidenciada também por este leitor de Kucinski, mas ele menciona as estratégias militares para desalentar as famílias das vítimas, dentre as quais o internauta da *Skoob* evidencia primeiramente a de espalhar pistas falsas, que, aliás, aparece incisivamente em alguns capítulos de *K.*: *relato de uma busca*.

Outro aspecto relevante mencionado por este internauta da *Skoob* é o de confundir as famílias das vítimas, dar esperanças e tomá-las de volta, o que ocorre com K. Poderíamos afirmar que, enquanto a palavra-chave do trecho representado na Figura 26 é *ausência*, no da Figura 27 é *culpa*. No caso do romance kucinskiano, K. sente-se culpado por não ter prestado mais atenção à sua filha devido às suas ocupações pessoais, com sua loja, seus poemas e a língua iídiche, mencionados pelo internauta da *Skoob*. A respeito da língua iídiche, por sinal, é mencionado várias vezes ao longo de *K.*: *relato de uma busca*, certamente pela relação de proximidade entre K., o personagem principal, com ela.

Para nós, leitores, percebermos que K. é o personagem principal não é algo difícil, pois acompanhamos a trama de sua busca pela filha desaparecida ao longo dos capítulos do livro. Como podemos perceber na figura abaixo, o internauta da *Skoob*, autor do trecho representado, realiza um comentário que se parece, no início, como um resumo ou uma resenha do livro. Aliás, ele começa afirmando justamente que K. é o protagonista, caracterizando-o como um

pequeno comerciante que divide esta rotina profissional com estudos a respeito da língua iídiche, e acrescenta enfatizando que ela é seu idioma de origem. Portanto, assim como o internauta da *Skoob* cujo texto é representado na Figura 27, também este percebe a relevância do idioma natal para K.

Figura 28 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.*:
relato de uma busca

K, seu protagonista, é um pequeno comerciante que divide sua rotina com o estudo do iídiche, seu idioma natal, e é difícil não associar essa letra com Kafka, o pai do absurdismo na literatura. Ele jamais desconfiou do envolvimento da filha com a militância política clandestina, afinal, Ana Rosa era doutorada em Química e professora da USP cuja rotina não levantava suspeitas.

O livro discute culpa e impunidade e também remete ao Holocausto, a medida que a atmosfera de vigilância no Brasil é semelhante a situação da Alemanha durante o nazismo. Também traça uma crítica ao silêncio da vida acadêmica da época, ao tentar descobrir os motivos que levaram algumas pessoas a colaborar com a ditadura.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Ainda na primeira frase do trecho representado na Figura 28, na qual o comentarista da *Skoob* descreve sobre a relação de K. com a língua iídiche, ele afirma que é fácil associar tal fato a Kafka, este denominado pelo leitor como o pai do absurdismo na literatura. Na próxima frase, o internauta da *Skoob* dirige seu comentário para a personagem K., que, devido à sua rotina, jamais desconfiou que sua filha tivesse envolvimento com a militância política, ainda mais devido à sua posição profissional – doutorada em Química e professora da USP. Portanto, o desaparecimento repentino, e até então inesperado e inexplicável a K., o pai, é o que desencadeia a comparação desse livro com o absurdismo na literatura, cujo progenitor é o Kafka, um dos autores literários mais difundidos mundialmente.

Precisamos explicitar que, mesmo que em *K.: relato de uma busca* não apareça o nome da filha desaparecida, apenas a inicial *A.* no final de um dos capítulos (o que evidenciamos na descrição dos capítulos, na seção anterior), alguns leitores, internautas da *Skoob*, mencionam o nome *Ana Rosa*, que é a irmã desaparecida de Bernardo Kucinski. O fato de tamanha proximidade entre a ficcionalidade do romance kucinskiano e a realidade vivenciada pelo autor e seus familiares contribui para o absurdismo, sendo este entendido como algo abominável, rejeitável, inaceitável perante a humanidade. Tanto é que muitos dos receptores de *K.: relato de uma busca* identificam a relação entre essa realidade de vítimas da ditadura e o enredo do romance, o que nos fez abrir um tópico de análise exclusivo para os manifestos a respeito disso.

Já no próximo parágrafo de seu comentário representado na Figura 28, este internauta da *Skoob* realiza outra comparação, mas não com um autor ou outra pessoa, e sim com outro acontecimento histórico aterrorizante, pelo menos a muitos olhos da humanidade – o holocausto. Portanto, neste parágrafo, o internauta deixa de lado o enredo de *K.: relato de uma busca* para realizar a comparação entre o que é narrado no livro de Kucinski e o que ocorreu na Alemanha durante o nazismo.

O comentarista da *Skoob* encerra o segundo parágrafo representado na Figura 28 evidenciando que *K.: relato de uma busca*, além de remeter ao holocausto, também critica o silêncio da vida acadêmica da época da ditadura, que recebeu a colaboração de algumas pessoas, o que nos remete à culpa e à impunidade, ambas mencionadas pelo internauta da *Skoob* no começo do parágrafo. Somos incitados, então, a entendermos que, para este leitor de Kucinski, deveria haver punição e arrependimento por parte daqueles que colaboraram com a ditadura, caracterizado como o holocausto brasileiro.

A respeito do comentário representado na Figura 28 ainda podemos identificar um aspecto importante entre os dois parágrafos do mesmo – que é o da posição acadêmica. No primeiro parágrafo o internauta da *Skoob* evidencia que a filha desaparecida é doutorada em Química e professora na USP, o que faz com que o pai não desconfie que sua filha possa ser uma militante política. Já no segundo parágrafo o receptor de *K.: relato de uma busca* afirma que o livro traça uma crítica ao silêncio da vida acadêmica na época da ditadura. Levando em conta os dois parágrafos, no entanto, podemos pensar não em um silêncio da vida acadêmica, mas sim de um silenciamento imposto pela ditadura. Tudo leva a entender que Ana Rosa, por exemplo, se manifestou contra a ditadura e foi “silenciada” por isso. Aliás, milhares de Ana Rosas tiveram suas vozes cessadas.

Diante do exposto até no momento, sobressaltamos que Kucinski escreveu ficção, sobretudo com histórias relacionadas à ditadura, mesmo tendo iniciado tardiamente nesse ramo. Também Figueiredo (2017, p. 142) faz tais ressalvas: “a obra literária que B. Kucinski iniciou já na maturidade, quase velhice, destaca-se no panorama da produção brasileira pelo seu valor estético, que é um suplemento ao seu teor testemunhal.”. Valemo-nos, dessa forma, de tal estudiosa de Kucinski para ratificarmos nossa concepção de que ele se torna uma testemunha do período da ditadura no Brasil. Ancoramo-nos nos conceitos de Gagnebin (2006, p. 57) sobre testemunha para fazermos tais asseverações:

Uma ampliação do conceito de testemunha se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *bistor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a

narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

A partir do conceito de testemunha de Gagnebin (2006), podemos inferir que os leitores das narrativas se tornam testemunhas indiretas do que aconteceu com as vítimas da ditadura e que é narrado nos romances contemporâneos, como por exemplo em *K.: relato de uma busca*. Seligmann-Silva (2000, p. 82) também compreende o testemunho como fruto de uma contemplação, em que a testemunha é sempre ocular em que se testemunha um evento. E, nessa perspectiva, os leitores de *K.: relato de uma busca* tornam-se testemunhas oculares do que está escrito ali ao mesmo tempo em que contemplam a obra.

Assim, Kucinski propaga as experiências vivenciadas por ele e demais pessoas graças a sua escrita e, dessa forma, seus leitores adquirem mais conhecimento sobre acontecimentos traumáticos e tortuosos no período da ditadura, o que as torna, de certo modo, testemunhas do que ocorreu nessa época. Estas testemunhas, seus leitores, identificam e reconhecem que Bernardo Kucinski faz uma retratação desse período traumático em *K.: relato de uma busca* de uma forma triunfal, conforme podemos averiguar no final do comentário representado na figura a seguir.

Figura 29 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.: relato de uma busca*

Na dor de K. nasce uma flor

Nos corredores da FFLCH-USP, o nome de Ana Kucinsky ainda é sussurrado. Como uma mancha pulsante na história da Universidade de São Paulo, o processo administrativo contra a professora doutora de Química releva muito do clima que se instaurou ao redor da universidade, principalmente, após a AI-5, de dezembro de 1968.

Bernardo Kucinsky, professor aposentado da ECA-USP, faz o que poucos trabalhos acadêmicos conseguiram. Retratar um período tão problemático - quando vozes se colocam a exaltar o regime militar, um negacionismo que beira a psicopatia - sem adentrar na linguagem acadêmica, mas ao mesmo tempo fugindo de uma romantização exagerada, de uma ilusão biográfica. Talvez, este, o maior trunfo do autor.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Segundo o internauta da *Skoob*, em seu comentário representado na Figura 29, Bernardo Kucinski consegue fazer o que poucos trabalhos acadêmicos conseguiram, que é retratar um período tão problemático, em que vozes se colocam a exaltar o regime militar. Ele faz essa retratação sem fazer uso de uma linguagem acadêmica, mas também faz com que seu romance

não se torne uma romantização exagerada, o que, segundo internauta da *Skoob*, afirma ser possivelmente o maior trunfo de Kucinski.

As palavras desse internauta da *Skoob* levam-nos a enfatizar a respeito do diferencial da obra de Kucinski. Recorremos às palavras de Figueiredo (2017, p. 142-143), que assinala duas características que distinguem *K.* da maioria dos demais: “ele é escrito no presente, retratando as buscas enquanto elas se dão, o que dá mais vitalidade à narrativa. Ou seja, o autor parte de uma realidade vivenciada também por ele, mas coloca seu pai como personagem principal, ao invés de si mesmo.”. Estas estratégias de composição de personagens juntos ao estilo de escrita e à abordagem da temática da ditadura parecem ser, como o internauta da *Skoob* frisa em seu comentário representado na Figura 29, trunfos do autor que fogem de uma ilusão biográfica.

Interessante refletirmos também a respeito do título do comentário desse internauta – “Na dor de K. nasce uma flor”. A flor, pelo que tudo indica, é o livro *K.: relato de uma busca*, que, mesmo retratando um período traumático e se tratar de uma história de um personagem que sofre, envolve seus leitores, e faz com que estes leiam-no de forma a se envolver com os personagens e a história narrada.

Esta “flor” que foge da linguagem acadêmica e também de uma ilusão biográfica romantizada e exagerada, ressaltada pelo internauta da *Skoob* no segundo parágrafo, parte de informações reais, verídicas, que o receptor de Kucinski escreve anteriormente. Assim como demais internautas da *Skoob*, também este relaciona o livro *K.: relato de uma busca* àquilo que aconteceu com Ana Rosa Kucinski, que é, como já esclarecemos antes, a irmã desaparecida do nosso amigo autor Bernardo Kucinski.

Consoante o internauta da *Skoob*, ainda hoje o nome de Ana Kucinski é sussurrado nos corredores da FFLCH-USP, onde ela lecionava e foi desligada após um período de seu desaparecimento. Tal desvinculação foi resultado de um processo administrativo contra Ana Rosa, professora doutora de Química, que foi instigado pelo clima que se instaurou e principalmente o AI-5.

A título de curiosidade, o AI-5, ou Ato Institucional nº 5, foi o quinto dos grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964, no Brasil. Emitido em 13 de dezembro de 1968, conforme nos lembra o internauta da *Skoob* em seu comentário representado na Figura 29, o AI-5 visava implementar medidas que fossem do interesse do governo e do militarismo. Um destes interesses era o de suspender o mandato/cargo de pessoas que fossem contrárias aos interesses militares. Ana Rosa, desaparecida misteriosamente, teve seu vínculo desligado da USP, facilitado legalmente pelo AI-5, o que deixa o pai, em *K.: relato de uma busca*, inconformado e com o sentimento de injustiça.

Figura 30 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.: relato de uma busca*

O melhor é que começamos a imaginar que de certa forma a personagem desaparecida do livro foi “baseada” na irmã do Kucinski; que ela viveu, mas que nunca foi encontrada pelos seus familiares; digamos que esse fato torna a leitura ainda mais pesada. Porque tudo o que lemos nos faz imaginar o quanto deve ter sido difícil para todos durante o tempo em que a procuraram, e a cada procura, não obtiveram nenhuma notícia, mas que mesmo assim, mantiveram a esperança de um dia a encontrarem.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Assim como demais internautas da *Skoob*, também o que tem parte de seu comentário disposto na Figura 30 enfatiza que nós, leitores de *K.: relato de uma busca*, imaginamos que, de certa forma, a personagem desaparecida do livro foi baseada na irmã de Kucinski. O adjetivo “baseada”, porém, está entre aspas, o que nos leva a algumas hipóteses, como o fato de o leitor de Kucinski querer enfatizar que é um livro de ficção, e por isso não é a vida da irmã ali presente, apenas sendo uma representação; ou então que o autor criou ou modificou informações, já que o texto ficcional possibilita tais realizações.

Na sequência de seu comentário, o internauta da *Skoob* enfatiza que o fato de conter na narrativa sobre a vida e o desaparecimento dela, e que nunca foi encontrada pelos familiares, sendo que seu pai tanto tenha buscado por ela, torna a leitura ainda mais pesada. Na segunda frase de seu comentário ele esclarece a afirmação anterior, com ênfase na adjetivação dada por ele ao livro. Para este internauta da *Skoob*, a leitura de *K. relato de uma busca* torna-se pesada porque faz com que seus leitores imaginem o quanto era difícil para os familiares procurarem por alguém desaparecido.

Notamos, através de seu comentário representado na Figura 30, que este receptor de *K.: relato de uma busca* compreende um dos papéis fundamentais do leitor, que é de se colocar no lugar do outro, no caso do personagem do livro que está lendo. Logo, compreender o que o outro sente a partir da leitura é o que torna este ato pesado, em meio à inquietação e ao desespero da procura, e ao mesmo tempo à esperança que, apesar de tudo, ainda se mantém nos familiares.

Figura 31 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.*:

relato de uma busca

sofreram, no período da ditadura militar. A história narra a vida do senhor K., um imigrante judeu que fugiu para o Brasil no período da II Guerra Mundial e vê-se perdido e destroçado quando sua filha "é desaparecida" (esse é o código para "foi preso, torturado e morto pela polícia"). Quando eu digo que ficção e realidade se misturam, devo mencionar que K. é o pai do autor, e a filha desaparecida é Ana Rosa, sua irmã, uma professora de Química da Universidade de São Paulo e limitante clandestina da Aliança Libertadora Nacional (ALN), casada com um também militante e também desaparecido, Wilson Silva. Com olhos delicados (e provavelmente marejados) de um narrador machucado, Kucinski conta-nos a história de seu pai: a descoberta do desaparecimento, do casamento secreto para ele, do envolvimento da filha no movimento anti-ditadura. E é dura, meus

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Em meio a demais considerações realizadas em seu comentário, o internauta da *Skoob* destina parte dele para abordar sobre a história de K., o pai, em busca de sua filha desaparecida. A parte de descrição de K. ele começa chamando-o de *senhor*, que não é somente um pronome de tratamento, mas simboliza respeito a alguém mais velho, o que torna transparente a dó e a compaixão do leitor por K., que, mesmo na velhice, não se cansa em procurar pistas sobre onde está sua filha ou o que aconteceu com ela.

A respeito de K., o internauta da *Skoob* que tem um trecho de seu comentário representado na Figura 31 ainda afirma que ele é um imigrante judeu que fugiu para o Brasil no Período da II Guerra Mundial, o que já simboliza amargura e sofrimento vivenciados por ele desde o início, no exterior. Na sequência, *perdido* e *destroçado* são os adjetivos do internauta da *Skoob* atribuídos a K., quando sua filha é desaparecida. *É desaparecida* foi empregado entre aspas pelo leitor de Kucinski justamente para ressaltar o que ele esclarece dentre os parênteses, que este termo é um eufemismo, pois em verdade significa que ele foi preso, torturado e morto pela polícia.

No próximo parágrafo de seu comentário, o internauta da *Skoob* ainda tece algumas afirmações sobre K. e sua filha desaparecida, mas vinculado a outras características, como a mistura entre realidade e ficção. Na sequência, o participante da rede social dos leitores esclarece que realidade e ficção se misturam sobretudo por que K. é o personagem inspirado no pai de Bernardo Kucinski, e a filha desaparecida é Ana Rosa, irmã ao autor, portanto. Evidentemente que tais informações não são possíveis de serem feitas apenas através da leitura de *K.: relato de uma busca*, sendo que estes leitores conhecem a vida de Bernardo Kucinski e destes seus familiares, ou então a partir da realização da leitura do livro terem se interessado em saber também a respeito da vida do autor.

Ainda no tocante às informações vinculadas às pessoas que inspiraram as personagens K. e sua filha desaparecida, o internauta da *Skoob* afirma que Ana Rosa foi, como já sabemos, professora de Química na USP, e também limitante clandestina da Aliança Libertadora Nacional (ALN), que, em verdade, se denomina Aliança Nacional Libertadora (ANL). Como já fica intencionado no próprio nome, a ANL é uma aliança, a qual integrava diferentes pessoas – comunistas, antifascistas, socialistas, marxistas – que lutavam contra o militarismo. No entanto, esta frente de esquerda foi fundada em 1935 com o objetivo de combater o fascismo e o imperialismo.

Dentre as ressalvas feitas por este leitor de Kucinski está a de que Ana Rosa era casada com Wilson Silva, também militante e desaparecido. No livro *K.: relato de uma busca* o capítulo seis – “O matrimônio clandestino” – é destinado à narração de como K. descobriu que sua filha já era casada, e ele nem sabia, descobriu casualmente quando uma moça chegou até ele em uma reunião de familiares dos desaparecidos e se apresentou como sendo a cunhada de sua filha. As páginas deste capítulo são, assim, destinadas à tentativa de entendimento de K. principalmente sobre o porquê de a filha ter casado clandestinamente, sem ele saber.

Após mencionar os fatos reais do pai de Bernardo, e também de sua irmã e cunhado, mencionando inclusive o nome destes dois, o internauta da *Skoob* dirige-se a *K.: relato de uma busca* e ao estado psicológico que possivelmente estava Bernardo Kucinski ao escrever essa narrativa. Segundo o receptor do romance kucinskiano, Bernardo devia estar com os olhos marejados devido à emoção e, ao mesmo tempo, à dor sentidas ao escrever o livro. Aos olhos, o internauta da *Skoob* também atribui o adjetivo *delicados*, este, no entanto, nos transmite um sentido não de fragilidade, mas de cuidado com a narrativa, que Bernardo se preocupa com as palavras que vai utilizar para narrar cada fato, com o estilo, a distribuição dos capítulos, dentre demais estratégias pensadas e elaboradas pelo autor.

Este internauta da *Skoob* também caracteriza que o narrador está machucado, o que é, para nós, natural, pois ele conta uma história trágica, e ainda inspirada em fatos associados à sua família. Na sequência, este leitor de *K.: relato de uma busca* reforça alguns dos principais tópicos que comoveram e ao mesmo tempo motivaram o autor a escrever esta narrativa, que são a descoberta do desaparecimento, o casamento secreto, e o envolvimento da filha com o movimento anti-ditadura.

Figura 32 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.:*
relato de uma busca

O livro dói. Conseguir expurgar uma parte dessa dor pessoal e coletiva é tarefa para poucos. Bernardo Kucinski faz parte dos poucos. K. é um senhor de idade já consolidada. Traz no sangue o sofrimento incalculável de ter sido vítima do holocausto. É um sobrevivente (prisioneiro) dos progroms, da fúria genocida. Escapou, mas traz o horror estampado na mente. Sobrevivente/prisioneiro da melancolia, como ele diz/relata. Imigrante, veio para o Brasil. A comunidade judaica o recebe. É Poeta, intelectual confinado nos grotões de uma língua natimorta: o iídiche. Ele e poucos sobreviventes consagram ao iídiche o carinho de não esquecê-lo.

Faz/fez a vida como comerciante. Casa com uma sobrevivente como ele, tem três filhos. É afetuoso, ao seu jeito. Sua faina é o comércio. A esposa sucumbe à dor do comunicado oficial: Todos os seus familiares morreram nos campos de concentração. Todo sobrevivente carrega uma esperança desesperada de, ao menos, encontrar algum irmão, primo, tia, mãe, pai, afilhado, irmã. Nada lhe sobrou. Ela diz adeus aos filhos, e a filha mais nova é a que mais sofre com essa renúncia feita a custo sabe-se lá de quanto desespero. A caçula recebera da mãe, apenas a indiferença e só. Mas o pai sente isso, e tenta fazer algo. À maneira peculiar de seu olhar, ele tenta. Acontece que os filhos crescem. Os homens vão para o mundo. A Garota também vai, com seu doce olhar triste, seus fantasmas, gradua-se em grau máximo na universidade de Química. Um belo dia, desaparece. Some. Evapora-se. Adeus. A época: o auge dos anos de Chumbo, repressão, ano 70, Brasil.

K. reinicia seu calvário. Dois calvários para uma única vida. Agora, há um outro olho/consciência, como luz de cabeceira sobre o seu remorso. As paredes tem ouvido. É tempo de tortura. As paredes... ainda recordam e guardam a mancha, a impressão dos gritos ferozes, das grades receptoras do sangue salpicado. Os agentes são sombras, cada insígnia traz o aviso de que as janelas não foram abertas, e sequer aberturas rasgadas existem. Mas K. persiste em seu calvário para receber - pelo menos - o corpo da filha.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Sem sombra de dúvidas, o leitor de *K.: relato de uma busca* que tem seu comentário representado na Figura 32 sente a dor, a angústia e os medos vivenciados pela personagem principal. Já no início de seu comentário, de forma breve, mas convicta, o internauta da *Skoob* afirma que o livro dói. E logo na sequência já menciona que é tarefa para poucos conseguir expressar essa dor pessoal, e ao mesmo tempo coletiva, porque outras pessoas vivem algo semelhante, e também os leitores acabam sentindo estas dores, experimentando-as por meio da leitura. Na próxima frase, o internauta da *Skoob* enfatiza que Bernardo Kucinski faz parte destes poucos que conseguem expurgar tamanha dor.

Após sua breve contextualização sobre a dor sentida e expressada por Bernardo em seu livro *K.: relato de uma busca*, o internauta da *Skoob* começa suas considerações a respeito da história narrada no livro e sobre K., o protagonista. Em seu comentário, o receptor do romance kucinskiano afirma que K. é um senhor de idade já consolidada, e que traz no sangue o sofrimento incalculável de ter sido vítima do holocausto, o que outros internautas da *Skoob* também já afirmaram em seus comentários. No entanto, o internauta da *Skoob* cujo trecho representamos na Figura 32 é mais enfático na descrição dessa caminhada de vida de K., ligada

ao sofrimento não só pela perda da filha, mas já de sofrimentos anteriores também, como ter saído da Europa fugindo.

O holocausto, chamado pelo internauta da *Skoob* como fúria genocida, foi um verdadeiro genocídio, assassinato em massa de cerca de seis milhões de judeus durante a segunda guerra mundial. K., como é evidenciado em vários trechos de *K.: relato de uma busca*, é judeu, o que faz com que ele imigre para o Brasil em busca de melhores condições de vida, e fugir da perseguição e até mesmo da morte massacrante e ser mais um número a se somar na tentativa de extermínio dos judeus.

Conforme frisa o parecerista da *Skoob*, K. veio ao Brasil trazendo o horror genocida em sua mente. No novo país, ele é recebido pela comunidade judaica, sendo poeta e intelectual que realiza estudos a respeito do iídiche, língua da família indo-europeia adotada pelos judeus. K. e outros poucos sobreviventes passaram a se dedicar à língua iídiche a fim de evitar a extinção dela. O internauta da *Skoob* corrobora que este ato de tentativa de não esquecimento dessa língua é uma forma de carinho, o que perpassa um sentimento de ternura, meiguice.

No segundo parágrafo de seu comentário, em algo que se assemelha a um resumo do livro, o internauta da *Skoob* relata como foi a instalação de K. aqui no Brasil, enfatizando que se tornou comerciante, que se casou com uma sobrevivente, assim como ele, e com ela teve três filhos. As próximas frases este leitor de Bernardo designa à descrição da mãe, que recebe a notícia que seus familiares morreram nos campos de concentração, que faz com que ela diga adeus aos filhos, causando profundo sofrimento principalmente à filha mais nova. No entanto, os anos se passam, os filhos crescem e tomam seus rumos. O internauta da *Skoob*, então, enfatiza sobre o que aconteceu com a filha, que se tornou doutora em Química, mas que certo dia desaparece, some.

Após ressaltar que a filha de K. desaparece, o internauta da *Skoob*, em nova frase, mas ainda no mesmo parágrafo, escreve uma frase sobre aquela época, o período histórico no Brasil, que era o auge da repressão, dos anos de chumbo, ano 70. Cabe a nós entendermos que aquela *Garota* que carregou consigo fantasmas desapareceu devido à ditadura militar, pelo menos é o que demonstra ser a intenção desse receptor de *K.: relato de uma busca*.

Conforme o internauta da *Skoob* salienta em seu comentário, o desaparecimento da filha é o reinício do calvário de K. Uma vida de martírio, de sofrimento e de peregrinação. No entanto, diferentemente do calvário anterior, K. não vai fugir de nenhum holocausto, mas vai peregrinar em busca de sua filha, ou de informações sobre seu paradeiro ou destino.

O internauta da *Skoob* emprega algumas frases como “As paredes tem ouvido” e “É tempo de tortura” a fim de simbolizar as perseguições e os sofrimentos vividos pelas vítimas

da ditadura. Ele também ressalta que as paredes ainda guardam em si manchas, gritos ferozes e sangue salpicado, este resultante do que ele enfatizou na frase anterior – da tortura. O comentarista da *Skoob* também diz que os agentes possuem insígnias que não indicam apenas poder, mas trazem o aviso da tortura, e de que as janelas (da esperança) não se abriram. E o leitor de *K.: relato de uma busca* termina seu comentário com a afirmação de que K. persiste em sua busca pela filha em meio ao contexto caótico e assombroso; que K. busca ao menos pelo corpo da filha.

Na narrativa, no capítulo “A *matzeivá*”, fica claro essa busca, pois K. quer realizar o *Kadish*, que é a principal oração do rito judaico proferida no sepultamento de um filho ou parente muito próximo. O título do capítulo já indicia tal desejo de K., haja vista que *matzeivá* é a lápide colocada no túmulo de alguém, em geral um ano após o sepultamento, o que também gera transtornos a K., pois ele sequer encontra o corpo da filha.

Figura 33 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.:*

relato de uma busca

Como o próprio nome esclarece, o livro trata da busca de um pai por sua filha que some misteriosamente por ser ativista política na época da ditadura. Buscando a filha e encontrando muitas dificuldades, enfrentando situações perigosas e mentirosas, o senhor K., protagonista da história, relata todo o seu sofrimento durante um período de mais de um ano. O autor mistura

Fonte: *SKOOB*, 2019.

O internauta da *Skoob* que tem seu trecho representado na Figura 33 realiza argumentos que coincidem com os demais a respeito do livro *K.: relato de uma busca*. Começa evidenciando que, assim como o próprio título sugere, a história do livro é sobre a busca de um pai por sua filha, sumida misteriosamente devido à sua posição política na época da ditadura militar.

Em uma frase este internauta da *Skoob* anuncia que K. é um senhor que busca sua filha desaparecida, mas encontra muitas dificuldades, enfrentando situações perigosas e mentirosas. Aliás, vários internautas da *Skoob* salientaram sobre as pistas falsas encontradas por K., e as mentiras de outros a fim de atrapalhar sua jornada em busca da filha. Por fim, na última oração deste período, o leitor de *K.: relato de uma busca* escreve que o sofrimento de K. durou mais de um ano, e como a história do livro é a busca de K. pela filha, presumimos, então, que este é o tempo de duração do enredo no livro. Feitas estas argumentações a respeito da busca de K.

pela filha, o internauta da *Skoob* realiza demais apontamentos sobre outros aspectos, que analisamos em seus devidos tópicos.

Figura 34 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a busca do pai pela filha em *K.:*
relato de uma busca

Espetacular

Em poucas páginas este livro nos apresenta um relato comovente sobre a ditadura no Brasil, através da narrativa de um pai em busca de sua filha desaparecida. Imprescindível para todos que desejam

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Como não há limites máximo e mínimo de palavras ou caracteres nos comentários dos internautas da *Skoob*, deparamo-nos com alguns mais extensos, e outros mais curtos, como é o caso do trecho que dispusemos na Figura 34. No entanto, mesmo realizando um comentário curto, este internauta da *Skoob* aborda brevemente que o livro *K.: relato de uma busca* é um relato comovente sobre a ditadura no Brasil. Devido ao comentário ser intitulado como “Espetacular”, inferimos que também este leitor de Kucinski incida a leitura desta narrativa sobre um pai em busca de sua filha desaparecida.

Sem dúvidas, a história de um pai que busca desesperadamente informações sobre o que aconteceu com sua filha que desapareceu misteriosa e repentinamente tende a comover o leitor. É natural que o receptor do livro se sensibilize e se coloque no lugar de K. e sinta suas angústias, ainda mais tendo parte do enredo e dos personagens inspirados nos próprios familiares do autor.

Enfim, muitos são os aspectos que fazem com que *K.: relato de uma busca*, este texto literário, não seja apenas uma forma de documentação: “a possibilidade privilegiada de experimentar na leitura o espírito da época, as condições sociais e as disposições dos seus autores.” (ISER, 1996a, p. 40). Logo, as experimentações possibilitadas pela leitura possibilitam que os leitores de Kucinski sintam o contexto da época narrada, as condições sociais em que elas estão inseridas e, ao mesmo tempo, identifiquem a disposição do autor para escrever tal narrativa, que, como todos já sabemos, foi baseada em fatos reais de seus familiares, o que reforça mais ainda o privilégio da experimentação desta leitura, que, por ser ficção, vai além de uma documentação, ou registro destes fatos.

4.5 O sofrimento por trás da obra: emoções e sensibilizações do autor e do leitor

Já abordamos ao longo dos tópicos anteriores, conforme foi aparecendo em meio aos demais comentários, sobre aspectos que marcam o trauma vivido principalmente pelo protagonista K., como também a luta pela sobrevivência da memória, pelo não esquecimento. No entanto, como esta foi uma questão abordada por vários internautas da *Skoob*, resolvemos abrir um tópico para abordarmos com maior exclusividade sobre a memória, o esquecimento e o trauma presentes em *K.: relato de uma busca*, percebidos e expostos por este público receptor da obra.

Frisamos, porém, que, como os temas associados à memória, esquecimento e trauma foram abordados por alguns internautas da *Skoob* em meio a comentários relacionados a outros tópicos, já os analisamos nos tópicos anteriores a fim de não os repetir novamente. Como é o caso do sufoco de K. e a ausência da filha que analisamos na Figura 26, por coincidir com o fragmento que aborda sobre a busca de K., o pai, pela sua filha desaparecida, tópico de análise daquela seção. No entanto, registramos aqui que, do nosso ponto de vista, palavras como *sufoco* e *ausência* remetem à memória, esquecimento e inclusive trauma e, portanto, tínhamos que mencioná-las aqui. O mesmo vale para a palavra *angústia*, sobre a qual viemos abordando ao longo dos outros tópicos, como por exemplo na Figura 10.

Sufoco, ausência, angústia e tantas outras palavras que nos remetem ao sofrimento das vítimas da ditadura. Inúmeros desaparecidos. Milhares de familiares e amigos desolados com os desaparecimentos. K. representa inúmeros cenários de familiares que buscavam por alguém desaparecido, como é também o caso de Zuzu Angel, lembrada pelo internauta da *Skoob* em seu trecho do comentário que representamos na Figura 35, disposta logo mais. Zuleika Angel Jones, conhecida popularmente como Zuzu Angel, foi uma estilista brasileira de grande destaque, mas tornou-se uma figura notória no Brasil também pela procura por seu filho Stuart Angel Jones, militante assassinado pelo governo e transformado em desaparecido político.

Figura 35 – Comentário de internauta da *Skoob* sobre os impactos causados pelo livro *K.: relato de uma busca*

Se não se emocionar com esse livro, pode rasgar a carteirinha de ser humano. Diferente de outros relatos sobre a ditadura, o protagonista já tem uma certa idade, e usa sua condição relativamente privilegiada para buscar uma resposta. Nesse aspecto a história se assemelha à de Zuzu Angel, e mostra uma perversidade única na realidade dos "desaparecimentos". Por outro lado, esta é também uma história do sofrimento judeu, e tudo o que acontece não passa de repetição de outros massacres históricos.

Tanto a busca de K. quanto a de Zuzu Angel mostram, para o internauta da *Skoob*, uma perversidade única em virtude dos “desaparecimentos”. Entendemos que *desaparecimentos* está entre aspas pelo mesmo motivo que as palavras *é desaparecida*, que foram escritas por outro internauta da *Skoob*, empregadas no trecho representado na Figura 31, com o sentido de que mataram, sumiram com o corpo da vítima. Tanto a palavra *perversidade* quanto a *desaparecimentos* entre aspas simbolizam uma memória traumática vivida por familiares como K. e Zuzu Angel.

Outra palavra que nos reporta ao trauma carregado pelos familiares das vítimas desaparecidas é *massacres*, empregada pelo internauta da *Skoob* no final do trecho de seu comentário. Percebemos, por meio de suas argumentações, que este leitor de *K.: relato de uma busca* sente certa euforia com a situação, ainda mais porque ele sabe que os episódios narrados foram baseados em fatos reais. Também no título de seu comentário o internauta da *Skoob* expressa sua indignação com a perversidade dessa época, pois ele afirma de forma incisiva e estupefacente que é impossível não se emocionar com a leitura de *K.: relato de uma busca*.

Figura 36 – Comentário de internauta da *Skoob* sobre os impactos causados pelo livro *K.: relato de uma busca*

Alguns podem considerar a leitura um pouco árdua. É um livro que te afeta de diversas maneiras. Você começa a imaginar de como tivemos sorte de não ter nascido nessa época. Você se pega imaginando como deve ter sido a vida das pessoas que tiveram filhos, pais, mães, irmãos desaparecidos; sem saber se continuavam vivos. Durante a leitura paramos para pensar em quantas pessoas não foram mortas e torturadas; no sofrimento dos familiares que nunca tiveram a chance de se despedirem de seus entes queridos; de como nunca tiveram a chance de enterrarem os corpos, pelo fato de não existirem um corpo para enterrar.

K. apesar de ser um relato de um pai em busca de sua filha, também é um relato de todos aqueles que procuraram sem descanso, sem desanimar pessoas que desaparecem sem deixar rastros. É a história de pessoas que nunca desistiram da procura, e que mesmo quando lá no fundo sabiam que nunca encontrariam os desaparecidos, mantiveram a fé e a esperança.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Já outro internauta da *Skoob*, cujo comentário representamos na Figura 36, caracteriza a leitura de *K.: relato de uma busca* como árdua, e que ela impacta aos leitores de diversas maneiras. Assim como outros, também este leitor de Kucinski se coloca no lugar do autor, da situação dos sujeitos sobre os quais é narrado, e afirma que as pessoas de hoje em dia têm sorte de não terem nascido naquela época, devido ao fato de inúmeras pessoas terem familiar(es) desaparecido(s).

Ainda no mesmo parágrafo, o internauta da *Skoob* realiza argumentações relacionadas ao ato de ler *K.: relato de uma busca*, frisando que o leitor faz pausas para pensar, refletir sobre quantas pessoas foram mortas e torturadas, e sobre o sofrimento dos familiares que nunca tiveram chance de se despedir dos entes queridos e enterrar os corpos deles. Portanto, a capacidade de o leitor compreender a situação vivenciada por outro e narrada por meio do texto ficcional é concretizada também para este leitor de Kucinski.

No próximo parágrafo de seu comentário, o participante da rede *Skoob* afirma que *K.: relato de uma busca* é também um relato que representa todos aqueles que procuraram exaustiva e esperançosamente por seus familiares, desaparecidos misteriosamente, sem deixarem rastros. Na segunda frase deste parágrafo, este receptor da obra kucinskiana acentua sobre a persistência das pessoas não desistirem de buscar pelos seus familiares mesmo sabendo, no fundo, que não encontrariam os desaparecidos, e termina reforçando sobre a fé e a esperança sentidas por eles.

Figura 37 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre os impactos causados pelo livro *K.: relato de uma busca*

brasileira. Eu estava sentindo falta de um romance brasileiro que expusesse o cruel sistema de apagamento de desaparecidos políticos (não só o governo, como a mídia e a população brasileira o promovem, ou pior: o próprio e natural passar do tempo abate o personagem principal em sua quixotesca busca pela verdade.). Já havia tido outras experiências, sobretudo o "Reflexos do Baile",

Fonte: *SKOOB*, 2019.

A busca esperançosa das pessoas por familiares desaparecidos também é percebida e manifestada por outro internauta da *Skoob* em parte de seu comentário, o qual representamos na Figura 37. Segundo este leitor de *K.: relato de uma busca*, este livro é um romance brasileiro pelo qual ele esperava, pelo fato de ele expor o cruel sistema de apagamento de desaparecidos políticos, e diz que neste ato não estava envolvido somente o governo, mas também a mídia e até mesmo a população brasileira.

Ao salientar sobre o apagamento de desaparecidos políticos, o internauta da *Skoob* conduziu seu comentário para a personagem principal de *K.: relato de uma busca*, que se desanima com o tempo, e reforça que isto é natural. A esta ação de persistência e busca pela verdade, este leitor de Kucinski atribui a palavra *quixotesca*. Esta adjetivação é oriunda do personagem principal de *Dom Quixote*, escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes, e que possui como protagonista aquele que origina inclusive o título do livro. Dom Quixote é um pequeno fidalgo que sai pelo mundo em busca de justiça, e sua imaginação faz com que ele se sinta

motivado a colocar ordem no mundo. Moinhos de vento, por exemplo, ele enxerga como gigantes, que Dom Quixote resolve enfrentar sozinho.

A relação com *Dom Quixote*, no entanto, não é concretizada no sentido da aventura, da imaginação fértil, mas sim por que tanto no livro de Cervantes quanto no de Kucinski há como protagonista um senhor já de idade que percorre incansavelmente em busca de seus ideais. Porém, enquanto Dom Quixote corre atrás de aventuras alucinógenas, K. quer descobrir o que aconteceu com sua filha, pelo menos encontrar seu corpo para poder realizar a despedida religiosa.

Figura 38 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre os impactos causados pelo livro *K.: relato de uma busca*

gosto de livros que tratam da ditadura no Brasil. Mas esse tem o diferencial de abordar o sofrimento causado pelos assassinatos dos presos políticos através da visão dos familiares, que precisaram conviver com a dor de sequer conseguir enterrar seus mortos. Conta a historia de um pai que faz de

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Outro internauta da *Skoob* registra em seu comentário, cujo trecho é disposto na Figura 38, que *K.: relato de uma busca* possui um diferencial com relação aos demais porque o sofrimento causado pelos assassinatos dos presos políticos é narrado por familiares, os quais precisaram conviver com o desespero e a dor por não conseguirem enterrar seus mortos. Este internauta, porém, não deixa explícito que se coloca no lugar do autor ou do personagem, assim como muitos outros, como é o caso do internauta que tem um trecho de seu comentário representado na Figura 39.

Figura 39 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre os impactos causados pelo livro *K.: relato de uma busca*

que dói. Dói saber e sentir o quanto o protagonista sofreu, assim como muitas famílias também sofreram, no período da ditadura militar. A história narra a vida do senhor K., um imigrante judeu que

Fonte: *SKOOB*, 2019.

A comoção do internauta da *Skoob* manifestada por meio do trecho de seu comentário que representamos na Figura 39 é nítida, pois ele faz sobressair que dói saber e sentir o quanto o protagonista sofreu. Portanto, este leitor toma as dores do personagem, do autor e de seus familiares, e ainda salienta que muitas outras famílias sofreram no período da ditadura militar.

Nós, leitores de *K.: relato de uma busca*, percebemos que tais personagens carregam consigo uma espécie de trauma. Afinal, dor e sofrimento em excesso são traumáticos e é natural que o leitor se sensibilize com a história de um pai que sofre na busca vã de encontrar sua filha desaparecida. De forma comovente, o internauta da *Skoob*, autor do fragmento de seu comentário representado na Figura 40, explana sobre as sensações despertadas nele durante a leitura de *K.: relato de uma busca*.

Figura 40 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre os impactos causados pelo livro *K.: relato de uma busca*

narrador machucado, Kucinski conta-nos a história de seu pai: a descoberta do desaparecimento, do casamento secreto para ele, do envolvimento da filha no movimento anti-ditadura. E é dura, meus caros, essa história que deixa o leitor também com olhos tristes e molhados, vivendo 40 anos depois (o desaparecimento é em 1974) a angústia latente e a ânsia em ao menos descobrir - tudo o que estas famílias vivem até hoje e o tempo vai apagando da mente de outros. Apesar de ser o relato de um pai especificamente procurando uma filha, é sim uma lembrança e homenagem a todos que desapareceram nesse período amargo da história brasileira. Os sobreviventes são isso mesmo: ganham uma sobrevida, mas seria viver? Viver morrendo cada dia um pouco, correndo atrás de um corpo que não mais existe para chorar.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Conforme escreveu em seu comentário representado na Figura 40, o internauta da *Skoob* se emociona com o livro *K.: relato de uma busca*, no qual Kucinski conta a história de seu pai, sobre o desaparecimento de sua filha, o casamento secreto e o envolvimento dela com o movimento contra a ditadura. Essa história dura, conforme caracteriza o internauta da *Skoob*, deixa o leitor com os olhos tristes e molhados, manifesto de comoção pelo próximo – pela história escrita por Kucinski e pelos fatos reais nos quais ele se baseia.

O tempo não permitiu o esquecimento dos fatos, estes vivos na memória de Bernardo Kucinski. Afinal, este familiar de uma desaparecida passou, como o internauta da *Skoob* acentua, 40 anos vivendo a angústia da perda, do desaparecimento, já que sua irmã desapareceu em 1974. No final deste parágrafo do seu comentário, o internauta da *Skoob* diz que o tempo vai apagando da mente de muitos o que inúmeras famílias viveram sofredamente na época, e vivem até na atualidade.

No próximo parágrafo de seu comentário, o internauta da *Skoob* salienta que *K.: relato de uma busca* é o relato de um pai especificamente procurando sua filha, e simultaneamente é uma homenagem a todos que desapareceram durante a ditadura militar, a qual ele caracteriza como um período amargo da história brasileira. E encerra frisando, em meio a certa inquietude, que os familiares vivos morrem cada dia um pouco procurando um corpo que não existe para

chorar, ou seja, desgastam-se lutando por mais que justiça, por humanidade, por amenização de sofrimento, por paz de espírito.

Figura 41 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre os impactos causados pelo livro

K.: relato de uma busca

corpos dos militantes desaparecidos? Não, realmente eles não existem. Existe, porém, uma dor em todos os diretamente envolvidos no processo: torturados, familiares, amigos, que nunca vão esquecer uma lembrança apagada na mente de outros tantos milhões de brasileiros. Dor é o que este livro traz. Sentimentos de injustiça, tristeza, compaixão vêm junto. E o coração fica um pouco mais pesado.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Como já pudemos perceber, a dor que *K.: relato de uma busca* carrega em suas palavras e páginas é algo enfatizado por muitos internautas da *Skoob*, os quais alegam que é uma dor sentida também pelos leitores, que é o que ocorre também com o autor do trecho do comentário que representamos na Figura 41. Segundo este internauta da *Skoob*, existe uma dor em todos que estão envolvidos no desaparecimento de militantes, sejam eles mesmos, os que foram torturados e sobreviveram, os familiares, ou os amigos, e outros que jamais esquecerão aquilo que grande parte da população deleta de sua mente.

Na sequência de seu comentário, o internauta da *Skoob* ainda explana sobre a dor, mas agora sobre a sentida pelos leitores, por aquela que está carregada no livro e é trazida aos seus receptores por meio dele. Ele também ressalta que sentimentos de injustiça, tristeza e compaixão vêm junto com ela e também são experimentados pelos leitores. O receptor de *K.: relato de uma busca* acrescenta a tudo isto que o coração fica pouco mais pesado, reforçando que o leitor se emociona e sente as dores dos envolvidos no livro.

Em sua tese transformada em livro, Figueiredo (2017, p. 138) corrobora que “ao escrever o livro, Kucinski encerra seu luto e transmite, ao mesmo tempo, a imagem viva da irmã morta, uma ausente que estará para sempre presente no espírito de seus leitores.”. Dessa forma, somos incitados a pensarmos na ocorrência da atualização do texto por meio dos leitores – teoria de Iser (1999a, 1999b) e Jauss (1994) – como forma de rememoração e sobrevivência da memória das vítimas da ditadura através da obra de Kucinski, ao passo que eles se emocionam ao lerem a história escrita por um autor com base em fatos e pessoas reais, dentre estes seus familiares.

Figura 42 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre os impactos causados pelo livro

K.: relato de uma busca

Mas "tudo é um só coração, vamos todos juntos, pra frente Brasil, Brasil..." Tudo é um só tratamento de choque. O coração de K. bate em pane, preso entre as quatro paredes arruinadas do seu corpo de sobrevivente. K. descobre que nos quartos e na TV, o esquadrão de ouro/da morte toca a bola, manda bala, não há mais samba, porra de samba, ele é bom é no couro (arrancando-o) e, se a Copa do mundo é nossa, como ser humano, K. pensa se há quem possa esquecer que fora do estádio, dos gabinetes, dos festivais, expulsa das arquibancada, estropiada, cega, surda e muda, a esperança dos pais dos filhos desaparecidos explode e não aceita a dor de não saber.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

Ao dirigir seu comentário para os sentimentos e o estado psicológico de K., o internauta da *Skoob* do qual representamos o trecho na Figura 42 recorre ao trecho de uma música que ficou muito conhecida no Brasil no período da ditadura. Aliás, tornou-se um ícone para milhares de brasileiros eufóricos, pois foi a música que ganhou um concurso para inspirar a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970⁵. Enquanto milhares de famílias sofriam devido ao desaparecimento de ente(s) querido(s), a maioria cantava “tudo é um só coração, vamos todos juntos, pra frente Brasil,...”.

No entanto, o cenário brasileiro era composto neste mesmo período por pessoas como K., que tinham o coração batendo em pane, em desespero por estarem presos entre quatro paredes, presos no próprio corpo sobrevivente que estava inconformado com as atrocidades acontecidas a si e ao familiar desaparecido. Logo, enquanto alguns cantavam “tudo é só um coração, vamos todos juntos, pra frente Brasil”, outros poderiam empregar a palavra *trás* no lugar de *frente*. E pensamos que é isso que este internauta da *Skoob*, receptor de *K.: relato de uma busca*, quer enfatizar, que também o coração dele, de leitor, sofre ao ler e testemunhar a trama de K.

Outrossim, ao tratarmos especificamente do arquivamento (registro) e propagação de informações relacionadas ao período da ditadura militar e o sofrimento de milhares de vítimas, a exemplo de K., podemos equiparar tal literatura à mediação abordada por Martín-Barbero (1997), sobretudo de um período como os 21 anos de chumbo no Brasil. Afinal, temos “necessidades humanas” voltadas ao trauma, ao sofrimento, às obscuridades vividas pelas vítimas desse período em que muitas atrocidades aconteciam às escuras.

⁵ Conforme consta na Wikipedia, “**Pra frente Brasil** é uma [canção](#) composta por [Miguel Gustavo](#) para inspirar a seleção brasileira na [Copa do Mundo FIFA de 1970](#).” e “sua origem deve-se a um concurso (com premiação de dez mil [cruzeiros](#)), organizado pelos [patrocinadores](#) das transmissões dos jogos da Copa.”.

Estas necessidades dos autores registradas em livros ficcionais, como *K.: relato de uma busca*, fazem com que leitores se comovam durante a realização da leitura, e muitos se manifestaram sobre esta(s) leitura(s), como é o caso dos internautas da *Skoob* a respeito do livro de Kucinski, exemplificando, dessa forma, na prática sobre a mediação da pluralidade de matrizes culturais, abordada por Martín-Barbero (1997). Estes leitores plurais de *K.: relato de uma busca* que se manifestaram a respeito dessa obra na rede *Skoob* e as análises que realizamos a respeito deles nos permitiram criarmos a seguinte tabela sintetizadora dos resultados que identificamos nos comentários deste grupo receptor da obra kucinskiana:

Tabela 1 – Sintetização dos principais resultados averiguados em comentários dos internautas da *Skoob* sobre a obra *K.: relato de uma busca*

Estrutura e linguagem	Realidade X ficção	Relações (a)temporais Passado, presente e futuro	Ditadura na obra: Busca do pai pela filha	Emoções e sensibilizações do autor e do leitor
Obra de fácil compreensão.	Mescla entre a realidade e a ficção: <i>sufocante, doloroso</i>	Representação dos tempos da ditadura – não deve voltar	Denúncia das mazelas da ditadura – um regime autoritário	A dor de K. e Kucinski tornam-se as dores dos leitores
Leitura que flui. Qualidade literária.	Maneira que Kucinski encontrou para realizar o luto	Alerta para o presente e o futuro	Vítimas silenciadas, familiares desesperados	Perversidade. Massacre. “O livro dói”.
Relato <i>sincero</i> e <i>duro</i> .	Comovente. Espetacular	Maldades e ódios das pessoas	K., protagonista, o pai. Kaddish e língua lídiche	Fé e esperança - busca
Autor se mantém fiel a seu propósito e ainda deixa a obra convidativa	Autor diferente/ diferenciado por ficcionalizar a realidade	Lutar contra o não esquecimento dos embates trágicos Gagnebin (2006)	Filha – professora de Química – desvinculada. Casada clandestinamente	Trauma. Injustiça. Tristeza. Memória.
Estilo de escrita – Relação com <i>O processo</i>	Arquivamento da realidade da ditadura militar Figueiredo (2017)	Nomes políticos, como Bolsonaro e Boilesen	Testemunha (Gagnebin 2006); e Seligmann-Silva (2000) contemplação	Rememoração. Emoção – fusão de horizontes – Zilberman (1989)

Fonte: nossa própria autoria.

Em suma, identificamos certa singularidade na leitura realizada pela maioria dos internautas da *Skoob*, pois, por meio de seus comentários, percebemos que eles se sensibilizam com a história narrada em *K.: relato de uma busca*. A literatura, principalmente como esta encontrada em livros como o de Kucinski, é sensibilizadora. Enfim, a emoção é possibilitada aos leitores graças àquilo que Zilberman (1989) descreve como fusão de horizontes, ou seja, há uma concretização de sentido estabelecida pelo leitor porque ele funde seus conhecimentos e sua capacidade de compreensão, interpretação e aplicação àquilo que lê, ao texto escrito por

outro ser, o autor, que também possui uma matriz cultural própria. E os internautas da *Skoob*, receptores de *K.: relato de uma busca*, tornam-se (re)produtores de significações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de *K.: relato de uma busca*, Bernardo Kucinski presenteia seus leitores com uma leitura emocionante para muitos e convida-os a adentrarem a um mundo do passado por meio de uma reviravolta a escombros do tempo da ditadura militar, que guarda dores e resquícios até os dias de hoje. Precisamos ter cuidado ao remexermos com um passado tão cruel, mas a muitos isso é necessário. Para Kucinski não foi diferente, pois *K.: relato de uma busca* é sobretudo uma forma de realizar o tão aguardado *kadish* em homenagem à sua irmã desaparecida... Uma vida “apagada” e um corpo sem destino conhecido.

Por mais triste que seja, a morte simboliza um ponto final, mas uma pessoa desaparecida é uma ausência, uma vírgula perdida em meio a incompletudes. Reticências de sofrimento marcam a ausência do corpo da filha desaparecida e deixam no ar vários sinais de interrogação e exclamação de socorro. A pessoa desaparecida se mantém viva na alma do familiar que sobreviveu e sofre com a culpa, o medo, as (in)certezas, a dor, e tantos outros sentimentos e sensações que destroem uma pessoa que está sofrendo.

Para muitos leitores de *K.: relato de uma busca*, participantes da rede *Skoob*, este livro é uma forma de denúncia, de justiça, de acertar as contas. É o sufoco transformado em palavras. É a culpa e a ausência de alguém transformadas em narrativa. É o silêncio gritado por meio da literatura. É o registro do calvário, seu arquivamento, como denomina Figueiredo (2017) em seus estudos a respeito dessa obra kucinskiana. O arquivamento, no contexto abordado por esta estudiosa, do qual nos valemos em nossas pesquisas, possui sentido de registro, que visa a propagação de informações a mais pessoas.

De nada adiantaria Kucinski realizar o registro dos fatos por meio de *K.: relato de uma busca* se não houvesse quem o recebesse. No entanto, os leitores da *Skoob*, as quatro publicações de *K.: relato de uma busca* e suas traduções para outras línguas provam que esta obra contemporânea atingiu e conquistou considerável público, e, ao que tudo indica, ainda continua sendo recebida por demais leitores, possivelmente prefigurados por Bernardo, mas ao que tudo indica a obra conquistou um público considerável, que vai além do esperado pelo autor.

Por meio de *K.: relato de uma busca*, Kucinski foi recebido em vários lares, e alguns destes leitores lançaram no mundo virtual por meio da *Skoob* suas principais percepções a respeito do livro. Comentários estes que permitiram nossas análises, assim como as teorias da estética da recepção de Jauss (1994) e do efeito estético de Iser (1996b, 1999a), as quais

visitamos e revisitamos inúmeras vezes, e a cada novo contato nos deixavam mais fascinados pelas suas abordagens.

Percebemos que cada um dos internautas da *Skoob*, receptores de *K.: relato de uma busca*, identificaram aspectos diferentes em suas leituras, pelo menos é o que indicaram as manifestações realizadas por eles nesse dispositivo de mediação virtual. Muitos também registraram comparações entre o livro de Kucinski e outros autores, dentre os quais se sobressaiu Kafka. As semelhanças entre as obras dos dois autores vão muito além para o fato de que nos livros desses dois autores a personagem principal possui o mesmo “nome” – K. Ambos os autores narram sobre absurdismos vividos por pessoas que sofrem com a perda, o medo, as maldades cometidas por outros.

Além de ser uma forma de registro sobre a ditadura, ápice do absurdismo, *K.: relato de uma busca* é também uma lembrança às vítimas da ditadura. Kucinski até pode ter se baseado em fatos ligados a seus familiares, com ênfase à sua irmã desaparecida. No entanto, este livro é ao mesmo tempo uma homenagem não só a ela e a seu pai, que tanto a buscou, mas também a todas as vítimas da ditadura, tendo esta sido um verdadeiro genocídio, holocausto brasileiro, como foi registrado por receptores de Kucinski na rede social *Skoob*.

Dessa forma, é encontrada relação com a comunicação desde aquilo que está escrito até na forma como o texto é apresentado ao leitor, haja vista que ela é um espaço estratégico, inclusive por possibilitar que as informações circulem mais depressa. Nessa ágil proliferação de informações existem meios de comunicação, como os da internet, que, inclusive, são acessíveis à maior parte da população. Logo, diferentes sujeitos sociais têm a possibilidade de se comunicarem via esses meios e, assim, há uma pluralidade de identidades culturais perpassadas virtualmente. Temos, portanto, comunicação por meio de mediações, o que é enfatizado por Martín-Barbero (1997) em seus estudos sobre as matrizes culturais.

Estamos, desse modo, diante de uma cultura heterogênea, na qual também estão inseridos os familiares das vítimas torturadas e mortas que têm uma cultura diferente, instaurada pelo sofrimento vivenciado. Nos registros dessas vivências traumáticas nos deparamos com informações conhecidas inclusive por aqueles que não querem que as informações relacionadas a esses acontecimentos se tornem públicas.

Nessa literatura diversificada, na qual vem à tona o sofrimento de vítimas de um período que combalou muitas pessoas que foram contra a ditadura, revela-se o desconhecimento ou a ignorância de muitos sujeitos, ou até mesmo o preconceito existente com relação às pessoas com princípios e ideais diferentes dos militares da época. Contudo, ao tratarmos de uma realidade conflituosa, como a vivida por muitos em meados da ditadura, pode se revelar

simpatia e compaixão por parte de leitores, os quais identificam o preconceito e a discriminação manifestados nos textos escritos por aqueles que registram em seus textos seus sofrimentos e suas experiências inquietantes.

Outrossim, a literatura baseada em uma realidade cruel tende a no mínimo comover, emocionar seu público. Isto significa que uma reconstituição da memória é possibilitada graças a inúmeros sujeitos que resolvem ficcionalizar experiências próprias ou baseadas em outrem a fim de informar por meio das massas, inclusive midiáticas, esses episódios marcantes na vida de um determinado grupo de pessoas. Dessa forma, temos a colaboração de cada um para o resgate de uma identidade, a qual é, portanto, formada coletivamente.

Logo, os leitores não ficam necessariamente para eles o que leram nos textos, podendo compartilhar suas opiniões com demais pessoas, e, hoje em dia, com a grande massa das mídias é fácil e rápido passar informações a um grande número de pessoas. Segundo Martín-Barbero (1997, p. 24),

Fora da “generalidade”, o povo é a necessidade imediata – o contrário da razão que pensa a mediação –, não se responderá com leis à descoberta do povo como produtor de riqueza, mas com filantropia: como fazer para sermos justos com suas “necessidades humanas” sem estimular no povo as paixões obscuras que o dominam.

Enfim, sentimo-nos direcionados a um caminho – o da envoltura de um texto ser pensada por um autor que leva em consideração seus possíveis leitores, o que envolve o despertar dos imaginários de todos os envolvidos diretamente ao texto. Temos, então, uma riqueza em *K.: relato de uma busca*, um mediador entre Kucinski e seus leitores, os quais também repassam informações a respeito da leitura que realizaram por meio de comentários realizados na *Skoob*, como é o caso dos nossos *corpora*, o que incita novamente a mediação. Aliás, levar as informações adiante, para outros sujeitos, nos quais está viva a cultura, pode ser sobretudo uma necessidade humana.

Dessa forma, a partir do momento que a interpretação passa a existir graças ao leitor, a recepção do texto faz com que este seja dotado de significação para seu receptor, ou seja, o indeterminado torna-se tangível, ganha estrutura, ganha roupagem. Portanto, as vestimentas que encobrem o livro *K.: relato de uma busca* e seus capítulos são, de modo todo especial, envoltos em uma estilística que justifica sua escolha como *corpora* de análise de nossa pesquisa.

Compreendemos, então, que a significação de um texto está naquilo que o leitor vai descobrir ao longo do processo da leitura, que o caráter instigador do texto está naquilo que ele guarda em suas entranhas, e não naquilo que está em sua obviedade. Em um texto que objetiva

a rememoração do ocorrido com as vítimas da ditadura, por exemplo, o que surpreende o leitor é aquilo que ele não conhece e/ou busca aprofundar a respeito do assunto.

Fazer narrativa com base em episódios reais por si só já é um ato de resistência, é narrar uma trama da realidade. No entanto, quando ela é relacionada a outras obras com características afins, podemos enfatizar que há entre elas uma cumplicidade, mesmo que haja a narração de histórias diferentes. Afinal, a cumplicidade está no fato de ambas possuírem a temática voltada para o mesmo contexto e terem ao menos alguns objetivos em comum através daquele texto, dentre eles o fato de manifestação do que acontecia naquela época, o que permite realizar o almejado processo de rememoração.

Esse caráter de testemunho coletivo, e de manifesto mediante as condições sociais, ainda mais na era digital, implica pensarmos nos lugares e nos meios em que se articulam os diferentes espaços e posicionamentos discursivos. *K.: relato de uma busca* é uma das muitas obras que possuem sua temática voltada à ditadura, e percebemos através da análise dos comentários dos internautas da *Skoob* muitas características que revelam este fato.

Além do mais, narrativas como as que mostram a ditadura vivenciada pelas vítimas e seus familiares não estão em um espaço aquém dos demais textos, mas sim no mesmo mundo, porém mostrando outra realidade, outros pontos de vista. Seu conjunto forma uma cultura de massa que visa a outros públicos, leitores que recebam e compartilhem essa literatura estrategicamente, tanto pela inferência da intenção do autor e do leitor quanto pela composição, e qualidade do texto, que foi algo que percebemos ao longo das averiguações dos comentários realizados pelos internautas da *Skoob*, receptores de *K.: relato de uma busca*.

Nesse sentido, na atualidade é impossível não pensarmos em tecnologias, internet, páginas da web, redes sociais, ao tratarmos da cultura de massa e da circulação de informações. Afinal, esses meios facilitam e aceleram a disseminação da comunicação. É imprescindível, portanto, adequar, muitas vezes, a temática e os propósitos do autor com seu texto para a cultura de massa da sociedade. Tanto a obra narrativa, no caso *K.: relato de uma busca*, quanto os comentários críticos sobre ela, como os de internautas em redes sociais como a *Skoob* comprovam que Kucinski atingiu suas intenções por meio do texto, o meio de comunicação que lhe permitiu propagar seus testemunhos.

Portanto, esses meios virtuais fazem circular mais rapidamente a cultura, articulada pelos autores, editores e demais responsáveis pela produção e recepção do texto. Aliás, o caráter recepcional do texto está embalsamado em um aspecto duplo, o qual é revestido na teoria do efeito estético de Iser (1996b, 1999a). O aspecto afetivo permite que o autor exponha suas

emoções, e que o leitor as receba, e o aspecto verbal é o que torna isto possível graças às palavras, facilitadoras do processo de interação e comunicação.

Por meio dos comentários na rede social *Skoob* a respeito do livro *K.: relato de uma busca* notamos que tanto o aspecto verbal quanto o afetivo podem ser compreendidos e repassados pelos leitores, inclusive no meio digital. Não desprezemos, porém, o fato de que cada página da internet possui suas próprias características e estratégias para fazer circular informações. Dentre estes meios de circulação de publicidade implementada na internet destacamos as redes sociais, inclusive as voltadas a informações literárias e compartilhamentos sobre livros, bem como veículos de circulação on-line de notícias e reportagens, como os jornais e revistas virtuais. Ambos com seus públicos, seus objetivos, suas características, suas especificidades e suas finalidades auxiliam na circulação de informações, como é o caso da rede *Skoob*, a qual nos forneceu nossos subsídios de análise.

O fato de a literatura e o texto literário serem multissignificativos faz com que se revele um contexto consumptível por parte do leitor, uma vez que este se identifica com aquilo que lhe é aprazível no texto, ou seja, com aquilo que ele julgou importante ou interessante. O fato de cada leitor possuir sua própria formação cultural faz com que ele realize uma leitura única, relacionando-a a outros fatos, conhecidos e até mesmo vivenciados ou presenciados por este, o que permitiu, por exemplo, as comparações com outros textos ou acontecimentos históricos pelos internautas da *Skoob* em seus comentários a respeito da obra *K.: relato de uma busca*.

Nos nossos *corpora* conseguimos verificar as produções dos diversos leitores através de seus registros escritos após a realização das três etapas da leitura do método recepcional de Zilberman (1989), ou seja, posteriormente à compreensão, interpretação e aplicação da leitura. No entanto, nossa intenção nunca foi verificar as três etapas, e sim reconhecer que elas existem e que elas foram fundamentais para que cada leitor pudesse realizar a leitura e, posteriormente, pudesse registrar suas percepções a respeito do texto lido.

A hermenêutica literária nos ajudou a verificar as diversas posturas emocionais vivenciadas pelos leitores, as quais foram conduzidas pelo texto, o que Jauss (1994) nos permite concluir graças a seus estudos sobre a estética da recepção. O processo de leitura e recepção de um texto está atrelado ao que Martín-Barbero (1997) descreveu como processo produtor de significações ao teorizar a respeito da comunicação e circulação de informações.

Dessa forma, *K.: relato de uma busca*, devido à sua motivação inspirada em fatos reais, sobretudo pessoais para Kucinski, tem um desígnio valorativo, pois ele permite comunicar e registrar os desabafos, as lamentações, as saudades, as memórias, sobretudo traumáticas, na ótica das vítimas da ditadura militar, excepcionalmente. Esta ficção, que possui como fio

narrativo a trama de um pai que busca sua filha desaparecida, carrega muito sofrimento em suas páginas, as quais causam emoções e sensibilizações nos leitores.

O despertar dos sentimentos, no entanto, precisa também do leitor, o qual, conforme já averiguamos em Iser (1999b), está impelido a uma busca de sentido, ou seja, a interpretação e a compreensão do texto dependem sobretudo do próprio leitor. Para guiar seu receptor, porém, o texto possui lacunas, as quais, em verdade, instigam o leitor a realizar a leitura, pois é o que ele ainda não sabe que normalmente o motiva ao ato de ler.

De maneira análoga, podemos afirmar que as lacunas, as indeterminações, as negações e os lugares vazios conceituados e estudados por Iser (1996b, 1999a) são como o doce proibido à criança. Ela fica ainda mais alvoroçada, frenética, por aquilo que lhe foi negado. No entanto, no momento em que ela consegue o doce, acaba sua insistência, pois aquela vontade, para ela necessidade, foi preenchida, sanada. Ou seja, a negação passou a ser inexistente e o lugar vazio foi preenchido. Assim, se os mistérios do texto forem desvendados, não tem o que ser negado ou ocupado.... E está aí o fato de o texto possuir caráter indeterminado e interminável, sendo, portanto, uma fonte inesgotável de informações.

O encontro do leitor com o texto pode revelar o que há de mais belo em um mundo, sobretudo no imaginário. O autor e o texto são generosos com o leitor, pois deixam lacunas a serem preenchidas por este. O leitor, por sua vez, tem a bondade de receber o texto escrito por outro de acordo com sua cultura. Dessa forma, a atualização do texto realizada pelo leitor ocorre influenciada pelas matrizes culturais de cada sujeito, e nisto está o que há de mais extraordinário, pois não temos, assim, apenas a atualização do texto, mas também da cultura.

Graças aos sujeitos envolvidos em um texto, desde a sua escrita até sua recepção, temos uma miscigenação cultural. Um texto pode ser recebido por milhares de sujeitos, cada um com sua própria e única matriz cultural, e a leitura realizada por cada sujeito será, portanto, também exclusiva. Poderíamos dizer que no processo de leitura, há, então, um elo, uma aliança entre a tríade autor-texto-leitor, um casamento permitido por todos os sujeitos envolvidos neste ato.

Dado o exposto, concluímos que há uma relação de cumplicidade entre o autor, o texto e o leitor, pois este, o receptor do texto, precisa de auxílio e condições para que possa compreender o que o texto possui em si e, assim, fazer a realização da leitura de forma mais tranquila e que vá ao encontro das intenções e das situações (a)moldadas pelo autor. Este, por sua vez, precisa do texto para se comunicar com seu público, e necessita do leitor para que seus registros escritos sejam atualizados e continuem vivos. Esperamos que tenham tido uma boa recepção e busquem estar nos braços e abraços de seus familiares e amigos! Obrigado pela visita!

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 14. ed. Petrópolis, RS: Vozes, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. Teoria das mediações e estudos culturais: convergências e perspectivas. In.: *Revista Líbero*: São Paulo. v. 12, n. 23, junho de 2009, p. 117-127.

ISER, Wolfgang. *A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção*. Tradução de Maria Angela Aguiar. Porto Alegre: Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Volume 3, Número 2, 1999b.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999a.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996b.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996a.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In.: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima e Peter Naumann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 85-103.

KUCINSKI, Bernardo. *Currículo do sistema Currículo Lattes*. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4793370U9>. Acesso em: 08 de maio de 2019.

KUCINSKI, Bernardo. *K.:* relato de uma busca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

PEREIRA, Rogério. A libertação de Kucinski. In: *Rascunho*. Abril de 2014. Disponível em: <http://rascunho.com.br/a-libertacao-de-kucinski>. Acessado em 20 de maio de 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSK, Arthur. SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Orgs.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000. p.73–98.

SKOOB. <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/207967/edicao:426975>. Acessado em 01 de maio de 2019.

TAKETANI, Yasmin. Entrevista [Bernardo Kucinski]. In: *Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco*. 05 de setembro de 2016. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1671-entrevista-bernardo-kucinski.html>. Acessado em 20 de maio de 2018.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.